

RIL



revista literária

18

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Patrocinada pelo Departamento de Assuntos
Estudantis do Ministério da Educação e Cultura.**

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes the need for transparency and accountability in financial reporting.

2. The second part of the document outlines the various methods and techniques used to collect and analyze data. It highlights the importance of using reliable sources and ensuring the accuracy of the information gathered.

NOVEMBRO DE 1983 * ANO XVII * NÚMERO 18

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, número 18, foram feitas por Jymmy Leroy, aluno da Escola de Belas Artes, e Rúbia Roberta, professora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais.



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

CENTRO DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 — sala 452 — 4º andar

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

Nota editorial	7
Entrevista com Plínio Carneiro	9
CONCURSO DE CONTOS	
Uma Quarta-Feira Antiga — Antenor Pimenta Madeira	17
Paráfrase — Lúcio Emílio do Espírito Santo	30
Sonhos no Espelho — Maria Beatriz Mac Dowell da Costa	36
<i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i>	
As Esposas Mortas — Edmundo de Novaes Gomes	43
O Sortilégio da Violeta — Maria Esther Maciel de Oliveira	47
Nas Margens do Caderno — Alan de Freitas Passos	52
CONCURSO DE POEMAS	
Os Sentidos — Fato — Sérgio Coelho de Medeiros	59
Os Sentidos — Visão — Sérgio Coelho de Medeiros	61
Os Sentidos — Faça (como fazer) — Sérgio Coelho de Medeiros ..	62
Os Sentidos — Faça (como fazer) — Sérgio Coelho de Medeiros ..	63
Os Sentidos — Audição — Sérgio Coelho de Medeiros	64
Os Sentidos — Olfato — Sérgio Coelho de Medeiros	65
Os Sentidos — Paladar — Sérgio Coelho de Medeiros	66
Poema de Segunda-Feira — Nuno Tomaz Pires de Carvalho	68
Aviso a um Pacato Cidadão — Nuno Tomaz Pires de Carvalho	70
A Ana Espalhou Retratos — Nuno Tomaz Pires de Carvalho	71
Uma Estorinha à Toa — Nuno Tomaz Pires de Carvalho	72
Poema do Exílio — Nuno Tomaz Pires de Carvalho	73
Estorinha Matreira — Maria Esther Maciel de Oliveira	74
Querências — Maria Esther Maciel de Oliveira	74
Testemunho — Maria Esther Maciel de Oliveira	75
Gestação — Maria Esther Maciel de Oliveira	76
Conceito — Maria Esther Maciel de Oliveira	76
<i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i>	
Noturno nº 0 — Luci Clea Soalheiro	79
Sandramara — Luci Clea Soalheiro	80
Retrospectiva — Luci Clea Soalheiro	80
Balango — Roberto Barros de Carvalho	82
Clube Princesa Isabel Rosa de Ouro — Roberto Barros de Carvalho .	82

Duo — <i>Roberto Barros de Carvalho</i>	82
Um Pijama Para Dois — <i>Roberto Barros de Carvalho</i>	83
Dói Demais o Braço — <i>Roberto Barros de Carvalho</i>	83
Inventário — <i>Roberto Barros de Carvalho</i>	84

SEGUNDA SEÇÃO

Poemas

Torres Altas — <i>Leda Maria Martins</i>	89
Os Vaga-Lumes Desaparecem I — <i>J. N. Bedran</i>	91
Os Vaga-Lumes Desaparecem II — <i>J. N. Bedran</i>	92
Os Vaga-Lumes Desaparecem III — <i>J. N. Bedran</i>	93
Pampulha — <i>Ronald Claver</i>	94
Speak White — <i>Michèle Lalonde</i> (tradução de <i>Eunice Dutra Galéry</i>)	95
Festa do Divino em Diamantina — <i>Adão Ventura</i>	99
Rito de Passagem — <i>Paulinho Assunção</i>	100
O Poema — <i>Sérgio Alves Peixoto</i>	102
Hamlet — <i>Sérgio Alves Peixoto</i>	102
Esfinge — <i>Sérgio Alves Peixoto</i>	103
Para Drummond — <i>Maria do Carmo Brandão</i>	104
Mulher Operária — <i>Maria do Carmo Brandão</i>	105
Fatos Fundamentais com sabor a Barroco — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	106
Fruição — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	106
Análise — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	107
Pauta — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	107
Aparência — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	108
O Inexplicável — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	108
Mudo — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	109
Em Surdina — <i>Eunice Dutra Galéry</i>	109

CONTOS

Nós, Marginais — <i>Ana Maria de Almeida</i>	113
O Círculo da Destruição — <i>Sandra Lyon</i>	121
Gallina — <i>Duílio Gomes</i>	123
As Carpideiras — <i>Arthur Lopes Filho</i>	127

ENSAIOS

E o que era papel, molhou-se; o que era vidro, quebrou-se; entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra — <i>Maria Zilda Ferreira Cury</i>	131
Literatura Infantil: Entre o Selvagem e o Doméstico — <i>Ivete Lara Camargos Walty</i>	146

RESENHA

Estatística da Revista Literária	162
Relação de Contos Recebidos	163
Relação de Poemas Recebidos	165
Publicações Recebidas	177
Algumas Críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG	180

NOTA EDITORIAL

A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais lança seu 18º número, em meio a grandes transformações e a grave crise.

No início do ano de 1983, o professor Plínio Carneiro, um dos mais atuantes fundadores da Revista, entregou a responsabilidade de sua publicação à Faculdade de Letras da UFMG, ou, mais precisamente, a seu Centro de Extensão. Como coordenadora do Centro, demos continuidade a esse trabalho, com plena consciência das dificuldades que seriam enfrentadas.

O concurso anual de contos e poesias realizou-se com o apoio e patrocínio da Reitoria da UFMG, na pessoa do Magnífico Reitor, professor Dr. José Henrique Santos; da Pró-Reitoria de Extensão e seu Pró-Reitor, professor Renato Quintino dos Santos; da Pró-Reitoria de Pesquisa e sua Pró-Reitora, professora Glaura Vasques de Miranda; da Pró-Reitoria de Graduação e sua Pró-Reitora, professora Auxiliadora Córdova Christófaro; da Faculdade de Letras e sua Diretora, professora Maria da Conceição Magalhães Vaz de Mello, e, finalmente, desse Centro de Extensão.

Todavia, a séria crise que atinge a nossa Universidade, no mesmo triste compasso que dificulta qualquer atividade de ensino, pesquisa e extensão no país, fez com que fosse organizada, com certo atraso, a publicação deste número. Muitos foram os obstáculos: falta de verbas, número insuficiente de funcionários; e, finalmente, a paralisação de todas as atividades docentes e administrativas nas universidades brasileiras, como única forma encontrada para se denunciar a ameaça de destruição de nossas mais sagradas instituições culturais e científicas.

Tudo isso tornou impossível, até agora, promover uma necessária correspondência com aqueles que prestigiam esta tradicional Revista. Agradecemos, aqui, a todos, leitores, escritores e editores, que nos enviam seus trabalhos, esperando que melhores tempos nos permitam promover a troca de correspondência, a resenha e a crítica de todo material recebido, sempre no propósito de estabelecer um intercâmbio, no plano nacional e internacional, dessas criações que ainda nos confortam e nos incentivam ainda mais, no meio de tanta opressão, de tanto descaso pelas ciências das letras e do espírito.

Esperamos que essas trevas se dissipem e que o escritor, agora mais do que nunca um operário das letras, possa realizar sua grande obra: a criação em busca da liberdade e da defesa de nossos mais autênticos valores.

Agradecemos a colaboração dos professores Maria Helena Rabelo Campos, Valmiki Villela Guimarães, Ronald Claver Carmargo, que compuseram a comissão julgadora do 18º Concurso de Contos e Poesias, assim como a seus patrocinadores.

ENTREVISTA COM PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

Coordenadora do Centro de Extensão

- Plínio, conte para nós como a Revista Literária surgiu.

P.C. A Revista Literária do Corpo Discente da UFMG foi fundada em 1960 por autorização do então Reitor, Professor Aluísio Pimenta. Havia em Belo Horizonte um movimento literário comandado pelo Luiz Vilela e pelo Luís Vieira; esse grupo e mais outras pessoas editavam contos e poesias em papel craft, em papel jornal e distribuía entre a comunidade jovem universitária. Luiz Vilela e Luís Vieira me procuraram um dia, querendo que a Universidade editasse as obras deles. Um deles era meu colega de faculdade, estudava Comunicação; e o outro era do Curso de Letras. Dessa conversa com eles, nasceu a idéia de fazer uma Revista Literária, que circulasse entre os alunos da UFMG, porque na universidade já havia uma revista de técnicos e pesquisadores e não havia nada dos alunos e nada de literário. A própria Faculdade de Letras, que na época chamava curso de Letras da Faculdade de Filosofia, não tinha nenhuma revista no gênero. Então nós levamos a idéia ao Aluísio Pimenta, que imediatamente a acatou, sugerindo que fizéssemos um concurso literário com a participação de todos os alunos de graduação, pós-graduação e até alunos do Colégio de Aplicação; os trabalhos premiados seriam publicados juntamente com outros trabalhos universitários. Assim, com a autorização e com o incentivo do professor Aluísio Pimenta, nasceu a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG.

* **Qual foi a primeira comissão da Revista?**

P.C. Eu era assessor de imprensa do Professor Aluísio Pimenta, por isso ele me nomeou para a comissão e convidou também o Luiz Vilela e o Luís Vieira para formá-la. Então nós fizemos, em dois meses, o estatuto da Revista e organizamos o concurso literário do qual Henry Correa de Araújo foi o 1º vencedor. Daí por diante houve uma série de outros concursos, cujos vencedores são hoje escritores famosos.

* **A Revista continuou recebendo apoio da Reitoria?**

P.C. Podemos dizer que sim. A Revista foi continuando muito bem. Quando terminou o mandato do Professor Aluísio Pimenta, assumiu a Reitoria o professor Gerson de Melo Boson que deu todo apoio à Revista. O professor Boson foi cassado durante seu mandato de Reitor, o mesmo acontecendo com Aluísio Pimenta, que foi aposentado. Entrou na Reitoria, então, o professor Marcelo Vasconcelos Coelho, que deu continuidade a tudo que o professor Aluísio Pimenta e o professor Boson tinham feito. O professor Marcelo nos deu um apoio extraordinário. Durante o mandato do professor Eduardo Osório Cisalpino, muitos professores defenderam a Revista: por exemplo, o professor Fábio Moura, que já era secretário do Conselho Universitário; o professor Hélio Martins de Araújo Costa, da Escola de Veterinária e Diretor do Conselho de Pesquisa naquela época; o professor Haroldo Mattos, da Escola de Belas Artes. O professor Cisalpino mandou fazer uma análise das Revistas existentes na UFMG. O Conselho de Pesquisa organizou a análise, que revelou que as duas publicações mais importantes, para a comunidade universitária, eram a Revista Brasileira de Estudos Políticos, do professor Orlando de Carvalho, que obteve mais pontos — 16 dos 18 pontos distribuídos, e a Revista Literária, que obteve 15 pontos. O professor Cisalpino decidiu então que a Revista Literária não ficaria mais vinculada à Reitoria. A Revista ficava vinculada à Reitoria porque era financiada pelo MEC; esse financiamento a gente tinha conseguido. Então, a Revista Literária foi entregue

à Faculdade de Letras. Nessa época, eu me desliguei da assessoria de comunicação da Reitoria e fui para a Faculdade de Filosofia, como técnico em Comunicação Social.

*** Como foi seu trabalho com a Faculdade de Letras?**

P.C. A Diretoria da Faculdade de Letras pediu-me que continuasse à frente da Revista, o que continuei fazendo até o número 17. A partir do número 13 entraram outras pessoas que tinham amor à Revista, ou que, se não tinham, passaram a ter, como o Ronald Claver e a Ana Maria de Almeida. E na Ana Maria de Almeida, eu vi uma pessoa que não deixaria a publicação sofrer solução de continuidade, quando eu quisesse aposentar-me da Revista, o que efetivamente aconteceu após o número 17. Sabia que ela levaria a Revista até quando pudesse, porque eu também levei enquanto pude.

*** Como a Revista é financiada?**

P.C. Através da Reitoria, com verba do MEC. Mas nas épocas difíceis, eu mesmo pus muito dinheiro meu na Revista. Consegui até apoio de pessoas da Comunidade para patrocínio dos prêmios do concurso. Isso não foi muito difícil, porque muita gente gostou da Revista e gosta até hoje. Muita gente considera a Revista Literária uma promoção muito importante. É a única revista brasileira no gênero; é a única revista brasileira feita por alunos e para alunos. É claro que nela há uma seção, em que colaboram ex-alunos, mas tudo está ligado à vida universitária, à literatura brasileira.

*** Que você pensa, Plínio, da possibilidade de um grupo de alunos organizar ou continuar uma revista como esta? Você acha que os estudantes têm, atualmente, condição de fazer isso?**

P.C. Acho temerário. Não têm não. Atualmente, o aluno é um elemento «episódico», na universidade, já que ele passa por aqui uns quatro anos e vai embora. Ele não tem o mesmo compro-

misso que um professor ou um funcionário tem com a universidade. Em termos hipotéticos, o professor e o funcionário vão ficar na universidade até morrer, isto é, é aqui a vida deles. A vida do aluno não é na universidade, nesse sentido é que é episódica. Desse modo, ele pode implantar um «rodízio» na orientação da Revista; esse ano a Revista seria de um jeito; no próximo, de outro ... Além disso, o estudante não teria nenhum compromisso de fazer a Revista. O aluno pode, evidentemente, participar, mas na direção da Revista tem que haver uma comissão permanente. O aluno pode mesmo impor ou sugerir um ponto de vista, uma linha para a Revista. Eu não acho que as coisas têm de ser eternas. Assim a cada ano pode-se escolher uma linha de publicação: por exemplo, publicar só textos de linha modernista, ou romântica, ou, quem sabe, pornográficas ... Mas eu acho que tudo isso é modismo. O que fica mesmo, o que deve ficar mesmo é uma estrutura editorial. Para respeitar essa estrutura, acho que tem de ser uma pessoa que ganhe para isso. O aluno não ganha nada. Por isso acredito que a comissão tem de ser formada por professores ou funcionários que sejam nomeados para isso.

- **Coincidentemente, essa tem sido até agora a opinião da Comissão que estuda a estrutura da Revista, na Faculdade de Letras. E nessa comissão temos representação estudantil.**

P.C. Não podia ser outra. Porque o aluno se forma e vai embora, vai cumprir sua vida profissional, vai levar sua vida social e familiar, longe da universidade. Desse modo, repito, para organizar uma revista na universidade, só um professor ou funcionário, nomeados para isso e apoiados pela unidade a que pertencem, é que conseguem fazer algo. Fazer literatura no Brasil é um exercício de abnegação, porque a gente encontra a cada passo pessoas sem a menor sensibilidade artística e cultural. Eu, por exemplo, se não tivesse consciência de meu dever, se eu não fosse um jornalista profissional, já teria desistido de lutar pela Revista, tantas foram as dificuldades que surgiram.

- * **Que você gostaria de registrar, agora que sai da Revista que fundou com tanta garra?**

P.C. Eu tenho a certeza de que ela, entregue a Ana Maria de Almeida, vai ser feita com o mesmo carinho e a mesma dedicação com que fiz. Já falaram que a Revista era minha filha, e a uma filha a gente trata sempre bem. Tenho pelas edições da Revista que eu fiz um especial carinho, carinho mesmo, ao ver aquilo que nasceu nas minhas mãos e que cresceu comigo, e que está fazendo 17 anos. Dezessete anos é uma existência. A Revista quase que atingiu a maioridade. A Revista tem muito pedaço meu lá dentro, muitas coisas minhas ... Tenho certeza de que a Ana vai sentir o mesmo com a Revista. Porque se não sentir, a Revista acaba. Porque as coisas, sem amor, sem carinho, sem dedicação, ficam insossas, sem aquele calor humano que faz as coisas todas serem importantes. A Revista Literária se não tiver esse calor humano, se for apenas mais uma tarefa para mais um professor na universidade, vai virar uma coisa sem a mínima importância, vai ficar só naquele papel impresso. A Revista Literária, para mim, pode não ser para os outros, mas, para mim, tem uma importância transcendental. Ela transcende a si própria; já é mais do que ela. Ela tem vida própria.

1. The first step in the process of identifying a problem is to define the problem clearly. This involves identifying the symptoms and the underlying causes of the problem.

2. The second step is to gather information about the problem. This involves collecting data and identifying the resources available to solve the problem.

3. The third step is to generate possible solutions. This involves brainstorming and identifying potential solutions to the problem.

4. The fourth step is to evaluate the solutions. This involves comparing the solutions and identifying the most effective one.

5. The fifth step is to implement the solution. This involves putting the chosen solution into action and monitoring its progress.

6. The sixth step is to evaluate the results. This involves assessing the effectiveness of the solution and identifying any areas for improvement.

RL

revista literária

**CONCURSO
DE
CONTOS**

1. The first part of the text discusses the importance of maintaining accurate records of all financial transactions. It emphasizes that this is crucial for both internal management and external reporting.

2. The second part of the text discusses the importance of maintaining accurate records of all financial transactions. It emphasizes that this is crucial for both internal management and external reporting.

3. The third part of the text discusses the importance of maintaining accurate records of all financial transactions. It emphasizes that this is crucial for both internal management and external reporting.

4. The fourth part of the text discusses the importance of maintaining accurate records of all financial transactions. It emphasizes that this is crucial for both internal management and external reporting.

5.

1º Lugar

**PRÊMIO FACULDADE DE LETRAS
PROFESSOR PLÍNIO CARNEIRO
PSEUDÔNIMO: IAURETÊ**

UMA QUARTA-FEIRA ANTIGA

Antenor Pimenta Madeira

**Curso de Engenharia Mecânica —
Escola de Engenharia**

OS TRÊS BURRICOS

Por estradas de montanha
vou: os três burricos que sou.
Será que alguém me acompanha?

Também não sei se é uma ida
ao inverso: se regresso.
Muito é o nada nesta vida.

E, dos três, que eram eu mesmo
ora pois, morreram dois;
fiquei só, andando a esmo.

Mortos, mas, vindo comigo
a pesar. E carregar
a ambos é o meu castigo?

Pois a estrada por onde eu ia
findou. Agora, onde estou?
Já cheguei, e não sabia?

Três vezes terei chegado
eu — o só, que não morreu
e um morto eu de cada lado.

Sendo bem isso, ou então
será: morto o que vivo está.
E os vivos, longe vão?

(João Guimarães Rosa)

— Engraçado, uma vez o padre disse esta mesma coisa. Falou para mim à guisa de conselho, como você está fazendo. Até trouxe aqui uma velha; ele mesmo pagou o dinheiro que ela cobrava. Chamava-se Maria Fininha e morava na zona. Era feia, meu Deus! Não se parecia nada com a outra. Senti raiva dela, a velha meretriz. Xinguei muito, e a coitada saiu correndo, com medo. O padre faltou me crucificar e disse que vou acabar morrendo à míngua e de solidão. No fundo, não deixa de estar com a razão. Estou cada vez mais sozinho. Além do padre e do cozeiro, você é o único que me aparece nestes últimos anos. Os meninos costumam aparecer, mas só posso ouvir a pancada das pedras e a algazarra que armam pelo terreiro. Jogam pedras no telhado, janelas e paredes.

O padre se cansa de mim às vezes. Então, ralha muito e me manda rezar. Quando está mais calmo, pede que eu conte tudo, assim como estou fazendo para você. Ouve tim-tim por tim-tim, cabisbaixo, meditando. De uma hora para outra, levanta e sai, como se não houvesse ninguém aqui. Sai sem ouvir o resto. Parece que tem uma pancada, mas no fundo é bom. É bom. Se não fosse por ele... É bom ter alguém ouvindo. E como diz o padre, fico menos só. Por isso, vem me ouvir, às vezes... Na verdade, deixe ver... Não, não sou sozinho assim. Afinal de contas, a lembrança dela ficou sendo minha companheira eterna. (As bananeiras sopram no vento um barulho de mulher nua correndo no labirinto das folhas e cachos verdes, e transcende o Reino das Goiabeiras).

Porque fui ter queda logo por ela, hem? Sim, havia moças que podiam até se casar comigo. Entretanto, tudo foi uma espécie de cegueira e não consegui deixar de gostar. Não houve outra. Nem há. E minha Mãe era má comigo, só queria saber daqueles



homens... E se eu nem tivesse nascido? Será que o caso teria deixado de existir também ou outro iria nascer e tudo tornava a acontecer da mesma forma?

Fui um menino assim meio guardado. Dentro de mim era como se chovesse sempre (e chove e chove e chove torrencialmente). Aquela umidade me queimava. Que eu me lembre, desde sempre gostei dela e desde sempre chovia. Para ficar sozinha em casa, depois do desjejum, pedia ao Cego Teófilo para que me levasse em suas andanças, ia servindo de guia e ele pedia esmolas. Andávamos o dia inteiro pelas ruas da cidade e acontecia também de irmos pelas fazendas aqui perto de Santa Maria. Lá o Cego Teófilo ganhava muitas coisas, mesmo que não fosse dinheiro. Ele achava ruim quando o que recebia não era dinheiro. Gostava apenas das moedas e das cédulas. Muitas vezes mandava jogar fora uns troços que ganhava. Fazia que jogava e deixava escondido para depois buscar e vender. De vez em quando, roubava umas moedas dele também. Só que ele era vivo e descobria sempre. Adivinhava com exatidão o que tinha sido tirado. Se estava nas luas, dizia a Mãe que me batesse. Outras vezes, jogava a bengala ao-deus-dará; eu fingia choro e o Cego ficava pensando que tinha acertado em mim. Só que depois eu ria, escondido. Homem ruim, aquele... Mãe tinha coisas com ele, achava bom quando ele vinha. Nunca gostei de guiar o Cego; ele era preto. Preto. Tenho ódio de lembrar. Os dois diziam muita besteira quando se viam a sós.

Minha Mãe era má. Só pensava naqueles homens. Vi, vi por muitas vezes... vi de enxergar tudo à luz da lamparina. (A figura nua entra na primeira série de corredores do labirinto e a chuva adentra o universo do quintal). A luz amarela da lamparina que alumia o quarto me mostrava tudo. Debaixo das cobertas, ouvindo os gritos dela, tremia de frio e medo. Achava que ia morrer. Depois ela começava dando risadinhas sufocadas. Agora me vem esta gana de recordá-las, tão infernais eram. Ficam martelando minha cabeça, sem querer ir embora. Por que essas coisas ruins afloram dentro da gente? Eu dormia mordendo a coberta entre os dentes. Mãe só ia dormir quando os galos principiavam a cantar.

Não, não fazia nada. Durante o dia, se embelezando ou costurando roupas com os panos que eles traziam. Vivia de boneca. Quando foi embora, levou caixotes e canastras cheias de roupas. Mas deixou aqui um vestido que era o mais bonito. Está no baú.

Você viu a máquina de costura na sala? É muito antiga. Aquela foi o Cabo Anatório quem deu. Imagine, chegaram a dizer que Cabo Anatório era meu pai! Mas o padre garantiu que não era. Meu pai, disse o padre, morreu antes de eu ter nascido. Morreu matado, por questões de uma dívida. Daí, minha Mãe ficou desse jeito.

Pode acreditar, ficar entrevado não é o pior. Ruim é a ausência... Ah, quantas vezes a vi, aí nessa cadeira, onde você está, costurando os costumes ousados que usava. Se espetava o dedo com a agulha, lá ia eu, menino ainda, chupar a gota de sangue que lhe brotava. Sugava o mel do dedinho machucado com lentidão... Saboreava a gota. Certa vez, fiquei quase um dia inteiro sem engolir nada, nem água bebi para não tirar o gosto bom do dedinho. Não, você nem pode imaginar... o pior não é não poder me levantar. Por falar nisto, digo uma coisa: dificilmente sinto dores no corpo. Muito raramente um comichão me belisca as costas. Entretanto, se isso acontece, não demora a passar. Nos primeiros tempos, tive bolhas d'água. Era de tanto ficar na mesma posição. Passou; o couro está mais curtido, mais calejado.

Pode abrir a janela, você ainda não se habituou ao mau cheiro. Aqui venta muito, pois o lugar é alto, e, não demora, você vai se sentir menos mal. No início, o padre também ficava assim, meio sufocado, murmurando consigo. Bom sujeito, o padre. Mas é bravo, irascível. Zanga muito, diz para eu orar constantemente. Segundo ele, a cura está na oração, e que não sou doente do corpo. Rezo, mas reza branda, sem muita consistência. Murmúrio de oração, quase. E conheço tão poucas. O padre nem sabe... De qualquer forma, devo ser a pedra do sapato dele, coitado. Mas, diga, o modo e maneira de amar não deve ser uma opção individual? Ele, às vezes, conta histórias das Sagradas Letras. Algumas gosto de ouvir. Contou o que

versa no Pentateuco sobre a destruição de Sodoma e Gomorra. Lot, embriagado de vinho... o nascimento de Moab e Amon. Você entende, não é? O caso de Lot; e o vinho; e as filhas... É tudo um misto de céu e terra, nuvem e água, vapor, fogo, chuva e saudade. A umidade branda, ora perversa cá dentro (e chove e chove e chove). Eu, você vê, não sou mau. O pior é que todo homem mente. Mentimos? Até uma onça sabe ser boa com a outra, tem o instinto de ser companheira. Por causa de amor, o padre diz que sou mau. Tinha vontades, desejava-a de querer arder em brasa, ou num lugar quente que não sabia onde era; podia ser aqui, alhures ou em lugar nenhum. Tinha a chaga aberta: gostava dela. E odiava os homens, aqueles. O cego e os outros.

O que ela guardava naqueles olhos (Olhos mapas, cheios de elevações, e labirintos, e hinos, e figuras, e mistérios, e homens e mapas, e chuvas e chuvas e chuvas e chuvas e chuvas) não era o sereno dos olhos bons, mas uma espécie de olhar molhado (e chuva e chuva e chuva) que deixava a quem mirasse neles meio zozzo (tonto — a rosa-dos-ventos girando, e os mapas transbordando de chuvas, as cartas voltando ao branco anterior à existência) fazia a gente perder o dom da vontade (Uma cobra pegando o sapo: ele vem, plaft, verdinho, plaft, do brejo, plaft, do capim molhado, plaft, plaft, confundido em cor com a vegetação, plaft, plaft, desenhando-se em verde aquarela, plaft, plaft, plaft, e o ímã chamando, plaft, plaft, a impossibilidade de retroceder, plaft, plaft, os meninos gritando para o sapo voltar, plaft, plaft, o caminho concretizando-se entre o brejo e o interior do réptil, plaft, plaft, coitadinha da rã, plaft, ou seria mesmo sapo? plaft, o fim inevitável. Nham!) A gente queria fugir e não olhar aqueles belos olhos leitosos — ímã lácteo (O sapo, de uma forma completamente abúlica, buscando a bocarra da serpente. O encanto daqueles olhos confundido com a ausência da lembrança do brejo e da verde vegetação rasteira. Onde o sapo? no brejo, diz o menino à Mãe. E a serpente?)

De vez em quando, conforme já disse ,aparecem uns meninos que olham pelas gretas da janela, jogam toletes, gritam coisas feias. Esperam ouvir meus xingos, correndo para o esconderijo



das bananeiras. Não ligo, finjo que nem existo. Entretanto, todos têm medo e só vêm em bando. Raramente, vêm. Ignoro os valdevinos, enquanto fico morrendo de amor por ela. Ainda hoje, depois de morta. Coração escolhe? Você acorda, sai para a rua (Quintal, varanda, lugar nenhum) e avista uma árvore (Cachorro, pedra, ave, louco, poste, lua), o coração diz: é aquela (Aquele). E é. É e será aquele (Aquele). Que é que se pode fazer? A gente desaba como uma lona de circo ou camisa que o vento tira do varal, vira um rio, correndo sempre numa direção, só indo, viagem sem volta. Os meninos, por fim, desistem. Então rio (e ela também ri e se esconde no labirinto das bananeiras, onde antes os fedelhos estavam).

Ela queria os homens maus. Me deixou nesta cama (Vive escondida no labirinto das bananeiras e os meninos não vêm mais). E ver aquele negro coveiro aqui todo sábado ... Ah, ele vem aos sábados me dar banho. Ainda bem que deixa de vir, quando lhe dá na telha. Não gosto de preto... aquele Cego! O Cego ficava com ela e eu via. Homem ruim, vivia de pedir esmolas. As moedas eram para Mãe. Tem noite que ouço o tilintar de moedas que o vento sopra das bananeiras, acho que ela brinca de contar. O Cego? sumiu, há tempos; o padre disse que o Cego Teófilo sumiu há tempos.

Sem contar com o padre, ninguém liga para mim. Muita gente disse que cadeia era o que estava faltando para pessoas de minha espécie. Estive para morrer, sem poder levantar e comer. Penso que urrei feito bicho, de sentir a garganta arder de sede, de raiva (ela indo embora, as malas, e uma aranha, duas aranhas, milhões de aranhas tecendo teias pelo teto, e as aranhas saíam pelas janelas e portas, ela indo embora, respirando talvez poeira de alguma estrada), me arranhando como se houvesse um gato lá, unhando, unhando. De cansaço dormia. Mas era os olhos se abrirem e ela, lá do fundinho, brotava bonita, com as malas na mão, indo embora. Aí a fome, a sede e a raiva passavam e me vinha um torpor, algo vivo e morto, mas não era uma parte viva e outra morta não, não era, tudo vinha ao mesmo tempo, como se eu fosse dois em um só.

Não sei como é que você me enxerga. Não, não precisa se desculpar... se pareço, sou. Todo mundo é assim. Falo a verdade, não se apoquente, foi bom você ter vindo. Todos, você e eu, e o mundo inteiro, temos dia e hora marcada para estarmos num lugar. É isso que move a gente, é isso que nos faz ir, mesmo sem saber. Ela tinha que existir aqui. E eu também. Você tinha de aparecer e veio. Por isso, sou. Somos. Ninguém pode parecer outro senão ele. Sim, eu sei, conheço a história do tesouro do mujique. Confirma o que digo.

Depois que parei de andar com o Cego Teófilo, fui cuidar da horta. Fiz grandes canteiros. Plantei taioba, repolho, couve, inhame, alho, almeirão, mandioca, batata doce... Aprendi a época certa da lua para que a plantação não morresse. Acompanhava o seu crescimento e decrescimento pela folhinha Mariana (na parede do quarto, onde o espelho de Mãe pendia. O pentear demorado. Bonita. E chuva e chuva e chuva. Umidade e saudade. Rima sem efeito ou objetivo estético). As coisas foram sendo guardadas pouco a pouco. Um ou outro me ensinava a semana em que se devia plantar o alho, o mês, e eu entendia. Até enxerto em roseiras inventei de descobrir (o jarro d'água e a rosa no lavatório. A folhinha Mariana ao lado do espelho. Dedinho que sangra: espinho, diz o menino à Mãe. E o susto? Desnecessária resposta: o espinho não é espinho). Consegui que uma roseira desse rosas amarelas, vermelhas e brancas. Experimentei e deu certo. Com o tempo, tive raiva até da horta e da sacha que eu manejava com tão grande habilidade. Ela recebia os homens. Ainda me vem o gosto amargo na boca. Cuspi, pouco adiantou, você viu? Parece estar cravado na garganta. Água não adianta, deixa para lá! Quando consigo esquecer, o gosto some. Como por encanto, volta. Já tentei imaginar uma porção de vezes coisas diferentes que me aconteceram vida afora, e nada vem sem que ela esteja atrás, mesmo que haja uma neblina espessa, rindo o riso meio às escondidas, fungando, quase.

Matar? Não, de jeito nenhum... Hum, quer dizer, pensei. Bobagem, pensei de mentirinha. Pensei, mas não quis... Dela eu não gostava. Minto, gostava... Você sabe, de um jeito assim... Era um gostar diferente, de um modo que não se diz (as coxas

de seda, lisas, roliças, firmes. Tão de repente, encantadoras. Ela saindo de um sonho entre folhas de bananeiras e cheiro de goiabas e de terra na pele. Seios rosados, mamas bonitas, eriçadas. E chuva e chuva. Umidade pura). Agora, matar, não consenti comigo. Nunca achei que fosse certo. De qualquer maneira, pensei. E muito. Um dia, estive a ponto de... Depois veio a vontade de chorar. Chorei engolindo os soluços, que era uma maneira que eu tinha. A raiva, contudo, foi dando lugar a uma saudade gris, então me lembrei de uma tarde distante que a tinha visto saindo da bacia e enrolando-se na toalha. Foi numa quarta-feira e chovia em Santa Maria. Ela brincava com os cabelos, cantarolando uns versos que inventava; mandou que eu fosse para a sala. A fechadura transbordou meus olhos como essência que perfumava o quarto. É, ela era má; tinha amores. Nunca gostei dela, você sabe. Matar? Não, são outros quinhentos (e chove e chove e chove).

Mesmo o padre, pensando bem, não sente nada por mim. Vem não é por compaixão ou piedade ou censura, vem por causa do ofício. Três dias depois da coisa, apareceu. Trouxe comida, quis entabular conversa, ouvir tudo, me confessar. Então briguei. Xinguei-lhe a mãe (cuidado com os sapos, menino, diz a Mãe, saindo da fumaça que cheira a goiaba vermelha), berrei imprecações diversas. Ele achou que eu estava doido e suportou tudo. É a obrigação dele, pobrezinho. No outro dia, voltou. Fiquei com dó e não fiz malcriações. Ele é bom, mas apesar disso, gostar de mim, eu sei, não gosta. Pouco me importo. Minha tristeza é que ela tenha ido embora (umidade e saudade. Interior: confuso, cheio de neblinas). Deixou o vestido estampado: o padre vem, põe sobre mim; pego a cheirar, cheirar e é a existência inteira que está naquele cheiro, é ela. Mulher bonita... Morreu, houve que um dia o coveiro contou. O preto. O preto coveiro é bobo. Quando faço assim, o padre só fala com os olhos. Vermelhos olhos; e as labaredas quase alcançam minha mão. O padre é bom por profissão...

A mim não importa que os meninos venham e joguem seus cacos de telha. Nem o coveiro, se viesse dar o banho todo dia, importunaria (a bacia numa quarta-feira de chuva em Santa

Maria). O padre também, se deixasse de aparecer... No fundo (e chove tanto) sou apenas a lembrança dela. Por que você veio? o padre mandou; está visto. Então sou obrigado a contar tudo. Todos somos assim: existe a impossibilidade de guardar os fantasmas de nossas recordações (ela, alvo espectro na luz cinérea, caminha sobre as folhas, dança na claridade momentânea do labirinto). Contar é... É!

Se o Padre deixasse de vir, se o coveiro não aparecesse ou viesse diariamente, se os moleques viessem e jogassem cacos de telha, mesmo se não houvesse cacos, ou tudo mudasse, de nada adiantaria. Não há solução para a sede do peixe, diz-se. Na verdade, não estou aqui e, o que é mais importante, eles não conseguem vir. Pois você pode notar, não estamos aqui, é evidente. A solução, contudo, é ainda necessária, mesmo quando o problema inexistente (o sapo inicia nova aventura: sair do brejo onde a vitória-régia bóia como enormes chapéus, adentrar o universo da vegetação rasteira, confundir-se com seu verde, procurar por aqueles olhos das quartas-feiras, onde os olhos? Buscar, na traqüilidade aparente do vegetal a cobra — explicação — necessária para a concretização do objetivo dos saltos que têm o mesmo matiz das ervas. Plaft, plaft, plaft, plaft, plaft...) o que digo não é literatura, entende? (e chove demais).

Quem traz a comida é o padre. Como pouco, a maior parte volta. E olhe que só vem o almoço. O padre aproveita e conta as novidades. Lá de fora, entretanto, nada me interessa. O que ele não aprova muito é o mau cheiro; abre as janelas e diz que vento e sol dão saúde. O padre. Você também acha ruim o cheiro, não é? Me diga, o que é que posso fazer? No sábado vem o negro José Hipólito, o coveiro, para me dar o banho. Por causa do Cego Teófilo tenho raiva dele. O cego era preto. O sego, ossego, oçego, sseco...

Ceguei da rua, a porta estava cerrada e só se ouvia o barulhinho do vento nas bananeiras (no labirinto, por essa época, vazio). Pelo sossego da casa pensei que ela não estava. Aliás, de manhã, tinha falado que ia sair e só voltar à noite. Você está pensando que eu tinha bebido? Não vi, nem tomei uma gota sequer de cachaça. O padre é quem, hoje em dia, traz um

golinho numa garrafa e só. Naquele tempo, ainda não tinha aprendido a beber. Para falar a verdade, só bebo porque o padre traz. E é pouco, viu? Entrei na sala e vi umas nesgas de roupas jogadas em cima da máquina de costura e um pacote de presentes na cadeira. Apenas um antigo daguerreótipo dela, na parede de cal, observava a quietude da sala adormecida. Uma coisa por dentro já tinha feito com que tudo o que ia me acontecer ficasse claro, certo. Algo assim como uma fumaça que vai ganhando formas e, por encanto, torna-se viva e palpável. Mas fugi de pensar, desviei a imaginação (começa a chuva mais fina e serena e chove e chove e chove ensopa as folhas de bananeira que os pezinhos nus amassam na carreira. Talvez no final da chuva haja arco-da-velha. Onde o menino? pergunta a Mãe. Desaparecendo no arco-íris, responde o sapo. E a cobra?) Entretanto, empurrei a porta do quarto, que estava apenas cerrada. Dois seios transbordavam na cama, subindo e descendo ao compasso lento da respiração cansada. Ela dormia nua, quase. Pelo cheiro soube quem tinha estado ali. Fora o Cego. Aquele. Veio a vontade irrefreável: bolinar. Decidi, porém, virar de costas e correr dali e sumir e nunca mais olhar atrás, mas estava era andando como um sonâmbulo na direção oposta... Me sujar no cheiro do Cego, foi um pensamento que não pude conter. Ainda naquele momento, seus olhos vazios me vieram à cabeça (os olhos outros chamando. O sapo: plaft, plaft, plaft. Quanto verde! O sapo no capim rasteiro, verde, que circunda o brejo. Onde a cobra? Na cama, diz a sombra do menino à fugaz imagem da Mãe que dorme. E a sombra da boca projeta-se sobre o sapo que é a sombra do menino... Suspense...) Aos poucos me punha de joelhos e a boca secava e surgia a gana de rir e gritar e a carne quente tinha o gosto doce. Penso nisso tantas vezes num só dia. É nessas horas que, de quando em quando, o corpo me dói... Então, pensei que tudo talvez fosse uma espécie de encantamento da morte... A carne quente e rosada. Aí as cortinas dos olhos dela se abriram e... E o resto todos sabem (e chove como jamais chovera. E chove).

Pode ser que ela já não seja o que foi aqui. Aí você me entende, não é? Tremo, você vê, como tremi desde as noites em

que comecei a vê-la, rindo à luz amarelada da lamparina. Gosto de escuro, aqui não tenho lamparina. O padre trouxe uma; joguei fora. Menti, disse que um menino me roubara. Trouxe outra; fiz o mesmo. Então ele disse que era para eu ficar no escuro (cessa a chuva por um segundo e o cheiro de goiabas e bananeiras invade o mundo da casa).

2º Lugar

**PRÊMIO PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
PSEUDÔNIMO: AGAPANTO HP**

PARAFRASE

Lúcio Emílio do Espírito Santo
Faculdade de Direito

I

SE CORRER O BICHO PEGA...

O cadáver de Universino Soares dos Reis, vigilante bancário, casado, filho de Indalécio Soares dos Reis e Ana Serafina de São José, jaz sobre a mesa gelada de aço inoxidável da sala de autópsias.

É quase meia-noite e a chuva não pára, como também não param de chegar camburões com outros corpos que vão sendo rotulados de acordo com a ordem de entrada.

Universino trabalhava na Companhia de Segurança «FOR-TEX» Ltda e, na manhã de hoje, ao repelir o assalto à Agência do Banco Alvorada S/A, em Osasco, recebeu um tiro na cabeça, falecendo antes de receber socorros médicos.

Mineiro de Bom Despacho, há tempos sonhava regressar à terra natal, já que não suportava mais as condições de vida na capital paulista, a miséria crescente e o dinheiro cada vez mais curto para pagar as contas.

Universino já tinha até arrumado a casa em Bom Despacho e só esperava juntar algum dinheiro para fazer a mudança e ir embora de uma vez, deixar aquele inferno.

Parece que estava até adivinhando.



3. 177

117771177
5 71234

63

33110

On the left side
of the main part
of the

1984

Jumpykoy

— Você quer saber por quê eu quero ir embora? — dizia ele a um amigo. Eu ganho apenas sessenta mil para criar cinco filhos. Além disso, o emprego não é garantido. Amanhã posso ser despedido e cair na rua da amargura, como milhares de outros trabalhadores por aí. Preciso dizer mais? Olha aqui, meu chapa, já estou cansado dessa vida estúpida, dar um murro danado e no fim ganhar um pontapé no trazeiro.

— Mas, no interior a coisa deve estar pior, sô...

— Engano seu. Quando meu pai mudou para cá com a família, achava que São Paulo era o paraíso. Ele veio achando que sua vida ia melhorar, aqui ia ter trabalho, bons salários, escola para os filhos e casa para morar. Pois bem. Um ano depois, ele morreu atropelado no Sumaré, deixando cinco filhos totalmente desamparados. Minha mãe, sem condições de sustentar a casa, entregou meus irmãos ao Juizado de Menores e eu fui para a casa de um tio, pois era o mais novo, com apenas dois anos de idade. Onde andam eles agora? Ninguém sabe. É muito triste, não é?

— A vida é assim em todo lugar, companheiro. Não se iluda não...

— Mas, em São Paulo é pior. Pra começar, não há empregos. Quando a gente consegue um, os salários são baixíssimos, de fome mesmo. As distâncias são enormes. A gente vive permanentemente amedrontado, tenso, acuado, tudo nesta cidade é dor e sofrimento...

Na sala de espera, a viúva Marluce não chora. Cadê lágrimas? Em seu semblante se estampa apenas o ríctus amargo de torturante angústia. Seu olhar oblíquo percorre os ladrilhos sujos da sala mal iluminada.

Enquanto não liberam o corpo do marido, bailam em sua mente passado e futuro. Conheceu Universino num dia de chuva como este. Ele era carteiro, ela, empregada doméstica. Todo molhado, Universino resolveu pedir-lhe um guarda-chuva emprestado.

— Guarda-chuva não tenho. Tenho sombrinha, serve?

— Se for bonita como você, serve.

A partir de então tornaram-se íntimos. Alguns meses depois estavam casados. Sempre achou perigoso o trabalho de Universino, mas os encargos de família e esses tempos difíceis não permitiam o luxo de escolher trabalho. Era o que aparecesse. Apareceu o de vigilante, Universino não se fez de rogado. Ia guardar o dinheiro dos outros. Ia se sacrificar dia e noite pela riqueza de gente que nem conhecia. Marluce jamais imaginara que o marido terminaria assim, apesar de conhecer os riscos do trabalho de guarda bancário. A esperança de um dia sair daquela penúria não lhe deixava entrever estes riscos.

O corpo de Universino já está vestido e vai ser entregue à viúva. Na pressa, Marluce apanhara o terno nupcial e acha que não deveria ter feito isso. Não vai restar nada, nem a melhor lembrança dele, pensava. Mas agora é tarde. Abre-se a porta da sala de necrópsias, o funcionário de plantão chama Marluce.

— Aqui está a sua sacola e isso aqui é a certidão de óbito. Se a senhora desejar, o velório poderá ser feito na capela do próprio Instituto Médico-Legal.

A viúva recebe o carrinho contendo o caixão.

Alguns voluntários se oferecem para conduzi-lo à capela-velório. Marluce prorrope em choro convulso, baqueia, mas é logo amparada por pessoas desconhecidas. Abrindo o cortejo, segue uma belíssima coroa de flores, onde se lê:

«Ao Universino, com a gratidão dos clientes do Banco Alvorada S/A».

II

...SE FICAR O BICHO COME.

O corpo de Geraldino da Silva, vinte e cinco anos, assaltante, casado, filho de Geraldo da Silva e Maria das Dores, jaz inerte sobre o mármore frio da sala de necrópsias.

Já passa da meia-noite. Lá fora a chuva fina e persistente não pára de cair. O barulho dos camburões que chegam a cada momento se mistura com o tilintar dos instrumentos de autópsia, manipulados com certo descaso pelo legista e seus auxiliares.

Geraldino, desempregado há quase dois anos, recebeu um balaço no peito e outro na testa, ao trocar tiros com o vigia do Banco Alvorada, em frustrada tentativa de assalto à agência do banco em Osasco.

Cearense de Quixadá, nunca escondera os propósitos de retornar à terra natal. Pensava em pegar um pau-de-arara, ele mais a mulher e os seis filhos, e se abalar para a terra de nascença. Ainda ontem esteve com o dono de um caminhão de transportes de carga e sondou preço de passagem para a família.

— Tu tá querendo voltar pro Ceará, bicho?

— Pois já vai pra dois anos que estou parado, companheiro, pegando biscates daqui e dali, ganhando patavina, a Maria doente dos rins, menino chorando com fome. Não, não agüento mais essa vida, não. Não nasci pra pedir esmola, não, bicho. E muito menos pra engolir esta vida pai-d'égua...

— Olha, num vai fazer besteira, viu? No sertão a seca tá braba...

— Lá me arranjo sem me humilhar. Aqui num tem saída: ou tu vê os filho morrer de fome ou você parte pro crime...

— Num diz besteira, cabra da peste. Tu vai te arruiná de vez...

Na sala de espera a viúva Aparecida não tem pressa em rever o marido. Em seu semblante se desenha o ríctus amargo de torturante vergonha. Não ousa erguer o rosto, encarar as pessoas. É viúva de um ladrão. Os filhos são filhos de um bandido. Na ocorrência policial está registrado: profissão: assaltante. Ora Geraldino é pedreiro e bom pedreiro. Posso mostrar as construções em que trabalhou. Era azulejista, um verdadeiro

artista. Porém, o que ganhava não lhe permitia dar de comer aos filhos. Ele era bom marido, mas as dívidas crescendo sempre, o dinheiro cada vez mais curto, começamos a descer uma perambeira sem fim, em que o próprio humor se azedava e despontavam acusações mútuas. Aparecida estranhava seu homem, agora carrancudo e rude, enturmado com cheia de má-bisca, encafuado nos botequins, procurando quem lhe pagasse uma pinga. Acreditava que a salvação era voltar para Quixadá, ir embora de uma vez, deixar aquele inferno.

O corpo de Geraldino está vestido e vai ser entregue à viúva. A mulher se adianta, postando-se nas proximidades da sala de necrópsias, que permanece fechada. Aparecida está ansiosa, não sabe o que vai sentir quando deparar com Geraldino morto, a única pessoa no mundo em que confiava, com quem se sentia plenamente segura e em quem encontrava forças para levar essa vida cada vez mais atribulada e difícil. Pensa nos filhos. Acha que deve trazê-los para despedirem-se do pai. Afinal somos uma família. Não posso roubar-lhes o direito de ver pela última vez aquele que lhes deu a vida. Só porque era assaltante? Quantos pais de família estão virando assaltantes?

Abre-se a porta da sala de autópsias, o funcionário de plantão chama Aparecida.

— Aqui estão os pertences do morto. Isso é a certidão de óbito. O velório será feito na Capela do Instituto Médico-Legal.

Os funcionários do Instituto conduzem o carrinho de metal, contendo a urna. Visto o marido, Aparecida vai se refazendo de sua angústia e de sua vergonha. No seu íntimo, ama Geraldino, aprova sua atitude e sibila entre os lábios, comovida, «estou contigo, amor, estou contigo».

3º Lugar

**PRÊMIO PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
PSEUDÔNIMO: ADRIANA BORGES**

SONHOS NO ESPELHO

Maria Beatriz Mac Douwell da Costa

**Curso de Mestrado — Filosofia — Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas**

Uma luz pálida se acende no quarto porque a tarde lá fora vai se entregando lentamente à escuridão. Ela observa a lâmina de luz no chão debaixo da porta. Segue até a cozinha, descalça e com muito cuidado para que ele não perceba o menor ruído. Enquanto prepara a sopa, lhe vem o mesmo pensamento: ela seria capaz de deixar de respirar, sustar as batidas de seu coração com as próprias mãos se esses sussurros de vida o incomodassem. Ela sorri. Está feliz porque lhe foi exigido apenas que abolisse o uso dos sapatos e, naturalmente, o uso da fala. Estas pequenas exigências afinal não lhe custavam nada — ela nunca tem vontade de falar. Basta-lhe cuidar dele: sua comida, sua roupa, sua casa. E poder levantar o rosto de vez em quando para admirá-lo, contemplá-lo, nos raros momentos de sua presença distraída. A maior parte do tempo ele passa dentro daquele quarto, no entanto, segue rigorosamente os horários que marcam os intervalos regulares das refeições. Só se alimenta de sopa e parece não perceber que gosto tem, se está fria ou quente. A tarde ela leva uma xícara de chá até o limiar da porta, mas nunca ousou desviar seus olhos para dentro da fresta — uma curiosidade há muito abandonada. Ela ainda se lembra que, na verdade, não foi nada fácil compreender seus estranhos hábitos, acomodar-se à sua disciplina, adivinhar no rosto cada ruga de desagrado ou de consentimento, mover-se naquele silêncio abismal, como um gato. Levou muito tempo, sobretudo do tempo



Bibla Roberta 84

dele. Hoje ela acha graça e quase nem lembra que ela contava o tempo de um modo diferente.

Daqui a pouco aquela porta vai se abrir. Ele sairá com um ar fatigado, e, dirigindo-se à cozinha com o andar arrastado, tomará lentamente a sopa de legumes, mantendo a cabeça sempre baixa e o olhar estancado. Para ela é o pior momento do dia porque não consegue ler nada naquele rosto derrubado, nada além de uma vaga indiferença, uma opacidade vazia. Então ela se perde e logo antecipa um outro rosto que virá com o sol da manhã. Bem cedo, ao entrar naquele quarto, ela poderá vislumbrar o intenso brilho que se derrama do fundo daqueles olhos acinzentados: um brilho indecifrável como a luz que emana dos peixes abissais. Às vezes, sob a fronte sulcada, ela decifra touros incontidos: no olhar, um brilho feito facas que vão atravessando tudo, que em nada se detêm — como guerreiros alucinados que avançam suas espadas em busca de estranhos combates em regiões distantes, ignoradas. Outras vezes, porém, na feição sempre atormentada ela observa uma inquietude que parece mais pássaro que espada: uma luz que vai pousar em algum lugar muito além das coisas. Ela não precisa demorar seus olhos nos olhos dele para entrever todas as promessas que eles contêm — olhos que nunca se voltaram para ela porque foram feitos somente para sonhar. Como a divindade, ele é um artesão de sonhos: cria mundos insuspeitados. Ela nunca saberá se esses mundos se tecem de cores ou se armam em palavras. Aquela porta estará sempre fechada para ela. Quando ele a fecha atrás de si, ela se deixa ficar ali por algum tempo, sentada junto à porta, imaginando as figuras mágicas que começam a se agitar em festa, desejando às vezes ser subitamente sugada para dentro, arrebatada quem sabe por algum guerreiro distraído que a fizesse rainha dos fantasmas do seu senhor. Mas não. Isto nunca acontecerá. E, além do mais, ela sabe que seu destino é mais nobre que o de uma rainha. Ela se levanta e procura inutilmente lembrar-se de uma canção. Ouve ao longe uma melodia e reconhece o trinado alegre de um pássaro. No início — provavelmente há muito tempo — foi difícil não conseguir mais se lembrar do som de sua própria voz — era mover-se como

um cego dentro de si mesmo. Mais tarde ela compreendeu que o silêncio e a disciplina eram imprescindíveis. Era preciso esvaziar progressivamente a realidade, criar um vácuo cada vez mais perfeito, de modo que nenhum ruído, nenhuma palavra viesse interromper aquele sonho continuado. Ela compreendeu e logo se tornou cúmplice. Descobriu que o sentido último da sua vida era cuidar para que alguém não pare nunca de sonhar. Desde então deixou de se sentir escrava de uma absurda fatalidade, como ousara sentir nos primeiros dias do casamento. Agora, era a cúmplice, fiel e muda, de uma causa maior que o amor.

Ela nunca viu ele sorrir, mas pode imaginar seu sorriso quando, da janela, admira o vôo de um bando de pássaros riscando o céu —

pássaros disparados
no fundo do céu claro.

Repete para si estas palavras, degustando-as bem devagar. E lembra que são as palavras que estavam nos olhos dele esta manhã.

Ele acaba de abrir a porta — já é noite. Com o andar arrastado ele caminha até a cozinha. Toma lentamente a sopa de legumes mantendo a cabeça sempre baixa e o olhar estancado. Sobre a mesa, os braços naufragados. Sentada diante dele, ela acompanha o eterno movimento da colher à frente do rosto que se esconde. Contempla demoradamente aquela sombra e esboça por dentro um sorriso. Ela está feliz porque não espera nada. A não ser um novo sonho que vem sempre que aquela porta se fecha. Porque os dias podem ser iguais, mas os sonhos não.

1. The first step is to identify the problem or goal. This involves understanding the current situation, the resources available, and the constraints that may be present. It is important to be clear and specific about what you want to achieve.

2. Once the goal is identified, the next step is to develop a plan. This involves breaking down the goal into smaller, manageable tasks and determining the order in which they should be completed. It is also important to identify any potential obstacles and develop strategies to overcome them.

3. After the plan is developed, the next step is to execute the plan. This involves putting the plan into action and monitoring progress. It is important to stay flexible and make adjustments as needed.

4. Finally, the last step is to evaluate the results. This involves reflecting on what was learned from the experience and identifying areas for improvement. It is important to celebrate successes and learn from failures.

5. In conclusion, the five steps to achieving your goals are: identify the goal, develop a plan, execute the plan, monitor progress, and evaluate the results. By following these steps, you can increase your chances of success and achieve your dreams.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

1. The first part of the document is a list of names and addresses of the members of the committee.

2. The second part is a list of the names and addresses of the members of the committee.

3. The third part is a list of the names and addresses of the members of the committee.

4. The fourth part is a list of the names and addresses of the members of the committee.

AS ESPOSAS MORTAS

PSEUDÔNIMO: JOSÉ BRIEIRO

Edmundo de Novaes Gomes

**Curso de História da Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas**

UM GEORGE STEVENS SOBRE UM BANCARIO APOSENTADO PELO INPS

Se parar e ficar pensando no tempo perdido vai ser uma desilusão. Ilusão bem não: uma coceira ruim de carrapato debaixo do braço. Antes, descia um disco voador e te pegava e te levava você para um lugar onde tinha umas árvores enormes, e uns edifícios também enormes: as árvores maiores ainda que os edifícios. Lá você encontrava todas as suas esposas mortas dos anos antigos: Rita Hayworth, Marlene Dietrich, Ingrid Bergman. A vida era um passeio.

Mas hoje eu acordei cedo e fiquei na cama o quanto pude. Pensava uma coisa, outra... O diabo são estas horas. Hora de comer, hora de dormir. Você não tem sono e nem tem fome. Fica pensando.

Uma vez eu estava lá na repartição e me falaram que tinha telefone para mim. Um grito muito já distante já na minha cabeça. Telefone? Eu corri e atendo e pergunto quem seja que fosse. A voz do outro lado me diz ser Elizabeth Taylor. Eu posso desligar e ficava por isso mesmo: um sujeito decente, solitário, bancário, com vontade de se aposentar. Elizabeth Taylor: eu pensei que você tivesse se ido. Ela jurava me querer tão bem!, e falando marcando um encontro no dia seguinte à

saída do expediente... Liz, uma vez eu andei por uns corredores enormes, depois de você ter me beijado numa sacada qualquer, e no fim daqueles corredores que nunca tiveram fim eu morri por sua causa numa cadeira elétrica. Meu rosto despedaçado por esses refletores.

Ilusão bem não: uma coceira ruim de carrapato debaixo do braço. Agora, chega um tempo em que tudo passa a incomodar. Começa com uma coisinha aqui ali e outra ali aqui, acolá, depois engloba as partes: o café não tem mais gosto; aposentar, você já se aposentou; inventa de fumar um charuto, inventa alguma coisa, velho!; mulher, eu já me cansei, ver aquelas costas e aquelas pernas passando na Praça 7 e só ver e ficar lembrando, depois relembando. Aqueles tempos — pegar o ônibus e ir morar num subúrbio qualquer.

Tive umas namoradas de osso e carne, e uma vez eu cheguei na casa de uma e fiquei sentado esperando, que a sua mãe dela tinha dito alguma coisa dela estar no quarto se arrumando se penteando. Quartos & Camarins. Quando ela chegou e sentou caiu uma lagartixa em cima do prato de biscoitos que ela, a sua mãe, tinha posto em cima daquela mesinha. E a namorada: ela viu e deu um grito e saiu correndo. E a lagartixa ali também se assustou e pulou pro chão e seguiu a porta a fora muito já decidida já. Baratas, pererecas, lagartixas: tudo isto as mulheres temem.

Hoje, de vez em quando, eu fico com nostalgia. Pego e visto o meu terno meu branco que estaria um pouco encardido (devia comprar um blusão jeans) e vou visitar um irmão que nunca tive ou vou à casa do filho mais velho ver os netinhos de pó e poeira. Tinha um álbum de família. Nele tem uma fotografia de meu pai duelando de jagunço com uma quadrilha de meninos: deve ter vencido, ou não sei se morreu aí. Minha mãe está em uma outra com um feto morto nos braços, e eu apareço numa de chapéu e gravata, andando no parque municipal, o braço direito dado a Nossassenhora — bem caduquinha — e o esquerdo com Jesus Cristo — quase desfalecendo.

Tudo tão distante.

Mas eu lembro que sentimento maior eu tive numa tarde de úmido mormaço em que eu estava nesta repartição e fui ver os espelhos. Estava naquela janela vendo aqueles edifícios todos e eles de repente começaram a cair na minha frente sem fazer nenhum barulho, só vento. Ai, eu senti um estremezimento e parecia que este edifício ia cair também.

Não fui ao encontro com Elizabeth Taylor. Saí pela porta da garagem e nem olhei para a porta da portaria. Nenhuma voz atrás de mim.

Tudo foi sempre tão igual!

Posso trazer uma menina dessas que andam por aí para morar comigo: dou pra ela casa, comida, roupa da moda e uma mexida nos peitos de vez em quando. Podia também ter a mulher que quero um rendezvous qualquer. Se fosse veado, veado velho, homossexual, poderia alugar um desses rapazes.

1 (Liz Taylor, aquela conversa ficou interrompida, meia pela metade. Sabe, conversar pelo telefone... Uma coisa que eu queria te dizer é que nunca te traí. Isto existe, Elizabeth? As outras foram só pra tentar esquecer, pra esvaziar um pouco. Meu grande amor. Aquele romantismo todo em Casablanca e essa minha pinta de pistoleiro que eu fico de vez em quando: tudo isto é pra matar umas coisas e pra ter jeito pra agüentar esperar nossa derradeira noite. Você velhinha, empoeirada em algum vão de telha tecendo teias e vendo abraçadinha comigo aquelas fitas esquecidas. Pra mim não tem importância esta decadência; eu te vejo, te encarno, te beijo do jeito que eu te imagino. Vontade).

2 (Um lugar ao sol era o que queria. Estupidez. Essas & Estas mulheres. Umas não; ela não era uma qualquer, transcendia de ser. Antes antigamente. Nunca tive televisão).

Agora, chega um tempo em que tudo passa a incomodar. O mesmo lugar no mesmo bar, a cerveja amarga na boca, o cigarro apagando toda hora. Eu faço uma cara feia, cara de mau. Entretanto, as histórias que me contavam têm sempre o mesmo final, nunca interrompido: vinha um lobo e comia a

vovozinha... Isto cheira tanto a revolução! Cheira tanto que até o caçador sentiu o cheiro.

De noite, assim que eu durmo, arranjo uns sonhos reais para entrar neles. Num eu sou um pai de família que chega em casa bêbedo, sem nenhum dinheiro, e mata os filhinhos e a mulher. Noutro eu sou o Ibrahim Sued que amanhã tem um encontro com a Janet Lee (minha mãe tinha os cabelos iguais aos de Janet Lee).

Tomar o café no Café Pérola e de tarde visitar o grupo escolar em que estudei e que hoje não tem mais. É assim: você vê os lugares, você esteve nos lugares. Se me perguntassem: você começaria tudo outra vez?, eu responderia: — Não, nunca. É fácil admitir: a vida está passada e eu sou uma cuspidá à esquerda do bueiro. Ah! Essas perguntinhas feitas para gente famosa. Vem me perguntar, vem!

Então eu arranjo um meio.

Hoje é um dia que não existe mais. Não vou comprar o blusão jeans, o edifício não caiu, não visito os amigos da repartição (é, amigo é isso mesmo — touro de serviço público), não vou arranjar uma filha nos esgotos e nem vou bancar a princesinha das 4 da madrugada na porta do edifício Maletta. Um dia destes já se foi — desses e daqueles; e não vou querer ficar lembrando o meu tempo — que eu passei foi impune. Tivesse 18 anos e é a mesma coisa: merda em cima de merda. Não preciso nenhum passado, não quero. A conta do meu telefone é o preço da assinatura, e o meu nome, já me vi, é o menor da lista. Falo assim porque já não tenho cara — já me morri.

Se parar e ficar pensando no tempo perdido, é problema seu. Agora, você pode escolher entre um qualquer um tango de Gardel e a Jeanne Moreau cantando aquela canção: pega o revólver com só duas balas e para certificar deixa aberto o gás — todas as totais trempes do fogão e o forno também. Veda tudo: quando der a primeira tontura, deve de vir uma explosão. Depois, eu não sei.

O SORTILÉGIO DA VIOLETA

PSEUDÔNIMO: DAFNIS

Maria Esther Maciel de Oliveira

Faculdade de Letras

A casinha que Fernando alugou era exata para a inquietude dos nossos desejos. Ficava no finzinho da cidade, perto dos eucaliptos do Bairro dos Confins. Para lá íamos quase todas as noites, onde ficávamos bem passarinhos, até a hora em que as primeiras camionetas começassem a passar pela rua de terra, fazendo aquele barulho empoeirado, em rumo às roças da redondeza. Aí, eu me levantava às pressas, cabelos desgrenhados, o rosto ainda com jeito de madrugada, para chegar em casa antes de a Das Dores acordar. Com passos imperceptíveis, eu entrava no meu quarto e me enfiava debaixo das colchas, esperando, vitoriosamente, que se consumasse o parto completo da manhã. Não podia deixar a minha ausência e a cumplicidade de meu lençol sem rugas denunciarem a clandestinidade dos meus encontros com Fernando.

Família mofada, a minha. Nunca iria aceitar que eu violasse aqueles valores seculares que a compunham. E com isto, eu, sem ousadia suficiente para desafiá-la, continuava abafando a coragem de mostrar que eu já era uma mulher, que meus seios já estavam prontos para a carícia de um homem, que meu ventre já soluçava na simples manifestação de um desejo, quisesse ou não a tia Carmelita, se importasse ou não a D. Iracema.

De noite, Fernando, com cheiro de terra. Na casa, a noturnidade fresca do eucalipto. Fernando homem, Fernando mago me enfeitiçando o corpo, me derramando poções milenares. E eu, rendida ao prazer, sorvendo toda aquela alquimia. Elisa escorrendo, lânguida, líquida, nos dedos do homem. Doida varrida. Mulher.

A cada encontro, eu me sentia mais envolvida, mais entrelaçada naquele prazer diário. Fernando meu, só meu. Nós dois na casinha do Bairro dos Confins. Até que chegasse o vasinho de violeta que meu pai trouxera da fazenda a pedido meu. Presente pra Denise, pai. Ele, imenso, bastante, acreditando em mim. E levei a violeta para a nossa casinha.

— É bonita, Elisa.

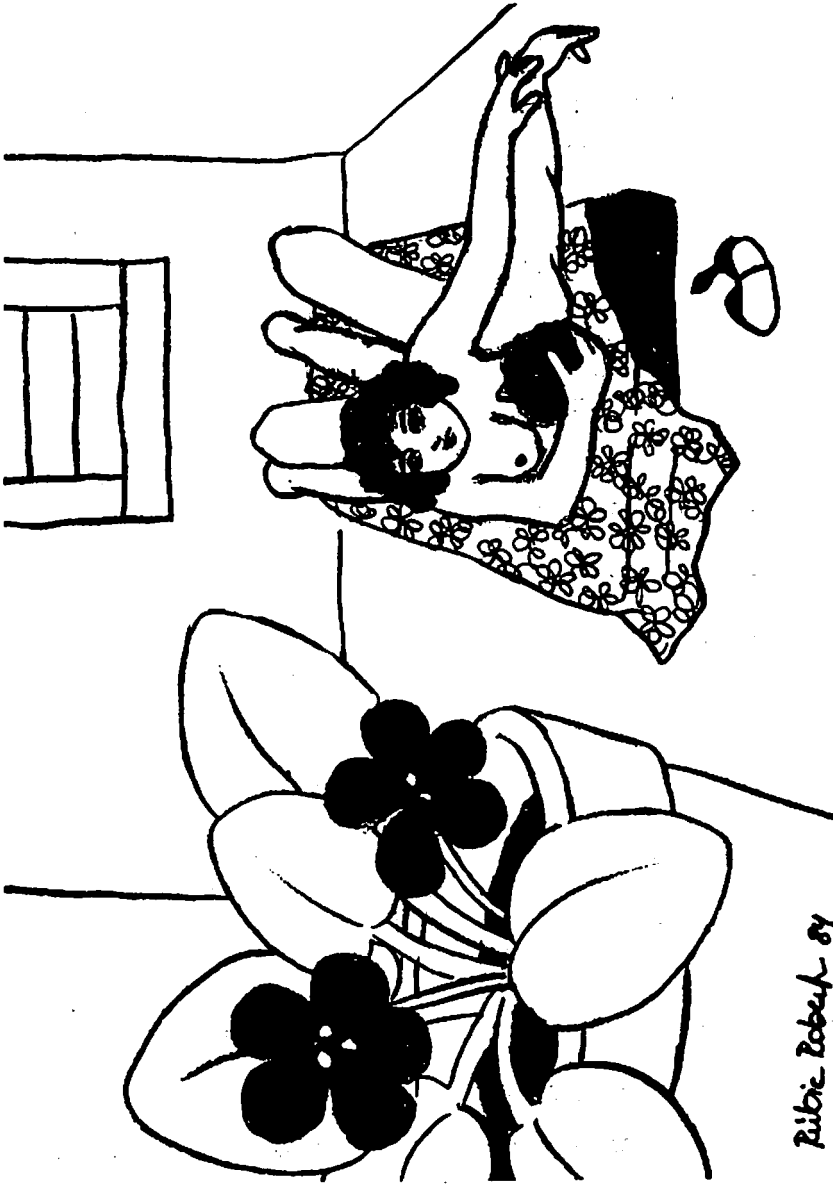
A violeta teve seu cantinho no quarto, perto do colchão vermelho que era o único recheio daquele espaço. E a partir desse momento, senti que ela começou a me encarar. No seu jeito vegetal, mas encarava. Ela possuía alguma coisa de trágico que me perturbava. Por um momento, pensei que eu estivesse maluca. Mas a violeta estava ali mesmo, me olhando. Só Fernando não conseguiu captar esse presença animada da planta.

— Coisas da sua cabeça, Elisa.

Tentei, então, me convencer disso e tratar a violeta como uma planta simplesmente.

Foi efêmera essa minha atitude. A violeta continuava puxando meus olhos para o interior lilás de seu ser. Tentei resistir. Mas, arrastada pela sua sedução silenciosa, comecei a admirá-la mesmo quando ela emitia aquele riso meio sorriso e meio provocação. Permaneci assim, sofrendo calada uma paixão absurda que me remexia a cabeça.

Fernando, agora todos os dias. Eu, dividida. Dele, de corpo, toda, bem fêmea. Dela, a substancialidade de uma emoção quase transparente, mas profunda. E nessa minha fragmentação, come-



Ritric Bobeah 84

cei a notar que algo de muito estranho acontecia. Uma sensação de estar sendo abortada de mim mesma. Trágica e liricamente.

Passei a chegar um pouco mais cedo na casinha dos eucaliptos. Por causa dela, a bruxa. E ficava, numa permanência quase obsessiva, olhando a tênue beleza daquela planta. As folhas de veludo roçando os meus dedos. Cor de morte suave, a dela. Olhando insistentemente para os meus olhos. Abrindo-se naquele sorriso próprio de sua ironia.

Aí Fernando chegava e me tomava dela. Fernando todo meu. Eu, cada dia mais sexual, mais louca. Fernando domado. Pronto a qualquer hora, vasculhando todos os meus subterrâneos, teluricamente. E eu me abortando lenta, me impessoalizando não sei se na pessoa de Fernando ou se dela, a violeta. Fernando só meu, na calidez macia do colchão. Nós, a mistura. Como se nossas veias se entrelançassem e se perdessem no emaranhado de nossos corpos. A violeta, viva nos meus olhos. E eu, estranhamente, saindo de mim.

— Me morde. Com força. Até sangrar.

Ele mordia, ele sangrava a textura quente de meus ombros. Elisa assanhada. Elisa imprevisível. E a violeta lá, assistindo a tudo, impassível para os olhos de Fernando, viva para os de Elisa que se desconcertava com aquele risinho verde e imenso. Elisa no colchão: tão Fernando e tão violeta.

Na noite seguinte, Elisa notou que Fernando tinha ficado diferente. E no momento em que passou a reparar mais nele, certificou-se de que ele diminuía gradativamente: lua minguando no cheiro dos eucaliptos. De princípio, achou muito esquisito. Mas depois, passou a aborver silenciosamente aquela metamorfose lenta. O mais interessante, contudo, era que a violeta crescia na mesma proporção em que Fernando diminuía. Suas folhas já se espremiavam contra a parede.

— Essa menina perdeu a língua, Carmelita. Não conversa com ninguém. Parece bicho do mato...

Elisa com olhos de desdém para as duas. Umas chatas, umas ignorantes. Nunca iriam entender. Aliás, ninguém podia. Nem Elisa, nem eu que deixei de ser ela.

Quando Elisa voltou à casinha, Fernando já estava lá. Mínimo, mas todo músculo, todo corpo. A violeta, uma sombra crescente, fermentada, que já se alastrara totalmente pelo quarto. A última noite, aquela. Os corpos fluidos, etéreos. Fernando, inédito. Elisa, a cada movimento, se transformando, se revertendo: eu voltando para ela e Fernando sumindo em mim, num parto invertido.

Ele, no meu avesso. Todinho bebido. Fatalizado pelas profecias da violeta que, mágica, crescia doidamente, atropelando a casinha sem móveis, me abraçando toda. Eu, frágil vítima das incoerências de mim mesma, tomada, predadora e presa ao mesmo tempo. Ciente de minha loucura involuntária.

Fernando, o meu Fernando, dentro de mim. Guardado nas minhas entranhas. E a violeta, irônica, enorme.

NAS MARGENS DO CADERNO

**PSEUDÔNIMO: VOU LANÇAR UM MÍSSIL.
O ALVO É UM AVIÃO DA KOREAN AIR LINES.**

Alan de Freitas Passos

Curso de Mestrado - Filosofia
- Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas

«A hora do encontro é também
Despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida»

(Milton Nascimento/Fernando Brant)

Ontem aprendi que sou um movimento do Nada ao Nada. Isto no primeiro horário, porque no segundo convenceram-me de que meu ego é uma ilusão. Ensinam-me coisas muito interessantes aqui. Anoto-as neste caderno de capa dura estampada com retângulos coloridos separados por grossas linhas negras. Será alguma inspiração cubista? De todo modo parece ser mais indicado para receber tão complexas elucubrações, pois muitas pessoas na turma possuem cadernos como este, às vezes também com fotografias de cavalos na capa. Nas margens deste escrevo e rabisco, anoto algum telefone ou endereço. Escrevo e rabisco também nas carteiras e paredes. Será um impulso mórbido? Creio que não, pois aqui as paredes não têm, segundo a velha metáfora, ouvidos: elas falam, tagarelam sem parar. Nos murais e banheiros não escrevo, talvez pelo sutil caráter oficial dos primeiros e a descarada vocação pornográfica dos

segundos. Nos elevadores já tentei, mas a tinta não se agarra e logo as frases se dissolvem como nos quadros-negros. Nestes as palavras não se apagam com tanta facilidade, já que sempre faltam apagadores, restando aos mestres uma disputa encarniçada pelos remanescentes e imaginosa improvisação com lenços, trapos, jornais velhos. Falta de verbas, sempre. Estou no último andar de um prédio velho que já ameaçou desabar. É o oitavo pavimento, onde funcionam as faculdades de Filosofia e Comunicação. Aliás o suposto valor simbólico desta localização superior já foi alvo de muitas críticas, atualmente amainadas pela transferência para outro local do curso de Letras que funcionava no sexto andar, o que por outro lado provocou inúmeras reclamações entre a população masculina que ainda permanece no estabelecimento. Os críticos parecem não levar em conta o risco maior que corremos em caso de desabamento. Os elevadores não funcionam direito e sempre aprisionam alguém. O andar é formado por um corredor dividido ao meio. Nele ficam as portas das salas de aula. Numa das extremidades do corredor está a biblioteca. Gosto de me sentar próximo às janelas. Na primeira aula da tarde fico de frente para o oeste e vejo muitas casas e prédios, roupas no varal, grandes árvores e montanhas. No alto da montanha que domina a cidade neste lado há uma grande construção que sei é o noviciado. Acima dele torres de telecomunicação. Embaixo, no pátio de estacionamento da escola, os carros e as pessoas parecem de brinquedo. Avisto o bar do diretório acadêmico, freqüentado mais assiduamente pelos alunos que muitas disciplinas. Vez por outra o cheiro doce da maconha é trazido pelo vento. Lá embaixo as pessoas, minúsculas, vivem. Comum, tudo comum. Há uma quadra de esportes abandonada onde hoje operam grandes máquinas. Gostaria de poder transformá-la num ringue onde bailarinos eslavos fizessem evoluções complicadas e graciosas entre os tratores que estariam flutuando no ar para ressaltar a leveza da cena, como balões coloridos enfeitam um aniversário de criança em tarde de domingo. Eu veria tudo em panorâmica e travelling, mesmo que fosse impossível. Mas não. Não sou pirotécnico. Não poderei ver condores; há pardais e pombos.

Quando estiver na outra sala estarei do outro lado do corredor, de costas para o sol. É bom ver como ele se torna vermelho ao cair mas desgraçadamente isto realça a poluição. De lá a cidade se descortina mais: piscinas, avenidas, igrejas e montanhas. Mais torres. Prédios se colocam de pé em questão de semanas e ameaçam cobrir a paisagem que intercalo com as aulas e isso me aborrece de vez em quando. O barulho das obras é que nos obriga a mudar tanto de sala. Seus operários esquentam as marmitas em carrinhos de mão onde improvisam trempes. Nada disso parece causar maior emoção aos meus colegas marxistas: rapazes altos e magros que usam cabelos e barbas longos como o próprio Marx em suas fotografias mais divulgadas, moças muito convictas e de olhar esperto. Eventualmente discutem como é que um cara que nem Hegel podia ser cristão. As paredes também discutem interminavelmente, chamam-se de cabras da Albânia e estalinistas, este juízo aparenta ser mais ofensivo que aquele. Sem papas na língua as paredes pedem a legalização de drogas, fazem propostas políticas, xingam-se, anunciam cursos de apicultura ou leitura sistemática das obras de Freud. Tenho também colegas que não são marxistas: católicos, protestantes, espíritas, ativistas da Pastoral Universitária, do Movimento Negro Unificado, muitos psiquiatras. Um que entre tantos psiquiatras declarou ser o louco. «Estou vagando por esses corredores há dez anos. Só posso ser doido». Sua amiga que se matriculou para «aprender a pensar dialeticamente». A moça que prepara tese sobre «ícones da morte no Brasil colonial» e vive metida em cemitérios e seminários. Contagiou-me algum tempo com certa tristeza pelo roubo da Matriz do Pilar. A psicóloga bronzeada que usa muitas jóias e gemas, cheira a patchouli e freqüenta os bares da moda, gosta de biodança e massagem reichana, está conversando no corredor com o rapaz que usa um brinco de esmeralda na orelha esquerda. Agora ir à biblioteca procurar em algum livro (dicionário? enciclopédia? dicionário de Filosofia? compêndio de História?) o significado das palavras ormazd e arhiman, que me atormentam desde que pronunciadas em aula de filosofia grega por vetusto e erudito professor que bem poderia usar cachimbo e cachecol. Tem

alguma coisa a ver com Pérsia. Aquela dos Quadrinhos: tapetes voadores, narguilés, sapatos de pontas curvas, lâmpadas maravilhosas, mil e uma noites. Não essa dos jornais, furiosa, fanática e sangrenta nação que insisto em desconhecer. Além do mais nunca compreendi bem essas civilizações antigas: persas, fenícios, egípcios, aqueus, lacedemônios... que confusão! Recorrer à biblioteca que gosta de literatura e vai me pedir mais uma vez um conto ambientado na biblioteca, direi que ainda não «peguei» o clima, ela fingirá esquecer a multa daquele Descartes que está abandonado na minha estante há um mês, cruzar com a professora angustiada que gosta de Jorge Luís Borges e com o professor pachorrento que parece um cão São Bernardo, agora com o professor agitado e elétrico que dá a impressão de representar o tempo todo, a professora tomista, agora a senhora que vende pães de queijo e o padre que diz que não é hegeliano, agora Amália que está no curso de leitura dirigida d'O Capital, agora Amália que sai da biblioteca com as mãos cheias de livros — algum volume d'O Capital, é claro — e Bachelard e Althusser, se ao menos fosse Sartre, agora Amália que não vai conseguir equilibrar nos braços tanto comunismo de uma só vez, agora Amália que vai me pedir ajuda, logo Marx, se ao menos fosse Kierkegaard, agora Amália que, ai meu Deus, lá vai minha vaca pro brejo...

Belo Horizonte, 19 de novembro de 1983

RL

revista literária

**CONCURSO
DE
POEMAS**

100

100

100

100

100

100

1º Lugar

**PSEUDÔNIMO: TARECO DIPÔ NIVENDA
PRÊMIO: REITORIA DA UFMG**

Sérgio Coelho de Medeiros
Faculdade de Letras

OS SENTIDOS

TATO

as minhas mãos
aqui as ponho
por elas sinto
o mais que tenho

e pelo extremo
do corpo dátilo
tomo resposta
da força tátil

e permaneces
subcutâneo
no toque aflito
que a mão assanha

visito a casa
da pele lisa
sob meus dedos
tontos de vida

Enfim percebo
quando te toco
a vocação
livre do tato.



James
1984

Entre a paisagem que vejo
e a paisagem que sonho
eu invento uma terceira.
Descubro-a e fico triste:
é a paisagem que existe.

(r1 12: 17 bissextos inéditos — 5 renato de pinho).

VISÃO

a tua imagem no sinal
do arco-íris
e eu te sigo invertida
redimindo
 redizendo
te escondendo na saia

persigo a fantasia
no meu sentido de vista
e não te perco

— devia?

a mancha carcomida
sobre a mesa
pinçada na moldura onde
retrato
te revelei sagrado em luz aberta

e faço-me amásia
do propósito:
por divisar teu vulto na miragem
aparição da minha oftalgia.

PAZ

**Não é paz fechar os olhos
— existem outras janelas —
o algodão que vela o ouvido
não nos camurça os remorsos
e o tato cego das pétalas
acaba ferindo os dedos
que afagam flores de vidro
sobre verdades de pedra.**

**beatriz, elza. silêncio armado (poesia), pág. 66. editora comunicação.
belo horizonte, 1978.**

FAÇA (COMO FAZER)

**Çentido — no duplo
Ainda no outro, e acrescento:
são os tempos. Bicudos.
Ficar na posição de — obrigam
e esperam que fiquemos.**

**Pátria amada salva salve!
mais
Soltem-me deixem-me gritar!**

**Centido (os cinco) é a busca,
convenhamos,
para a falta de
Sentido é a posição,
descubramos,
para dar sentido ao dito concedido,
sem ter sido prestado o necessário.**

**(Só faz,
quando se preenche com outro).**

santiago, silviano. vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais — pág. 11. rio de janeiro: paz e terra, 1982.

AUDIÇÃO

soando acordes de farpa
o teu profano evoé
na minha porta

e aquele chamado estranho
canção do nome (meu nome)
na tua voz

um grito rouco faminto
acorda a fêmea no vício
de te buscar

vibração — corpo ruidoso
o som da vida rompendo
amor: amar.

Que me quer esse perfume?
Nem sequer lhe sei o nome.

Sei que me invade a narina
como incenso de novena.

(viola de bolso: tempo e olfato — carlos drummond de andrade).

OLFATO

o que cheira
ou
não cheira
não reconheço:
— o desodorante que te dei
e a colônia de barba
e aquela água-de-cheiro
ainda fechada
na gaveta do teu criado mudo

mas o perfume molhado
misturado a cio de bordel
indício de desejo saciado

aspiro no teu rastro
a sensação do faro
vontade que se toca
 e se recolhe
 e se conhece no suor batido
cheiro de corpo
que mina noutro corpo
invadindo os sentidos da narina
— volúpia que se nega
enquanto aceita.

Um nome para mim seria A BOCA
ou a SARÇA ARDENTE E A MULHER CONFUSA
ou ainda e melhor A BOBA GRAVE.

(terra de santa cruz: a boca — adélla prado).

PALADAR

o que sentir na tua boca amarga
senão o travo de uma fruta verde
senão o agre das tuas andanças
e o beijo das mulheres (às vezes, doce)
mas que me chega feito ardor: ciúme
certeza de que ando acompanhada?

o que sentir naquele beijo cego
que abre meu sorriso ao recebê-lo
à custa de um sentimento forte
que brota sobre a língua — feito cuspe
ou qualquer coisa que se baba e engole
sem ter direito no saber de onde?

sentir o gosto deste amargo impune
e pelejar pra não querê-lo mais
porém não posso resistir enquanto
um beijo de capricho — como saibo
tamborilando no meu lábio seco
desperta a vida: paladar de um sonho.

eu te modelo em mim/por mim
barro que és
e germinarás em mim/por mim
e te fabrico e te toco em meu sonho/ser
nas epifanias da dança, Dianice ou fábula.

(dianice-diamantina: dianice, o que serás? fritz teixeira de sailes).

OS SENTIDOS

1. audição — s.f. percepção dos sons pelo ouvido
2. olfato (olfacto) — s.m. o sentido do cheiro
3. paladar — s.m. o sentido do gosto
4. tato (tacto) — s.m. o sentido pelo qual recebemos as sensações de contato e pressão, as térmicas e as dolorosas
5. visão — s.f. ato ou efeito de ver.

buarque de holanda ferreira, aurello. pequeno dicionário da língua portuguesa. 11ª ed. editora civilização brasileira. são paulo. 1969.

A íntima corda de metal
não tocada pelo arco
docemente estremece
nas dobradiças do eco
o som tangente à superfície
que se faz interior.
Coração: viola d'amore.

(musical: miradouro e outros poemas — Henriqueta Lisboa).

2º Lugar

**PRÊMIO GENEX-FALE
PSEUDÔNIMO: AUGUSTO FRANCO**

Nuno Tomaz Pires de Carvalho
Doutorado Faculdade de Direito

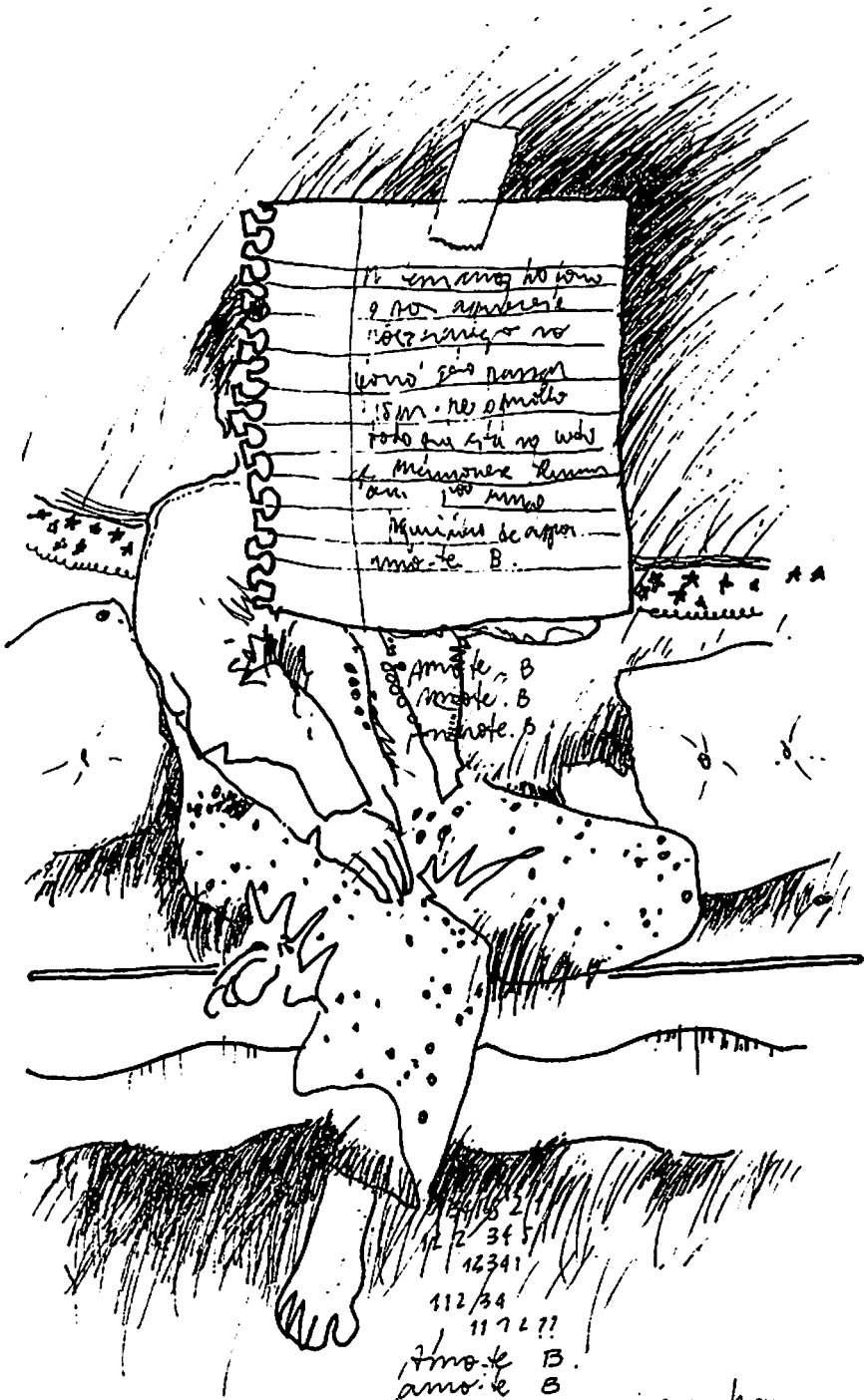
POEMA DE SEGUNDA-FEIRA

N. tem arroz no forno
é só aquecer põe o fran-
go no forno quando pas-
sarem 15m põe o molho to-
do que está no vidro de
maionese Helmans deixa o
frango ficar bem tosta-
do se secar põe um pou-
quinho de água muito
pouca amo-te B.

quando cheguei a casa
dei o jantar às crianças
deitei-as
e sentei-me aqui na sala vazia
a pensar na cúmplice caminhada que temos feito juntos pela vida
entre as manhãs e as noites de quase todos os dias

depois copiei o poema de amor que me deixaste na porta da
geladeira

Belo Horizonte. 07.03.83



12 emang ho low
 2 no appere
 1022 nio or no
 10 no 200 nio
 15 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds
 10 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds
 10 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds
 10 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds

10 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds
 10 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds

112/34
 1172??
 10 m. no 20 mello
 1000 no 4-10 no wds

4984

Jimmy Leroy

AVISO A UM PACATO CIDADÃO

toma cuidado com essas crianças sujas esfarrapadas e remelentas
elas são falsas e traiçoeiras
apenas querem de ti o relógio que trazes no pulso
(atenção aos pedintes que te esperam nos semáforos)
bem como as jóias e os dólares que guardas em casa

se os vires por perto pega na arma que escondes na gaveta das
camisas

e deixa-a carregada

porque essas crianças não merecem compaixão
elas não sentem nem pensam nem vivem como tu
de dia como matilhas de cães vadios rondam a tua porta
farejando e fungando

e de noite agitam-se em sonhos de comida e de roupa
(ora convenhamos que esses sonhos são ridículos e comezinhos)

não deixes que elas se aproximem dos teus filhos naqueles
domingos

de sol em que os levas a brincar no parque
toma cuidado porque esses pequenos bastardos têm chagas
abertas pústulas supuradas vermes e sífilis
metem nojo e fedem ao longe

se alguma vez topares com uma dessas crianças deitada na rua
agonizando de fome

não chames o rabecão

chama o caminhão do lixo

porque o lugar de bichos mortos é no aterro sanitário
e se o prefeito da tua cidade for um homem esclarecido
ele haverá de ter contratado o engarrafamento e a distribuição
do gás produzido no aterro

se assim for

esses moleques sarnentos que andam por aí ainda poderão
ser-te úteis

pois ao menos
depois de mortos
servirão para acenderes o fogão e nele preparares a tua comida
para que depois do almoço deixes crescer a barriga
dormindo
e arrotando de fastio

—oOo—

A Ana espalhou retratos pela casa inteira: no aparador, nas
estantes,
na mesa do som, nas gavetas (guardados em caixas de
sapatos).

São retratos de irmãs, irmãos, tias velhas, cunhados, sobrinhos,
avós, primos, amigos.

São retratos nossos, quando jovens, e não sabíamos que nos
encontraríamos.

São retratos de formaturas, de jantares, de casamentos, de
batizados
— e outros são instantâneos tirados ao acaso na rua,
na porta da casa, na praia, na varanda de um apartamento
já antigo.

Talvez ela queira com isso diminuir a ausência
e, assim, adiar a morte de quem está longe
(porque raramente morre quem está perto).

Mas não há retratos que diminuam a ausência.

A ausência diminui-se por si mesma.

No começo sente-se a falta, como de uma unha quebrada,
depois deixa de doer,
e por fim é quase nada
(apenas uma diferença).

Os retratos que a Ana espalhou pela casa vão-se tornando numa
decoreação de interior.

Com o tempo, eles perdem a cor.

Eles não doem.

UMA ESTORINHA A TOA

I

o moleque soltou a pipa no céu azul
mas o barbante enrodilhou-se na luz da manhã

ele então puxou-a para baixo
e o sol veio junto

antes que os tiras o pegassem ele desembaraçou o barbante
e jogou o sol no fundo do Rio das Velhas

II

um gari da Prefeitura achou o sol numa boca-de-lobo
e guardou-o no bolso esquerdo das calças

(o bolso direito já estava atulhado
com uns trocados o retrato do filho morto e o lenço sujo)

III

lentamente

um girassol recomeça a girar na lixeira municipal de

Belo Horizonte

POEMA DO EXÍLIO

**há em mim lembranças da pátria
do choro do riso do vento do esgarro
do silêncio do amor da manhã da noite da cor da fumaça
da esperança do olhar da permuta da certeza do engano**

**há em mim lembranças do beijo do frio do arrepio do medo
do sorriso do tempo da vida da morte do sabor
da boca do murmúrio do grito da pústula do desejo da ferida
da mão do sangue da dor da lágrima e do lixo**

**há em mim lembranças da pedra da chuva do rio
da ponte do mar do cais da dívida da cobrança
da promessa da espera do encontro da dúvida
da neblina do pássaro do vôo e da cegueira**

**há em mim lembranças do sol do jardim do disfarce
do retrato da vereda da montanha do sempre do talvez
da rua da porta do muro
do sim do não do antes do depois e do nunca**

**há em mim lembranças do teu corpo
(e há em mim remorsos das vezes que não o tive)**

3º Lugar

**PRÊMIO: PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
PSEUDÔNIMO: MELINA**

Maria Esther Maciel de Oliveira
Faculdade de Letras

ESTORINHA MATREIRA

Minha terra é a menina inquieta do Rio Paranaíba
com os olhinhos umedecidos na vertigem das águas
o vestido traduzindo as curvas da cinturinha assanhada
os pés envoltos na cálida intimidade dos chinelos
os peitinhos ofegantes à espera do menino boiadeiro
que jurou amor por toda vida e partiu
no galope sorrateiro de uma égua desvairada
em rumo às terras perdidas naquele mundão de lá.

QUERÊNCIAS

Quero

tua brancura apunhalada de desejo
a emboscada pronta de tua boca
tua vivência sazoadada
que afronta o meu espanto

Quero

teu corpo guarnecido de magia
a embriaguez líquida de teus olhos
tua insistência que se faz cúmplice
do meu medo

Te quero
mesmo na provisoriedade
da tua presença
mesmo por um momento
capaz de se eternizar
na urgência de nosso encontro.

TESTEMUNHO

A Lautréamont

Não vim para ficar:
não sou senão a minha possibilidade de volta
a minha indizível presença
que se resvala no espanto de ser

Vim
provisoriamente
desafiar o século
anistiar meu susto
traduzir no tempo
esse absurdo de nós

Não cheguei tarde
porque tarde é para os incrédulos
e os fantasmas que não se vingaram em vida

E porque
nem tudo está falado:
o mundo ainda é uma esfinge
que devora os mudos
e os simplesmente chegados.

GESTAÇÃO

**Chegará o dia
de explodir a nuvem
chuvas de palavras:
o dia de se dispersar
o maior poema
no espaço
puro e livre de papel
o dia de se amarem os versos
e de tudo se consumir
na poesia pronta
para nascer.**

CONCEITO

Teu corpo:

**um porto
que eterniza
meus navios**

**um parto
que traduz
o meu avesso**

**a parte
que arremata
o meu desejo.**

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

1947

1948

1949

1950

1951

PSEUDÔNIMO: GORDA-E-NOVA

Luci Clea Soalheiro

Faculdade de Letras

NOTURNO Nº 0

**Olho meu púbis
perdido entre essas medonhas pernas,
nuas no escuro.**

**E acalento tímidos,
taciturnos chatos pubianos:
não se retraíam tanto
eu... eu os amo.**

**Mas não sustento
por uma lua cheia mais
o suporte desse inculto corpo,
tão dificultosamente ambulante.**

**Ah, esse coração inchado
esse coração inflado**

e entupido de placas lipídicas...

SANDRAMARA

Ela
era
tão bonita
que impossível era
imaginá-la
de outra forma
como, por exemplo:
um bigode.

RETROSPECTIVA

Uma coisa qualquer deve ter coberto
semanas santas e carnavais;
dias de mães, namorados, pais...

Houve pouquíssimas festas de família
por isso quase não vi meus tios
— mudos —
sassaricando em volta de minha avó
— surda —

Nenhuma roupa nova
este ano. Desde o ano passado
nenhuma missa dominical
mais
nem galos depenados na panela
desde que vim para Belo Horizonte

Meu corpo... se alastra
a cada sinistra noite.
Toda manhã o encontro maior!
Meu corpo se alastra a cada noite,
a cada passagem de lua, trens, anos:
réveillons e aniversários

Minha Poesia escasseou,
e quase não houve redações
lidas entre medo e outras emoções
para a polida professora
polidamente posicionada
e satisfeita,
para minhas antigas colegas
rasas estátuas esculpidas
na mais descorada palha

Este ano, os trágicos suicídios que eu arquitetei
afogamento, enforcamento, auto-refogamento
e as cartas patéticas que escrevi, anexas.
Nada valeu? Nada!
Como os projetos anteriores
de praias e viagens,
de pessoas.
Aqui estou eu, entre as mesmas:
colegas e professoras.
Imaculadas.

PSEUDÔNIMO: GREGÓRIO

Roberto Barros de Carvalho

Faculdade de Letras

BALANÇO

um guarda-roupa
lotado até a tampa:
um bem.

todo o futuro, os planos
contidos numa colher
de chá.

CLUBE PRINCESA ISABEL ROSA DE OURO

uma rosa de ouro para isabel
um reino de pretos para a princesa
umas mulheres pretas de rosa
uns homens de presas de ouro

—oOo—

duo:
dalva cansada diante
da pia, debaixo
dos pratos
duendes, dúzias de ovos
andaimes na casa
diva circulante na cozinha

PSEUDÓNIMO: ALVARES

Roberto Barros de Carvalho

Faculdade de Letras

UM PIJAMA PARA DOIS

moverei o braço em tua direção
e hei de procurar-te a cintura como faz um noivo

enquanto rói a cama a traça
acima da pia a fria talha
hás de ficar olhando o céu da noite

ateamos fogo à palha
como se atacando a praga da mata
a partir da folha seca
houvesse de nos reatar o calor

—oOo—

dói demais o braço
se o esticamos tanto
tentando a estrela mais alta

quanto dói a alma
se lhe estira todas as fibras
a paixão golpeada

INVENTARIO

tive livros, louça
ossos que ficaram da carne
que se come.

prazeres, prova de amor, lua que incendei
uma cabeça de santo, um buraco
que o cupim sempre traça a madeira.

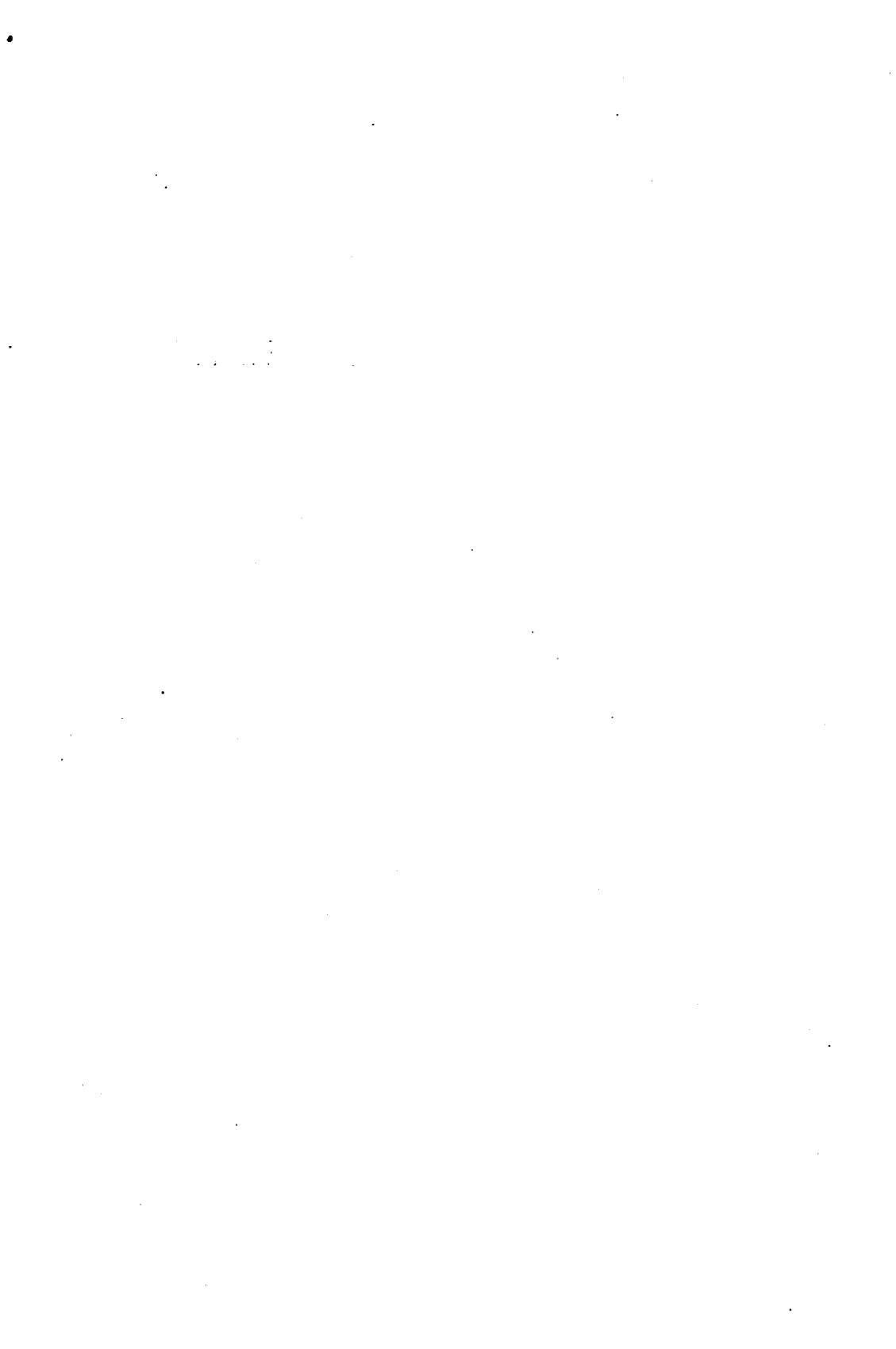
alegria!
tenho um céu que me cobre
e a certeza
de um véu que me cubra
o rosto.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS



TORRES ALTAS

Leda Maria Martins

Ah! torres que apontam para o chão
onde as lágrimas de Rapunzel
são a única escada!
Ah! torres de onde Rapunzel contempla
seus iguais
e onde se reproduz
em cada som que penetra as janelas
todas elas abertas
escancaradas
janelas
que já não podem ser cerradas
pois a elas pertence o fluxo indolor
do movimento lascivo dos escorpiões.

Os rios te procuram Rapunzel
assim os vapores
os trens de ferro
e és livre para o envarandar dos dias
Por que então não deixas a torre que habitas só
a torre sem vigias
sem trancas
sem grades?

As torres apontam no chão os caminhos
e todos eles conhecem tua seta
onde imerges num verso interminável
tu
poeta estrangeira dos ritmos minguantes
encarcerada no poema
tal a manhã nas noites.

Ah! torres que apontam para o chão
onde tu Rapunzel contemplas
os olhos muito abertos
envidraçados
eles mesmos sementes do sol
germinando continuas tuas escadas
fontes
que nunca estancarás.

Julho/81

J. N. Bedran

OS VAGA-LUMES DESAPARECEM I

Alguém nos soltou na vida.
A aleivosia do empurrão bruto
Foi de criança malévola e sorridente.
São pequena mancha indistinta
Os copos-de-leite em bando,
Cheios de água clara da chuva

Passando...

Queima sem parar o círio vermelho
A provisão farta de enganos da lentidão.
Com a casa tosca de cachorro
Instável sobre suas raízes,
Vejo só a sombra do último ramo
Do jambeiro que até ontem via todo.

Passando...

Apareceu uma teia de aranha
Naquele canto escuro do teto.
Os pingentes rubros e rugosos
Sofreram os mistérios da natureza
E deixaram de sarapintar a amoreira.
As tinturas esmaecem, na minha cara.
Astro patético que não ressurgue.

Meu Deus, estou passando!

OS VAGA-LUMES DESAPARECEM II

Passeia nas chumaços de cabelo
Que nascem cobrindo as nuças.
Espia escondido nos pés chutados
Dos móveis, das mesas, das camas...
Maneja os faróis ofuscantes da costa
E reclina-se nos troncos das árvores imensas.

São o anteparo do seu recanto os cortinados.
Tem ninho sob as imagens da retina.
Marcha junto com a sombra da noite
De um dos satélites de Urano.
Nem a obliquidade nem a esguelha,
Em chispas velozes, o surpreendem.

É de detrás das pilastras:
Se olhas do lado de lá,
 está do outro lado;
Se olhas do lado de cá,
 está do outro lado.

OS VAGA-LUMES DESAPARECEM III

**Vegetação palustre vingada
Entre os caldos que fervem
Nos charcos lamacentos daqui.
Desapercebimento culpável de quase
Não se derrear o lançar de rebentos
Para depois das fronteiras epidérmicas,
Esfolando o rosto das pessoas
E puxando os fios das roupas de inverno.**

**Estação perene de carapaças e composturas,
As bravatas têm o alimento nas projeções.
Sem detença espichei minha pele descolada
Sobre todos os músculos sanfonados;
Poli assim meus dentes com sal grosso
E repuxei em definitivo meus lábios para cima.
Banhei ainda minha face em água de cerejas.
Enclausurei minhas religiosas escanifradas.**

PAMPULHA

Ronald Claver

A LAGOA É A ILHA DA CIDADE DO BELO-HORIZONTE

**A LAGOA É CERCADA POR JUSCELINO, GUIGNARD, NIEMEYER,
LÚCIO COSTA, JOSÉ PEDROSA, PORTINARI, CESCHIATTI,
BURLE MARX ZANOISKI, SÃO FRANCISCO e**

IEMANJA

**A LAGOA É ILHADA POR bares, boates, botes
bêbados e bancos
coqueiros e clubes
drinques, draivins, motéis, jardins
lanchas, lanches
casarões, quartéis, mansões
drogas, dragas, docas
brancos & brancos**

**A LAGOA É ABERTA AO POVO, AOS POBRES, AOS PRETOS
PARA PESCAR
E PEGAR XISTOSE**

SPEAK WHITE

Michèle Lalonde

Speak white
é tão bonito ouvir-vos
falar de Paradise Lost
ou do perfil gracioso e anônimo que treme
nos sonetos de Shakespeare

nós somos um povo inculto e gago
mas não somos surdos ao gênio de uma língua
falai com o acento de Milton e Byron e Shelley e
Keats

Speak white
e perdoai-nos por só termos por resposta
os cantos roucos de nossos ancestrais
e a mágoa de Nelligan *

Speak white
falai de umas e outras coisas
falai-nos da Grande Carta
ou do monumento a Lincoln
do encanto cinza do Tâmis
e da água rosada do Potomac
falai-nos de vossas tradições
nós somos um povo pouco brilhante
mas muito capaz de apreciar
toda a importância dos crumpets
ou do Boston Tea Party

* Emile Nelligan, poeta quebequense, nascido em Montréal, em 1879 e morto na mesma cidade, em 1941.

**Mas quando vós really speak white
quando vós get down to brass tacks**

**para falar do gracious living
e falar do nível de vida
e da Grande Sociedade
um pouco mais alto então speak white
levantai vossas vozes de contramestres
nós somos um pouco duros de orelha
nós vivemos muito perto das máquinas
e só ouvimos nossa respiração acima das ferramentas**

**speak white and loud
que seiais ouvidos
da Saint-Henri a Saint-Domingue
sim que admirável língua
para dar empregos
para dar ordens
fixar a hora da morte no trabalho
e da pausa que refresca
e revigora o dólar**

**speak white
tell us that God is a great big shot
and that we're paid to trust him
speak white
falai-nos produção lucros porcentagem
speak white
é uma língua rica
para comprar
mas para se vender
mas para se vender até perder a alma
mas para se vender**

**ah!
speak white
big deal
mas para dizer-vos**

a eternidade de um dia de greve
para contar
uma vida de povo-zelador
mas para voltar para casa à tarde
na hora em que o sol rebenta acima das
 vuelas
mas para dizer-vos sim que o sol se põe sim
cada dia de nossas vidas a leste de vossos impérios
nada vale uma língua de imprecações
nosso palrar não muito limpo
manchado de graxa e de óleo

Speak white
ficai à vontade em vossas palavras
nós somos um povo rancoroso
mas não culpamos ninguém
de ter o monopólio
da correção da linguagem

na língua doce de Shakespeare
com o acento de Longfellow
falai um francês puro e atrozmente branco
como no Vietnam e no Congo
falai um alemão impecável
com uma estrela amarela entre os dentes
falai russo falai apelo à ordem falai repressão
Speak white
é uma língua universal
nós nascemos para compreendê-la
com suas palavras lacrimogênio
com suas palavras de metralhadora

Speak white
tell us again about Freedom and Democracy
nós sabemos que liberdade é uma palavra negra
como a miséria é negra
e como o sangue se mistura à poeira das ruas de Alger
 ou de Little Rock

speak white
de Westminster a Washington revezai-vos
speak white como em Wall Street
white como em Watts
be civilized
e compreendei nosso falar de circunstância
quando vós nos perguntais polidamente
how do you do
e vós nos escutais responder
we're doing all right
we're doing fine
we
are not alonge

nós sabemos
que não estamos sós

(Tradução de Eunice Dutra Galéry)

MICHÈLE LALONDE nasceu em Montréal, em 1937. Licenciada em Filosofia pela Universidade de Montréal, obtém uma bolsa de estudos do Conselho de Artes do Canadá e faz um estágio na Universidade de Harvard. Começou a escrever quando ainda estudante e sua primeira peça de teatro, **ANKRANIA**, é encenada pela trupe Le Proscenium no Festival de Arte Dramática do Oeste do Quebec. Em 1958, publica um poema polifônico, **SONGE DE LA FIANCÉE DÉTRUITE**, apresentado na Radio Canadá. Em 1967, na Praça das Artes, em Montréal, é recitado seu poema mais conhecido, **SPEAK WHITE**, cuja tradução se apresenta. Nesse poema, Michèle Lalonde tenta expressar toda a angústia do povo do Quebec diante da esmagadora maioria de língua inglesa com a qual é confrontado diariamente, diante das sanções a que, até bem pouco tempo, era submetido por falar francês. O poema é também um grito de revolta contra toda e qualquer forma de opressão a que se submeta o homem, especialmente contra a opressão colonialista e neo-colonialista dos nossos dias, venha de onde vier.

BIBLIOGRAFIA

SONGE DE LA FIANCÉE DÉTRUITE, Montréal, Ed. d'Orphée, 1958.
GEÔLES, poèmes. Montréal, Ed. d'Orphée, 1957.
TERRE DES HOMMES, poème. Montréal, Ed. du Jour, 1967.
SPEAK WHITE, poème-affiche. Montréal, Ed. de l'Hexagone, 1974.

FESTA DO DIVINO EM DIAMANTINA

Adão Ventura

**é cumpadre Mané João, safoneiro de Dom Joaquim,
minha madrinha Maria Castora, lá de Santo Antônio do Itambé,
os marujos do Sêrro, o congado de Milho Verde,
meu Tio José garimpeiro de Datas, enfiado em botinas
e terno novo,**

**é pau de sebo,
banho de cachoeira,
moça com sempre-viva no cabelo,
mascate de Curvelo,
raizeiro de Santo Antônio da Coluna,
cavaleiro de Mãe dos Homens,
a dança e a cachaça no Mercado,
o namoro e a viola comendo fundo no coração.**

RITO DE PASSAGEM

Paulinho Assunção

palmo a palmo vi morrer meu pai
black-out em sua cidade gelo em

seu termômetro nenhum estampido
vento a sudeste a noroeste nenh

uma banda de jazz milímetro a m
ilímetro meu pai foi entornando

o caldo gás que exala cavalo se
m rédeas ele foi saindo e não d

isse ah nem oh nem de galo cant
ou não profetizou nem praga rog

ou meu pai guardou para o fim t
odas as reticências destruiu ví

rgulas calou pontos e parágrafo
s frases engulidas encavalou pe

ríodos fechou o espetáculo sile
nciou a orquestra trotou a mula

ao precipício a mala sem carimb
o o passaporte nem pijama vesti

u olhar de mármore enchendo o q
uarto espelho sem fundo gargant

a de abismos gota a gota sua to
rneira secaria adiante dos próp

rios passos sem o duplo da próp
ria sombra mais longe que o pró

prio alarme fumou pela brasa ba
rco a pique danou-se em xeque m
ate

Sérgio Alves Peixoto

O POEMA

O poema troca o perfil do tempo
em cada
verso.
O poema troça do ardil das horas
em cada
gesto.
E,
de resto,
o que é o poema?
Disfarce antigo de quem
no tempo ama
e do tempo
esquece.

HAMLET

Se meu verso não diz o que falo
Calo?
Trescalo a cheiro de jasmim?

Ou busco num breve intervalo
Raro
O exato avesso da palavra fim?

ESFINGE

**As coisas nossas, só nossas
— indecifráveis promessas —
esquece, amor, esquece
de procurá-las impressas
no vago perfil das horas.
Não teças a rede invisível
de perguntas sem resposta,
nem busques no inútil vento
lamentos por entre as frestas.
Não te servem velas, mastros,
nuvens no tempo dispersas
pois elas repousam à espreita
— indecifráveis promessas —
as coisas tuas, só tuas,
dentro de ti submersas.**

Maria do Carmo Brandão

PARA DRUMMOND

Quando nada mais
restar que a
geografia de tua
ausência
quando nada mais
restar que os dedos
cruzados
sem diretriz para
apontar
quando nada mais
restar que um chão
frio incômodo de
se pisar...
fecharemos para
sempre as nossas
janelas:
a aurora serena
nos brindará com
o eco eterno de
tuas palavras.

MULHER OPERARIA

Perdoe a cara lavada
as rugas adolecendo nos
cantos dos olhos Perdoe
os olhos fustigados e
vermelhos que cada vez
enxergam menos e menos
querem enxergar Perdoe os
soluços atrás da porta as
mágoas sabidas os choros
incontidos rastejando pelo quarto
Perdoe os cabelos em desalinho
as roupas de baixo
surradas sem rendas sem viço
pra mais te agradar Perdoe a
pele sem cheiro de alfazema
as unhas roídas os pés
escamados o ventre inchado de
tanto parir Perdoe a falta de jeito
desejo e carinho Perdoe
meu cansaço eterno e minha
falta de fé Perdoe meu sorriso
triste É lida de anos de quatro
estações é canto de luta
reprisados verões
PERDOE.

Eunice Dutra Galéry

FATOS FUNDAMENTAIS COM SABOR A BARROCO

Positiva ou negativa esta equação?
Somo aos meus dias, ou deles subtraio
a cada dia, o dia que passou?
Se cresço em dias, cresce a vida, ou diminui?
E se em trabalhos multiplico-me a presença
não se me divide a presença a cada um?
Se multiplico, eu me divido; e se somo, subtraio.
E assim, resultado estupefato
desta conta incalculável e finita,
o instante eu se alonga em dois sentidos,
faz a curva do mundo e enfim reúne
no seu princípio, o princípio do seu fim.

FRUIÇÃO

Acordaste-me o cio e ronrono
no prazer de tua pele onde me esqueço
em pele e pelos meus dedos se consomem
cega tateio teu corpo todo inteiro
tu navegante em mares nunca de antes
em brancas brisas leves e vadias
sabes a rota o rumo a reta e o desvario
tu és falésia, gruta sou; e se península
em angras me espraio a teu prazer

ANALISE

Refazer, com o rosto de hoje
as antigas sensações
reconduzir alma e corpo
através do labirinto
recusar o labirinto
onde o monstro apodrece
refletir-se no espelho
rosto de hoje, alma de ontem
retornar ao labirinto
libertá-lo dos meandros
reconstruir casa nova
com matéria da primeira
reviver, renascer, retomar
e poder
esquecer este prefixo

PAUTA

Dó, Ré, Dó
Ré, Dó, Ré, Mi
O estribilho da infância
longínqua nas notas
Dó, me sinto ré
de falta não cometida
faz sol, mas não na
minha vida:
lá chove; apenas se
Dó, ré, dó, ré
Dor é, dor é, dor

APARENCIAS

No perfume
amarelo do pequi
o insuspeitado
espinho
cravado
na carne muda

O INEXPLICAVEL

... a paixão dos suicidas
que se matam sem explicação...
(Carlos Drummond de Andrade)

Os gestos fúteis
do cotidiano
os planos do amanhã que não chegou
a namorada esperando ao telefone
Simplesmente abriste a porta aquele dia
e foste ao encontro da amada mais antiga
a que te marcou com seu selo
desde o dia em que nasceste
a que buscavas sem saber cada minuto
(Até que um dia tu soubeste
e o segredo
era só teu)
E assim, abriste a porta aquele dia
e foste ao encontro da amada mais antiga...

MUDO

O silêncio do morto
é um tapa no escuro

ninguém sabe
de onde veio o golpe
(Tânia Carvalho)

Selada
a boca de riso
(o riso, onde foi?)
selados
os olhos de brilho
(o brilho cegou)
selados
ouvidos de música
(que se desfez)
selados
o mistério da vida
a porta final
selado
o corpo na caixa
selada
a caixa na cova
porque tantos selos
se a morte não tem resposta?

EM SURDINA

Em surdina
viveste e atrás do canto
o pranto
ninguém ouvia
em surdina
morreste
e atrás do pranto
o canto
ninguém ouvia

1941

John H. ...
...

John H. ...
...

John H. ...
...

1942

John H. ...
...

CONTOS

NÓS, MARGINAIS

Ana Maria de Almeida

marginal: a margem dessa escrita
o fio negro, a urdidura fria
a feia trama, a mancha dessa vida

— Ouve, vizinha. Dizem que da casa ao lado partem ruídos estranhos. Ranger de móveis, vozes afogadas, surdos estertores. Gemidos de amor? Não me faça rir. Esses são outros rumores. As paredes ressoam, os vidros tilintam — é o que dizem. Também não se trata de encontros furtivos — isso eu sei. Somente quem não viu a pobre coitada havia de supor tal aberração. Mulher meio gorda, meio velha, meio gasta, há quem goste? Só se fosse para encosto, mas isso... E ela diz que ajeita a casa até altas horas porque não há empregada que agüente tanto serviço, a casa tão grande! ... Pela manhã dorme. Sabe-se lá? Eu é que sei ... Para esperar e manter a casa arrumada para aquele que nunca há de vir. Quem é não sei, mas dizem ... O noivo que foi embora. E todas as noites os ruídos tecem um novo bordado para aquele que foi embora, e ela sonha acordada, porque, se dormir, os fios do sonho podem acabar. E ela toca, vizinha, na vitrola antiga, aquela música interminável que fala de rosas e de fusos. Perdeu a mãe, o pai e o noivo. E depois os amigos, um a um. A vitrola é velha, os discos são antigos, repetem a mesma música. Dá preguiça de ouvir, repete tanto, a mesma música tristonha. Coitadinha ... E sonha acordada. Tem um retrato de corpo inteiro do noivo e toda a noite arruma os

móveis num desenho diferente. Dizem que os dias felizes se tecem com lã branca e fios dourados. Apenas ditado popular, maneira de dizer. Por certo na casa ao lado, a lã preta é que tece, e tece apenas os dias atrozés. Para que se importar? Mas eu mesma sei, mesmo sem ela dizer, o que faz mudando todos os móveis de lugar. Essas coisas de mulher educada em colégio de freiras, etiquetas sem utilidade... Uma mesa sob a luz ... jantar feliz. Dois quadros de paisagem, pastores de porcelana ... paz na natureza. Cortinas brancas na janela, colcha macia de algodão e seda ... aquele descanso e prazer. Mulher doida. E passa os dias claros sem dormir. Quem sabe pela manhã ela dorme...

O deus dos marginais é uma estátua de bronze, de olhos fechados diante da janela aberta para a escuridão da noite sem lua e sem estrelas. O deus dos marginais tem como emissário um anjo trôpego, de dedos encavalados, que coleciona sonhos e sexos decepados. O emissário do deus dos marginais vira e volta as folhas de um livro sujo, e murmura, quase num ranger de dentes, o código dos silenciosos, daqueles que só sabem a surdina dos sufocados. Ó deus dos marginais! Estende sobre nós teu manto costurado com o fio da parca mais feia, aquela que não pode ser abrandada.

(Para onde fostes, ó sonhos de mulheres abandonadas como navios naufragados, as velas dos braços esgarçadas no impossível porto de chegada? Para onde fostes, ó lágrimas de sangue estancadas como lavras frias, as veias cálidas do amor cortadas no leito estreito da desesperança?)

— Vamos falar de ti, desse tecido de recusa ou ruptura que teces como trama traiçoeira entre nós. Escuta-me. Não posso aceitar teu silêncio que teima em atribuir-me uma falta que desconheço. Já expliquei que, nos últimos tempos, não tenho tido mais tempo de me ocupar de ti. São tantos os problemas, tamanhas as outras solicitações que tens de compreender que devo interessar-me por outras coisas, procurar outras pessoas com as quais tenho laços de amizade que ultrapassam a mera afeição das pessoas que se respeitam e se estimam. Podes

compreender? Preciso viver, vê se me entendes de vez. Falei de mim? Agora de ti: gosto de teu jeito etéreo de estar no mundo, de tua companhia silenciosa, de tua presença imper-turbável, que nada pede e nada exige. Mas há no tecido de teu silêncio uma opacidade inesperada, que me inquieta. Falemos de ti; escuta-me, por favor: vez ou outra, se me afasto de ti é para sentir-me mais perto de ti. Creio te haver dito já uma vez que as formas de amor ou de relação que não se tecem na cumplicidade, estão condenadas a fracassar, tão verdade é que esta integração exige a compreensão antes da inteligência, antes mesmo da interpretação. Uma vez cometido o irremediável, temos de o gerir. Afastei-me de ti apenas fisicamente. Mentalmente, não me desvencilhei desses fios, dessa trama que me prende a ti. É isso que entendo por diálogo, por aquilo que permite a tessitura do convívio: cumplicidade, antes da compreensão. Não consigo aceitar esse silêncio de ruptura e abandono, essa maneira de agir como quem desiste de tudo, pois penso que há sempre pensos a pôr na perna de pau. Contrariamente do que dizem as frases feitas que pensam que tais operações são inúteis, vamos remediar o irremediável, remendar o remendado. Falei de ti? Agora de mim: não consigo aceitar a trama de teu silêncio...

Ave, Nona, deusa da última hora do desalento e das formas constrangidas. Paira sobre nós tuas asas azuis de enxofre. Ave, Fata, maligna e traiçoeira. Teu nome cobre de cinzas os corpos insepultos dos dilacerados, dos extirpados e dos excluídos. Ave, perversa. Abafa com tuas garras de ferro o pulsar vivo da lembrança, as tímidas palpitações da vida. Corta com teus dentes esse estéril urdume, tu que urdes a miséria e a solidão. Ave, Macéria, parede de pedra sem musgo ou cal. Extingue o perfume dos jasmíns e dos mais tímidos suspiros. Que a dor apodreça ao relento. Ave, Maquinata, sombra do desespero, escuridão da mais densa agonia. Nós, marginais, te louvamos do fundo do nosso ermo.

marginal: a margem desse corpo
o gesto cortado, o grito surdo
os olhos cegos, o podre desse aborto

— Por que você chorou, ó pretinha? Credo! A cabeça cheia de crostas, esses olhos remelentos, sarna em todo o corpo. Na sua cabeça há como que teias de aranha, ninguém lava você? É preciso ter higiene, um pouco de disciplina para cortar o fio desse círculo vicioso em que vocês vivem: pedir para comer, comer para pedir. E não abaixe esses olhos, está fugindo de quê? Não entendo o que diz. Vocês falam em meandros, vê se não perde o fio da meada nesse aranzel de lamúrias. Alguém lhe bateu? Ah, essas crianças largadas como sacos de lixo ... Sacos de merda, isso sim ... Quem pode entender as tramas do destino que tece essas vidas imundas, sem rumo ... Você precisa aprender a se defender, senão acaba num beco sem saída. Um nó cego de vida que só pode acabar num pau só. E pau só, só na pobreza, sabe, pretinha? Acabar com a pobreza para que mendigos fedidos nessa porra-louquice de vida não tramem mais contra nossa sensibilidade. Cem cruzeiros, para que você não chore mais. E não me olhe com esse olhar de quem não está entendendo nada, afinal dinheiro é só o que você precisa. Isto é que é pior: faz-se de tudo, estende-se a mão, e ninguém entende. Se alguém bater de novo em você, dê o troco, não leve desaforo para casa. Chorar não resolve nada, pare com isso. A gente precisa aprender a tecer com pequenas alegrias o tecido de cada dia da vida. O fio da paciência, é o que digo. Você me entende? Senão acaba trapaceando como todo mundo. Mas é por isso tudo que não gosto de dar esmolas, principalmente a crianças. Sabe-se lá o que vão fazer! Mas vê se não me aparece mais nessa sujeira, ó pretinha. Um pouco de sabão não adoce ninguém.

O deus dos marginais é uma estátua de sal, de corpo curvado para a fúria das tempestades que destroem os frutos mais tenros e os mais fracos animais. O deus dos marginais tem como emissário um anjo esfarrapado de mãos dilaceradas, que coleciona ruínas e corpos torturados. O emissário do deus dos marginais pega e conta as moedas de um saco sujo e registra, quase com sofreguidão, o mau preço dos desdotados, daqueles que perderam o dom de reinar. Ó deus dos marginais!

Estende sobre nós teu manto tecido com o fio da parca mais obscena, aquela que faz os homens andarem à roda da desgraça.

(Para onde fostes, ó despojos dos cadáveres anônimos como mensagens sem endereços, a tinta dos traços diluída na inútil inscrição? Para onde foste, ó dor de almas e de corpos abafados, os sinais de apelo engasgados nas gargantas da indignação?)

— É algo lastimável. Ainda ontem vi aquelas crianças esmolambadas, perto do semáforo. Um bando de crianças brancas, bonitas. Não parecem pobres. Quer dizer, se tomassem banho e se se vestissem direito, poderiam parecer gente bem nascida. Mesmo os mais feios tecidos caem bem em corpos bem feitos. Sacou? Gostei dessa, feios tecidos que revelam mais do que escondem a perfeição das curvas da estátua. Cara! Estou até ficando lírico. E há quem fale da raça subnutrida, em franca desnutrição e decadência. Li nos jornais, você não leu? Um futuro povo de anões e raquíticos. Sensacionalismo, ó cara. A menina, por exemplo, do bando que falei: alta, esguia, aloirada. Um tipo quase europeu, pode passar por coisa fina. Esse cruzamento de raças dá sempre surpresa. Sorte nossa termos sido colonizados por portugueses; eles sempre tiveram um fraco pelas meninas bonitas. Sem falar nos traseiros, é claro. Aquela menina há de ser uma moça bonita; pode até ter futuro. Fingia-se de aleijada, amparando-se numa muleta improvisada com um galho de árvore. Uma graça! Logo que o sinal se abria, saía pulando como uma cabritinha. Cabrita sonsa, a sacudir as moedas na caixa de papelão. Vê-se que será um mulherão. Aquelas pernas esguias vão enroscar-se em muita gente, você vai ver. Dessas tramas que a vida tece, trapalhadas do destino. E uns peitinhos saltitantes de cadela lustrosa pronta para parir. Homem, não resisti: dei-lhe as moedas que tinha.

Ave, Prónuba, deusa da primeira fome e do primeiro medo.
Ave, Consputa, deusa de todos os escarros, bandalhos e pocilgas.
Ave, pútrida, miasmas dos mangues, sorvedouro dos descaminhos.
A guerra e o amor fogem de ti, mas nós te saudamos e te

esperamos no portal das preces derradeiras. Revolve com teus dedos as feridas do corpo e as chagas da alma. Acorda o desespero adormecido, sereia dos castrados, ave fênix das cinzas frias. Ó torpe, ó torturada antevisão das vidas desertas. Nove vezes nove a amargura te serviu de ama e nutriz. Ó alegria condenada de raio de sol nos quartos de enfermos e miseráveis. Ó sorriso enviesado, ó saudação dúbia, ó gesto de tortura e sedução. Ave, Madulsa, bêbada, meandro de miséria, maia dos desesperados. Ave, maldita beleza composta de espinhos e excrementos. Nós, marginais, te louvamos as manhas e a dissimulação.

marginal: a margem desse degredo
a desdita, a face degradada
a força e a impostura, o visgo desse medo

— Eu vos digo e afirmo, cidadãos, que a vigilância é a mais lúdima defesa contra a trama que urdem contra nós os contumazes inimigos da ordem. Querem nos atirar a pecha e o labéu ignominioso de irresponsáveis e atrabiliários. Por isso, vimos a público defender a nossa honra de sólidos defensores da disciplina contra a anarquia; nós, guardiães da paz tecida no dia a dia de trabalho incansável e abnegado. Avaliai bem o de que nos acusam, as fauces escancaradas a despejar vitupérios e calúnias soezes. O inimigo contumaz não conhece descanso na lida de suas tramas mesquinhas. Acusam-nos de reprimir velhos, homens, até mesmo crianças quando eram quinhentos, repito, quinhentos ou mais manifestantes contra cerca de vinte representantes da ordem pública, armados apenas de cassetete e de artefatos de efeito moral, cuja inocuidade bem conheceis. Não houve coação psicológica, nem agressão física, muito menos invasão de prédios oficiais ou de residências particulares. Apenas foram lançadas dez bombas de efeito exclusivamente moral, o que implicou unicamente irritação de olhos e mucosas das vias respiratórias, sem qualquer seqüela. Basta dizer que apenas os bravos agentes é que sofreram os piores efeitos, obrigados que

eram, pelo dever, a não arredarem pé dos locais contaminados pelos gases tóxicos. O que vale dizer é que apenas os manifestantes e os solertes tecedores da anarquia tiveram a oportunidade de escapar das emanções que impregnavam o ar, por força das condições atmosféricas. Reparai bem, compatriotas: os abnegados policiais souberam portar-se galhardamente, sem qualquer manifestação de rebeldia contra os efeitos de ardor e fumaça dos artefatos usados na defesa da ordem e da paz dos concidadãos. Lançaram-nos, sentiram seus efeitos nefastos, mas não fugiram, cõscios de seus deveres e de seu necessário sacrifício. Portanto, senhores cidadãos, teçamos o brando tapiz da pacificação com esperança e fé na concórdia e no ânimo daqueles que não se deixam levar pela suspeição urdida no único propósito de enlaçar a todos no fio negro da desgraça mais torpe.

O deus dos marginais é uma estátua de ferro de mãos cerradas contra as quatro estações e os quatro cantos da terra. O deus dos marginais tem como emissário um anjo macilento, de membros flagelados, que coleciona cabeças e discórdias. O emissário do deus dos marginais traça, numa planície arenosa, as linhas de uma escala suja, e ordena, em quase tresvario, os horizontes vãos dos degradados, daqueles que se excluíram de todo pouso e repouso. Ó deus dos marginais! Estende sobre nós teu manto costurado com o fio da parca mais soturna, aquela que lança os homens nas trevas de desventura.

(Para onde fostes, ó sombras de homens revoltados como coros e tronos destronados, o ímpeto dos corpos amputado nos braços para sempre vazios? Para onde foste, ó força de abraços enlaçados, a veemência e a paixão explosivas na densa geografia dos libertados?)

Ave, Cinérea, deusa da inclemência e da vileza. Teu nome inscreve no pórtico dos pórticos o vil e o desprezível. Ave, Mácia, mãe amarga, maga medrada nos escuros desvãos dos ignonímias. Ave, merda. Ave, meada de cabelos embranquecidos pela dor dos abandonados. Ave, colar de ossos torturados. Ave, coroa feita de lágrimas e espinhos. Ave, manto tecido de peles esfoladas. Ave,

urna de desespero, desconsolação dos homens. Ave, torre de intolerância, raiz de todos os males. Ave, escarninha companheira dos desvalidos. Ave, puta. Estende sobre nós teu manto tecido pela compaixão e pela indiferença. Mil vezes te pariram, mil vezes te amaldiçoaram. Mas nós te louvamos, manchados pela covardia de receber impunemente as vilezas de outrem. Ave, marafona enfeitada e escarnecida. Os que vão vender a honra te saúdam. Ave, fome Ave, miséria infame. Nós, marginais, lavamos com nosso pranto as pústulas da mais baixa de tuas baixezas.

marginal: a margem desse delito
a fala impura, o verbo cínico
o riso e o pranto, o eco desse grito.

O CIRCULO DA DESTRUIÇÃO

Sandra Lyon

Está vendo, Dulcinéia? O barulho da rua parou, você agora fique calma. E procure dormir. Descanse um pouco. Que tudo já passou.

Eles chegaram à cidade motorizados. Vieram na noite pela estrada. E à medida que as máquinas vinham avançando, o pipocar dos motores crescia. Assim, os motoqueiros chegaram ali como se fossem heróis. O povo saiu às ruas, pasmado, para examinar as máquinas, embolou-se ao redor delas. E assim eles acabaram se aglomerando naquela pracinha.

Venha ver!, você gritou. Fui. Estavam lá, exibidos, reluzindo, excitados como nunca. Até o pipoqueiro instalou sua carrocinha no canto da rua. Essa não, Dulcinéia.

Vamos começar?, gritou um deles.

É para agora!, retrucaram.

Então, foram escoiceando os pedais dos arranques para que os motores funcionassem. Foi quando alguém soltou foguetes de festa junina. E as máquinas partiram debaixo daquele clarão amarelo, contornando a praça em repetidos círculos numa zoadá ensurdecadora.

Sim, Dulcinéia, há horas você tenta e não consegue dormir. É só fechar as portas e janelas que o barulho diminui, eu falei

para você. Adiantou? Não adiantou. Também eu não durmo, e percebo você nervosa andando pela casa, em camisola, acendendo um cigarro atrás do outro.

Dali as motos tinham seus motores acelerados em testes sem fim, as duas mãos nos guidons. Eles se precipitavam sobre os selins, deixando para trás as explosões destemperadas do cano de descarga.

Por que não acende a luz, Dulcinéia? Não, não incomoda, pode acender. Vou até a cozinha apanhar um copo d'água. Um comprimido vai fazer bem para essa sua dor de cabeça.

E por que acabaram fazendo tudo aquilo? Uma vontade maluca de destruição. Sabe, Dulcinéia, é essa tremenda vaidade. Além do mais, inventaram os saltos pela rampa. Despojaram-se de óculos, capacetes e jaquetas. Agora, estavam ali sacando também as camisas, botas. E curvavam-se sobre o guidom para diminuir a resistência do vento. Debaixo dos risos e palmas e procurando espichar ainda mais as brincadeiras, eles começaram a saltar obstáculos, os faróis iluminando os rostos boquiabertos, fazendo rebrilhar as ferragens coloridas.

Foi quando um deles se espatifou contra a amurada. Meu Deus! E o grito saiu de dentro dele tão forte. Terá morrido? Então as rodas puseram-se a rodar furiosamente, as máquinas sem saber por onde se metiam. Os jatos de faróis moviam-se desordenados, apagando e acendendo. Assim, houve uma invasão geral da pista, os gestos e gritos esbanjavam-se descontrolados.

Os rancos metálicos agora se abrandaram. Será que os outros foram embora? Devem ter ido. É provável que tenham ido. Ou estou enganado, Dulcinéia? Mas procure dormir, que tudo já passou.

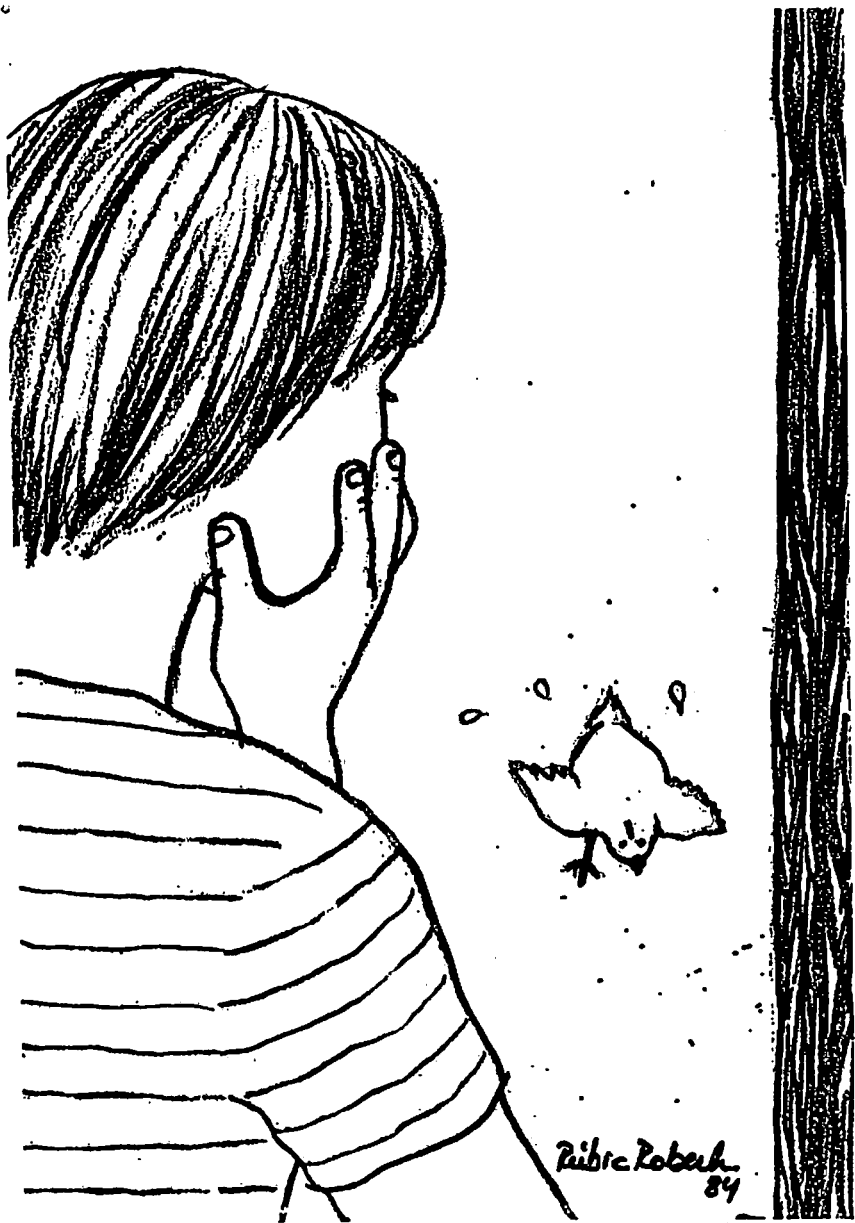
GALLINA

Dullio Gomes

Sua vida era ciscar insetos, num arrepio de penas que só as galinhas conseguem ter quando atravessam o quintal e a vida sem outra preocupação que a de se alimentar, defecar e manter uma temperatura entre quarenta e quarenta e dois graus centígrados.

Com o coração batendo e gritinhos histéricos, às vezes ela era levantada do solo pelo menino que, na falta de cachorro ou gato, levava-a para brincar em sua casa. Ele havia colocado um nome nela — Gallina. Idéia do pai, uma mistura de ruralista, bancário aposentado e latinista sem muita erudição. Viviam somente os dois ali — mais a galinha — desde que a mulher morrera.

Do seu quarto, no segundo andar da casa antiga e de madeira, o menino contemplava o mundo: as montanhas sem fim, o carro do pai estacionado na porta e a galinha num atropelo branco de penas correndo no quintal. Talvez ela corresse por solidão ou fastio. O pai prometera comprar um galo mas sempre se esquecia. O menino, no entanto, não se preocupava com isso porque sabia que, no fundo, ela era uma galinha que não precisava de galo, uma galinha independente e orgulhosa de sua condição de solteira — aquele bico de curvatura atrevida era uma prova disso. O que Gallina queria mesmo era viver, viver. Porque era bom ser galinha, com sua alma intuitiva, vagabunda e inocente aprisionada entre as costelas e o sulcado, inútil cerebelo.



Quando o pai saía de carro, o menino ficava órfão no mundo, com a sua galinha. Nesses momentos, bastava assoviar da janela que ela vinha, aos pulinhos ou em articulados vôos rasantes. Deitado em sua cama, o menino esperava, com os olhos cerrados e as mãos cruzadas na nuca, que ela subisse a escada. Aquele som já lhe era familiar — impulsos de penas e unhas saltando degraus, sacudindo a caixa torácica e o coração rumo à superfície encerada do segundo andar. Então o menino abria os olhos e ali, em seu peito, Gallina. Com sua servidão. Sua afeição de cachorro.

Um dia o pai percebeu que o menino crescia. Havia nele todos os sintomas — uns ares estabados, um buço escurecendo sob o nariz, uma voz engrossando no meio da frase. O pai sorria àquelas revelações, ele próprio passara por elas. O menino esqueceu Gallina no quintal. Passava horas trancado no banheiro. Explodia em pequenas discussões com o pai e de repente descobriu a sua vocação — mecânico de automóveis. Sujo de óleo e graxa, enxotava Gallina com o pé, meio corpo mergulhado no capô do carro. De repente já não queria ser mecânico, mas astrônomo. E então acompanhava, à noite, a rotação de planetas e estrelas, o movimento de todo aquele caldo celeste, gás e poeira interestelares, chuva de raios cósmicos, ilhas do Universo, quasars e pulsars. Permanecia nesse estado contemplativo até que o pescoço lhe doesse em pontadas. Tinha, alternadamente, acessos de riso e choro. Deixou de ir às aulas, na cidade. Andava como um maluco, sem camisa, pelos campos. Seus olhos estavam vidrados de tédio e energia e ele não sabia o que fazer de sua vida que lhe fôra oferecida sem que ele solicitasse. Merda! gritava para as montanhas e o eco lhe respondia merda merda merda. O pai, deitado na rede da varanda, sorria com o cigarro pendurado nos lábios e Gallina ciscava o pó do dia.

Numa tarde de verão a chuva surpreendeu o menino em um de seus passeios alucinados. Quando chegou ao quintal da casa estava tão molhado e sujo de lama que preferiu não entrar. No banheirinho do quintal, despiu-se das roupas enxovalhadas

e ligou o chuveiro de água quente. Enquanto a chuva sacudia os vidros da janela, o seu corpo entrava em um relax morno de espuma e sabonete. Ficou longo tempo assim até que a chuva parou. Desligou o chuveiro e vestiu o roupão do pai. Quando abriu a porta do banheiro, respirou fundo o ar de terra lavada. Gallina bicava minhocas ali por perto, sob nuvens sujas. O menino sentia uma estranha eletricidade saltando pelo seu corpo, uma sensualidade até então não experimentada. Assoviou.

Com a porta do banheiro novamente trancada e livre do roupão, ele apertou Gallina no colo até senti-la flácida entre os seus dedos e ele próprio se sentir vazio e aviltado e infeliz.

Enterrou Gallina atrás do banheiro e correu para casa com as mãos enlameadas e uma mistura de remorso e febre.

A noite, delirava na cama.

Voltara a chover.

O pai agasalhou-o com três cobertores e entrou no carro para ir buscar um médico na cidade. Na pressa, deixou aberta a porta da cozinha.

Sozinho com o seu delírio, o menino ouvia a chuva e os relâmpagos. Ele era um corpo doente que ouvia. Tudo nele ouvia. A madeira da casa estalando em seus encaixes. O solene, escuro silêncio do quarto. O vento e a chuva com os seus relâmpagos. E, vindo da escada, uma ressonância de unhas, penas e cansaço escalando os degraus após ouvir o assovio do vento que, em noites de chuva, se confunde com o de um menino.

AS CARPIDEIRAS

Arthur Lopes Filho

As carpideiras costumam treinar seus lamentos atrás da Matriz. Uivam baixinho. Crescendo. Um grito prolongado. Resfolegar decrescente. Um pranto. Descanso. Recomeçar o lamento. Dolorido. Crescente. Baixar. Descanso. Só assim. Não mais. Vez por outra resfolegar resfolegando Seu Santo Nome. De Cristo. Santo Deus! Um escândalo! As carpideiras de véu negro. A noite. Nenhuma estrela. Nem lua. Só o lamento. Crescente. Resfolegar. Descanso. Vez por outra sem choro alto, uma aparece morta. Na corda do sino. Destino. Destino santo. Um desatino. As carpideiras de vestes pretas. No choro um treino. Os seus lamentos. É a Matriz a sua sombra. É tudo escuro. Resfolegar. Uivar baixando. Uivar subindo. Até gritar. Um santo nome. Nome da mãe. Da mãe do cão. Vez por outra, sem um porquê, sem um espasmo, se contorcer. O santo corpo. Um modo insano. As carpideiras dessa Matriz. Matriz de santo. Um grande altar. Entronizado um Senhor Morto. As vestes negras. Um choro pronto. Quanto lamento! Resfolegar. Uivar bem alto. Ouvidos moucos hão de ouvir. A voz é forte. O choro é grande. O coro um só. Chorar a morte. Morte do Santo. Nenhuma lágrima se há lamento. Crescendo o coro, crescendo a dor. Mostrar ao mundo. Mostrar as vestes. Sem muito uso. Com toda voz. O corpo pede. Não há um riso. Só há o choro. Senhor Morto. Entronizado. Uivar transborda o sentimento. A culpa herdada de seu algoz. E vez por outra, sem um aviso, a carpideira pode sorrir. Não há perdão. O riso é pouco, é comedido, tudo medido, mas palavrão. A carpideira não chora o pranto que sai do

mundo. Uiva crescente. Uiva baixinho. A sombra é noite. Matriz, atrás. Não pede o padre, nem reza o terço. Nem quer a hóstia sacramentada. O seu lamento é o Cristo Morto. Paixão do Homem Crucificado, as suas chagas seu sacramento. Os cravos certos arrombam o corpo. Cravam nas pernas, o uivo longo. Cravam nos punhos, resfolegar. A carpideira é noite pura. É veste, sombra. Sombra do santo. A santa sombra. Resfolegar. Sem mais descanso, recomeçar. Um santo ventre. Por santo nome. Há um destino, o desatino. Corda de sino sem badalar. O sino santo. Santo destino. Um Cristo Morto. Crucificado a cada vez. Recolocado no Santo Trono. A carpideira não chora pouco. Há um lamento em cada toque. Há um queixume, um uivo longo, desuniforme. Resfolegar. Descanso santo. Os santos cravos. Oh! Santo Deus!

ENSAIOS

E O QUE ERA PAPEL, MOLHOU-SE; O QUE ERA VIDRO, QUEBROU-SE; ENTROU POR UMA PORTA, SAIU POR OUTRA, QUEM QUISER QUE CONTE OUTRA.

«O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasias».

(MACHADO DE ASSIS)

Maria Zilda Ferreira Cury

I — INTRODUÇÃO

Pretendo colocar aqui alguns problemas referentes à história da literatura e a seu ensino.

Como professora de literatura de 3º grau e há algum tempo atrás de 2º grau, angustiava-me com questões que ainda hoje me coloco: O que privilegiar no estudo da literatura? Se o texto deve brilhar como locus discursivo onde o literário se dá, como articular uma visão de época? Que valor atribuir ao «gosto» pessoal do aluno? Como fazê-lo interessar-se pela literatura como atividade viva? Como — preservando uma visão da totalidade histórica — não passar dos movimentos literários uma visão mecanicista onde as obras simplesmente são classificadas a partir das características pré-estabelecidas?

Tais questões, aparentemente até ingênuas, levaram-me a reflexões em torno do papel da historiografia e da historiografia literária. Longe de respostas definitivas, tentarei, se possível,

delinear mais claramente essas questões. Postura, sem dúvida, um tanto cômoda já que o momento que vivemos talvez permitisse propostas mais concretamente operacionalizáveis. A valorização do debate, no entanto, e dentro das salas de aula, fica como sugestão para o aprofundamento e encaminhar da problematização. Muitas vezes sem o perceber, o professor impõe interpretações e visões de determinada obra ou época autoritariamente impedindo o estudante de colocar-se e à sua visão.

Por um outro lado, cabe também ao professor a tarefa do intérprete como este é visto por Silviano Santiago:

«O intérprete é, em suma, o intermediário entre texto e leitor, fazendo ainda deste o seu próprio leitor. Procura formalizar e discutir, para o curioso, os problemas apresentados pela obra, deixando com que esta se enriqueça de uma camada de significação suplementar e que aquele encontre trampolins menos intuitivos para o salto da leitura.¹

II — A HISTORIOGRAFIA: ATIVIDADE PRECÁRIA

«Meu amigo, os séculos são para nós o livro dos sete selos: o que se chama o espírito dos tempos não é no fundo senão o próprio espírito dos autores, em que os tempos se refletem».

(FAUSTO — GOETHE)

A passagem citada tirada do Fausto de Goethe elabora poeticamente um dos problemas centrais da historiografia: a impossibilidade da história enquanto ciência que capta a ocorrência «real» dos fatos. Como todo discurso, o histórico também é uma representação que, embora buscando captar a realidade na sua inteireza, sempre fica aquém da enorme riqueza que compõe o real.

1. Silviano SANTIAGO, *Uma literatura nos Trópicos*, pág. 10.

O historiador — como todos os homens — nasce num mundo de alguma forma já interpretado quer pela sua situação individual de elocutor, quer, principalmente, pela visão de mundo inerente à classe social a qual pertence:

«Nesta perspectiva, a história é o real e o real é o movimento incessante pelo qual os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas (família, condições de trabalho, relações políticas, instituições religiosas, tipos de educação, formas de arte, transmissão dos costumes, língua, etc)».²

Mas o homem não «vive» somente. Tem a necessidade — e ela o define essencialmente — de refletir, de discursar sobre o seu viver.

«Sinto que o tempo sobre mim abate/sua mão pesada».³ No verso de Drummond a consciência da passagem inexorável do tempo e a necessidade de, geneticamente, recuperá-lo: «entre ídolos de rosto carregado,/ficaste, explicação de minha vida».⁴

Essa tentativa de recuperação do «vivido» está presente no trabalho do historiador não como afirmação de fatos consumados, mas como corte necessário para se compreender uma realidade em gestação.

«Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural».⁵

2. Marilena CHAUI, *O que é Ideologia* — pág. 20-21.

3. Carlos Drummond de ANDRADE — «Versos à Boca da Noite in *Poesia e Prosa* pág. 214.

4. *Idem, idem.*

5. Marilena CHAUI, *idem*, pág. 21.

Esse discurso que o homem profere para «dizer» o real, não é, então, absoluto. Antes, ele se encontra sempre permeado de visões e interpretações necessariamente parciais — por mais abrangentes que sejam — uma vez que proferidas de um «lugar» socialmente determinado com as limitações por ele impostas.

Ao se falar em história (ou em história da literatura que é o que particularmente aqui nos interessa) há que se ter a pré-estabelecida desilusão das certezas e se contentar com a angústia do precário, um horizonte apenas delineável e aberto permanentemente a novas formulações e a novas interpretações. O historiador terá, então, de abrir mão de modelos metodológicos mecanicistas e rever não somente seu objeto de estudo — o real na sua inerente contradição — mas a si mesmo enquanto sujeito implicado num processo de conhecimento.

O sujeito — porque ser humano socialmente determinado — não desempenha um papel passivo, de mero registrador diante do real que busca captar. Ao contrário sofre inevitáveis condicionamentos que fazem com que estabeleça com o objeto de conhecimento uma gama de interações mútuas que uma visão positivista inutilmente quer anular ou camuflar.

«O historiador é um homem em sociedade, ele também faz parte da história que está vivendo. Escreve sua história historicamente situado, ou seja, numa determinada época, dentro de condições concretas de sua classe, sua instituição de ensino ou pesquisa, etc. Seu trabalho será condicionado tanto pelo nível de conhecimento então existente, como pelos interesses que ele possa estar defendendo, mesmo que inconscientemente».⁶

A sedução do discurso científico «isento», «de fora» resulta na tentativa dolorosa, porque inútil, de colocar-se fora das injunções sociais que atingem a todos. Barthes, ao nos falar do trabalho do escritor, nos diz que esse sempre deixa na sua

6. Vavy Pacheco BORGES, *O que é História* — pág. 60.

produção as suas marcas, como aquele que modela a argila e o barro. As colocações de Barthes são igualmente válidas para o historiador. Esse, se quer imprimir fecundidade a seu fazer, deve — lançando mão de um indispensável rigor científico — ser sensibilizado por uma constante inquietação metodológica que o obrigue permanentemente a refletir e a criticar seu fazer. Esta reflexão — para ser fértil — não deve esgotar-se no teórico, mas, através dele, frutificar na iluminação de sua prática intelectual para que essa tenha saúde e vitalidade.

Mesmo quando o historiador tem a impressão de haver esgotado o estudo de determinada época, seu conhecimento será sempre um processo e, conseqüentemente, a «verdade» histórica que dele deprender também o será. Seu objeto de estudo — o real — é lábil, passível de interpretações radicalmente novas.

«Conforme o presente que vivem os historiadores, são diferentes as perguntas que eles fazem ao passado e diferentes são as projeções de interesses, perspectivas e valores que eles lançam no passado. Eis porque a história é constantemente reescrita».⁷

As classificações que empreender necessariamente significarão uma redução de seu objeto de estudo que sempre acaba por escorrer-lhe por entre os dedos. «E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito — Olha, agora! Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto».⁸

A historiografia é gerada, inevitavelmente, sob o signo da contradição.

7. Idem, *ibidem* pág. 52.

8. João Guimarães ROSA, *Manuelzão e Miguilim* — pág. 106.

III — HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA: UM PROBLEMA, UM DESAFIO

A precariedade da historiografia diante do real duplica-se no caso de historiografia literária pela natureza específica da literatura.

Octávio Paz, em seu livro *O Arco e a Lira*⁹ aponta para a dificuldade de classificação desse objeto estranho a que convençamos chamar «literatura». Diz-nos ele que esse ser que julgamos único metamorfoseia-se em uma infinidade de outros quando voltamos os olhos para as produções literárias concretas. Se com facilidade, sem relutância, falamos em «literatura», isso não acontece sem obscurecer, em certa medida, o caráter único e inclassificável de cada produção literária concreta. Isso sem falar naquelas obras que fogem mais radicalmente aos esquemas estéticos de seu momento histórico, ou antes, aqueles que assumem seu momento de forma mais estranhada.¹⁰ Assim, como classificar o insólito, o marginal? Como caracterizar o profético, o decadente, o «inculto»? Em que forma encaixar Lautréamont? Em que molde servirá Joyce? Onde localizar Guimarães Rosa, Sousândrade?.

Por outro lado, é importante salientar que as obras de uma mesma época ressentem-se de configurações ideológicas semelhantes o que, necessariamente, por mais díspares que sejam, as une de alguma maneira.

Estaria, desse modo, a historiografia literária diante de um dilema insolúvel que decretaria sua própria impossibilidade? Mais uma vez a resposta se dá por contradição.

Se as considerações desenvolvidas anteriormente apontam para a limitação inerente a toda classificação, não se pode, para qualquer estudo, de qualquer produção humana, prescindir-se da história. O homem produz — dos bens materiais aos bens

9. Octávio PAZ, *O Arco e a Lira*.

10. Atente-se, contudo, para o fato de que inúmeras vezes classificamos como «proféticos» ou adiante do seu tempo escritores que, pelo contrário, têm de fato uma percepção mais aguda e radical do momento histórico que vivem.

da cultura — num tempo e espaço definidos, historicamente marcados. Desse modo, quer o estudioso explicita ou não, a literatura faz parte da história e nela desempenha uma ação concreta. Se é, então, uma produção «historicizada», há que ser «historicizável». Há uma necessidade — também por motivos críticos e didáticos — de criação de balizas na produção literária, que é vastíssima. As divisões e marcos, no entanto, não podem ser absolutizados ou encarados como categorias estanques.

E aqui gostaria de colocar alguns problemas referentes ao ensino da literatura, notadamente no 2º grau.

Boa parte das historiografias literárias, principalmente as que aparecem, ainda que de forma resumida, nos nossos livros didáticos, toma a «classificação» das obras como essência do trabalho interpretativo e crítico. A classificação, então, vê traves-tido o seu papel instrumental — e de instrumento importante — em papel em si mesmo suficiente para a apreensão do literário. Isso leva a uma visão mecânica e apriorística. Se de um lado o classificar é indispensável ao trabalho do estudioso e historiador da literatura, limitar-se a ele é reificar a crítica literária tomando-a como um grande escaninho onde são afixadas as diferentes obras, desprezando-se o que não se encaixa, tornando homogêneo o que é dispar e contrastante.

Por motivos «didáticos» ou para uma simplificação programática lança-se mão de divisões em períodos ou de classificação por características específicas de cada movimento literário, muitas vezes camuflando diferenças e antagonismos profundos entre as obras. Fazendo convergir para o mesmo balaio nivelador gatos de sacos diferentes, perde-se, muitas vezes, as contradições que marcam e dão a riqueza de determinado período.

Uma mesma obra, ou conjunto de obras, também podem suscitar classificações e interpretações diferentes por parte dos historiadores conforme pertençam a diversas épocas e gerações, ou — mesmo se contemporâneos — segundo os diversos sistemas de valores nos quais se baseiam e que são e expressão de posturas intelectuais diferentes, expressão de interesses de classe opostos, de concepções de mundo divergentes, etc. A história da literatura fornece uma relação copiosa de exemplos.

Só recentemente valorizou-se a obra de Sousândrade, perdido entre outros escritores de sua época. A história das «letras» na Primeira República diminuiu a contribuição de Lima Barreto, Pagu e outros. A crítica ferina que Machado de Assis faz à sociedade de sua época — foco da atenção dos críticos e historiadores atuais — não foi tão valorizada pelos críticos seus contemporâneos, mais interessados (talvez até por conveniência) em ressaltar-lhe o português castiço e o «humor britânico».

Como outras formas de conhecimento da realidade, a literatura está sempre «em constituição» e aquele que se dedica a seu estudo deve constantemente rever-se e ao seu referencial metodológico.

Encarar a historiografia literária apenas como o levantamento de um arquivo morto pode significar uma manipulação da produção do passado, reificando-a e negando à literatura o seu espaço de atuação modificadora do presente que ela produz e onde, simultaneamente, é produzida. Em outras palavras: não há valor no estudo do passado por ele mesmo. O passado e seu estudo podem e devem ser recuperados como elementos de iluminação e modificação do presente. O inverso é igualmente válido. A leitura da história das produções literárias atuais permite, via diálogo, a releitura da tradição cultural, modificando-a.

Há outro tipo de historiografia literária que busca a historicização da literatura através de uma relação mecânica com os acontecimentos políticos ou sociais. É evidentemente, uma visão empobrecedora uma vez que transforma o fazer literário em epifenômeno dos fatores sociais, como um espelho sem autonomia ou especificidade. Não há uma tal relação mecânica entre história literária e história geral. Às vezes, mesmo quando o panorama sócio-político sofre mudanças, pode haver permanência de determinados valores artísticos e literários. Ou vice-versa. O poder «profético» presente na arte, a capacidade de cantar o futuro, pode fazer amadurecer mais rapidamente no artista manifestações e configurações só potencialmente presentes no corpo social.¹¹

11. CF. nota anterior.

É evidente, contudo, que não se pode negar a interação dialética entre literatura e sociedade. O escritor é um homem de seu tempo; não paira, portanto, nas nuvens mas sofre as influências das mutações sociais.

Outro ponto a salientar é que na história literária não existe qualquer dado neutro. A própria escolha do material a ser estudado é motivada por juízos de valor. Desse modo pode-se explicar a valorização de determinados autores ou períodos em detrimento de outros, o maior ou menor espaço dedicado a um autor ou a uma obra, a ligação entre literatura e crítica.

Por exemplo, quando faço a ligação de influência entre a chamada geração de 45 e os poetas concretistas presupõe-se que eu selecione — através de juízos de valor — os dois pólos de comparação. Seleciono, também, entre tantas linhas possíveis de influência, as obras dos poetas de 45. É marcado ideologicamente o fato de eu comparar e contrapor.

Também pertence ao âmbito da historiografia literária as diferentes visões que se tem das produções. A obra tem uma vida através dos tempos. Isso introduz no âmbito do estudo literário o estudo importante de uma estética da recepção. A obra, nos diz Antônio Cândido,¹² só existe se é lida pois estabelece uma relação estrutural com o público. A obra é passível de uma multiplicidade de leituras quer se leve em conta os diferentes leitores, quer as diferentes épocas.

É igualmente criticável, ainda que bastante comum, uma concepção metafísica dos períodos literários, que apresenta entidades atemporais como «Romantismo», «Classicismo» passíveis de variações que seriam as concretizações históricas de um «espírito» romântico ou clássico. Uma tal perspectiva elimina a história. Em muitos livros, inclusive, aparece a imagem de um suposto movimento pendular da literatura que ora favorece a razão, ora o coração. A imagem ilustra bem como se elimina o devir no sentido de que já se espera, concretizado na sua essência, inclusive, o que está por vir.

12. Antônio Cândido de MELLO E SOUZA — *Literatura e Sociedade*.

Uma negação da história é aquela que busca periodizar a literatura através somente dos grandes nomes, dos grandes escritores, dos epígonos, obliterando não só a contextualização como arrancando a literatura do panorama cultural amplo a que pertence, como se a história se fizesse pela ação individual de gênios predestinados. Se é importante desenvolver no estudante de literatura o desejo de conhecer via leitura e interpretação a produção literária das diversas épocas de nossa vida cultural, é igualmente importante levá-lo a uma consciência crítica daquilo que lê. Se há uma literatura «dominante» — e muitas vezes valorizada enquanto discurso dominante — é porque deve existir uma dominada. Se há os «grandes nomes» que marcaram uma época, é igualmente importante ler criticamente os «pequenos». Muitas vezes, valorizando-se somente o «bem escrito», «a grande obra» — como se a produção artística pudesse ser julgada com fita métrica — esquece-se de vinculá-la a uma realidade ampla onde, no embate de contradições, se constrói a cultura de um país.

«Já se afirmou que, por vezes, para a história da cultura, pode ser mais útil o estudo de um escritor menor do que o de um grande escritor; e, em parte, isto é verdade. Pois, se no grande escritor triunfa completamente o indivíduo que termina por não mais ser de nenhuma época, podendo assim se dar o caso — como já se deu — de atribuir ao século qualidades próprias do homem, no escritor menor, ainda que seja ele um espírito atento e autocrítico, pode-se descobrir — com maior clareza — os momentos da dialética daquela particular cultura, na medida em que estes não conseguem, como ocorre no grande escritor, unificar-se».¹³

Decorrente de uma visão caolha da produção cultural, muito se perde em sala de aula de produções que, embora fora do círculo intelectualizado, nele agem como forças atuantes

13. Raffaello RAMAT — «Italia Letteraria de 04/02/1934 in Antônio GRAMSCI — Literatura e Vida Nacional pág. 7.

em constante interação mútua de influências: o jornal, a novela de televisão, a música popular, as situações discursivas criadas pelos feirantes ao anunciar seus produtos etc.

«(...) muitas vezes, o professor de literatura confunde o ensino: sistematização e crise, com um ato ritual museológico. Por isso muitas sugestões de uma literatura viva são perdidas: o chiste, a música popular, o humor das ruas, são postos de lado em atenção aos «códigos altos»: literatura culta, erudita. Os «códigos baixos» são vistos como diluições, coisas sem consistência, ou de «estilo pobre». Neste caso, o curso de literatura foi pensado dentro de uma ótica colonizada, onde os modelos são preferidos à possibilidade de despertar o prazer de ler».¹⁴

A busca, descoberta e valorização crítica da produção popular entra nesta linha de proposta. Onde ler a cultura dominada? Onde a produção daqueles cuja voz foi silenciada? O caráter «silencioso» dessa produção camufla a opressão de uma classe sobre a outra e que se dá em todos os níveis. Se se torna mais freqüente — com o aumento da força social e política dos grupos populares — a tentativa de reescrever a história dos dominados (grupos CEHILA, movimentos em prol da cultura negra, busca de registro de uma fala operária), cumpre registrar e refletir sobre a literatura produzida por esses grupos marginalizados.

«Esther Pedreira de Cerqueira nasceu no dia 20 de maio de 1885, em Salvador. Do pai, juiz de direito e conhecedor de música, recebeu ensinamentos que lhe permitiram anotar em partituras muitas cantigas entoadas por sua mãe e, vida afora, pela gente do povo que veio a conhecer. Parte desse material foi recolhido no interior da Bahia —

14. Odilon Odair CITELLI. «O Ensino da Literatura no 2º grau» in Valéria de MARCO, Lígia C. M. LEITE, Suzi F. SPERBER (organizadores) — Língua e Literatura: o professor pede a palavra, pág. 82.

particularmente Caririnha, Juazeiro, Santo Amaro — onde o pai exerceu a magistratura. Mais tarde, tendo ateliê de costura, dona Esther pedia sistematicamente a freguesas e ajudantes que reconstituíssem outras cantigas do gênero. Assim, de retalho em retalho, foi tecendo a sinfonia popular documentada no seu livro «Folclore Musicado da Bahia». Faz pouco tempo, aos 97 anos, dona Esther ouviu a fita matriz do LP que acompanha este fascículo, gravada com base no material do seu livro. E disse, entre outras palavras emocionadas: «Quero que cheguem ao futuro os ecos da minha infância». Pode estar certa, agora, que chegarão. Milhares de crianças no Brasil todo, ouvindo este disco, aprenderão suas xácaras, lendas, brincadeiras e acalantos. Mais tarde, quando crescerem, vão repetir para os filhos e netos. E a magia de sua infância nordestina, dona Esther, não acabará nunca mais».¹⁵

O registro de dona Esther indica uma metodologia possível no recolhimento da cultura popular, valorizando-a e a ela possibilitando um espaço.

A sociedade brasileira volta-se, hoje, para a recuperação de falas como essa. Se há verdade na concepção marxista que diz que uma sociedade não se coloca problemas se não está potencialmente apta a resolvê-los, há que trazê-los para o interior da sala de aula para reflexão e estudo crítico. Há que se aliar espírito científico e paixão.

«O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber, em si, mas, também pelo objeto do saber); isto é, em acreditar que o intelectual possa ser um intelectual (e não um mero pedante) mesmo quando distinto e destacado do povo-nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as

15. Encarte do disco *Brincadeiras de Roda, Estórias e Canções de Ninar*.

e, assim, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as dialeticamente às leis da história, a uma concepção do mundo superior, científica e coerentemente elaborada, que é o «saber»; não se faz política-história sem esta paixão, isto é, sem esta conexão sentimental entre intelectuais e povo-nação».¹⁶

Nesse sentido, cabe também ao professor ressaltar para o aluno a importância de um material até hoje pouco valorizado no âmbito do trabalho dos próprios críticos e teóricos da literatura: a fonte primária.

A utilização de jornais e revistas ajuda a caracterização de movimentos e escolas literárias, bem como uma melhor compreensão e localização de movimentos e crítica das obras que compõem o acervo literário em determinada época. Além disso, muitas vezes, é pela imprensa que são publicados poemas e contos, romances em folhetim que nem sequer aparecem sob a forma de livro ou o fazem com profundas modificações. Está claro que estas modificações são de interesse para o estudioso da literatura que «rastrea» o fato literário como linguagem móbil, em constituição, carente de explicações que somente a transcendem para a ela voltarem com maior agudeza e criticidade.

É indiscutível o valor em si mesmo de um conto ou poema, de um capítulo de romance inseridos num periódico. No entanto, não se pode desprezar o diálogo cerrado que travam com as outras partes do jornal ou revista. Através desse diálogo, pode-se avaliar o grau de radicalidade de certo escrito, comparar sua linguagem e estilo com as «outras linguagens» do todo em que se insere, perceber seu caráter de inovação ou conservadorismo. É muito comum dizer-se que este ou aquele escritor fez uso de uma linguagem jornalística, muitas vezes sem se determinar qual, de fato, era a linguagem jornalística de sua época.¹⁷

16. Antônio GRAMSCI — *Concepção Dialética da História*, pág. 139.

17. Cf. Philippe WILLEMART. «O proto-texto: edição crítica e gênese do texto» in *Folhetim* 29/04/84.

Geralmente desprezada como trabalho menor, a pesquisa em fonte primária pode ser elemento essencial a redefinir concepções já estabelecidas ou estabelecer novas, principalmente num país como nosso tão carente de pesquisas que o expliquem.

III — CONCLUSÃO:

Como salientei na Introdução, o objetivo do presente texto foi o de levantar problemas.

Como finalização, e também na linha do sugerir, penso que essa problematização deve ser trazida para a sala de aula, na tentativa de elaborá-la e clareá-la na relação pedagógica, que deve ser marcada pela tensão e interpelação constantes.

«A educação participa inevitavelmente do debate no qual a nossa sociedade em crise se encontra envolvida e da angústia que ela suscita. A educação é atualmente um lugar onde toda a nossa sociedade se interroga a respeito dela mesma, se debate e se busca; educar é reproduzir ou transformar, repetir servilmente aquilo que foi, optar pela segurança do conformismo, pela fidelidade à tradição ou, ao contrário fazer frente à ordem estabelecida e correr o risco da aventura; querer que o passado configure todo o futuro ou partir dele para construir outra coisa».¹⁸

O espaço do ensino da literatura deve abrigar e trabalhar a crise. Deve voltar-se para o erudito sem esquecer o popular, inclusive problematizando a rígida colocação de fronteiras entre eles. Pode ser o espaço onde se discuta a contradição do universo cultural — das manifestações de classes sociais que se opõem — numa perspectiva mais conscientizadora. Pode ser o espaço onde o rigor metodológico e a pesquisa séria possam se despir do eruditismo estéril. Espaço onde se possa criar e reescrever a história levando-se em conta a popular, a pesquisa

18. Moacir GADOTTI. Educação e Poder, Introdução à Pedagogia do Conflito pág. 18.

em jornal e revistas, o folclore, a comunicação de massas, a criação literária erudita, o cordel, a TV.

No seu sentido mais entranhado e radical (do latim, radix = raiz) crise (do sânscrito cri=purificar) designa etimologicamente a chance de purificação, de separação, de ruptura. Esse é seu aspecto dramático. O momento de crise somente é superado quando uma decisão eficaz abre o caminho de solução de uma costura da cisão num processo positivo — ainda que não linear — de enfrentamento.

Crise: sentido simultâneo de ruptura mas também de momento crítico em que a relação educativa se questiona sobre o seu destino enquanto coletividade.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1979.
2. BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*, São Paulo, Brasiliense, 1982.
3. *Brincadeira de Roda, Estórias e Canções de Ninar*. São Paulo, Estúdio Eldorado (encarte do disco).
4. CITELLI, Adilson Odair. «O Ensino da Literatura no 2º grau» in MARCO, Valéria de, LEITE, Lígia Chiappimi M.; SPERBER, Suzi Frnkl — *Língua e Literatura. O professor pede a palavra*, São Paulo, Cortez Editora, 1981.
5. CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*, São Paulo, Brasiliense, 1980.
6. GADOTTI, Moacir, *Educação e Poder: Introdução à pedagogia do conflito*, São Paulo, Cortez Editora, Autores associados, 1980.
7. GRAMSCI, Antônio, *Concepção Dialética da História*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
8. MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Editora Nacional, 3ª ed. revista, 1973.
9. PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*.
10. RAMAT, Raffaello. *Itália Litteraria de 04/02/1934* in: GRAMSCI, *Literatura e Vida Nacional*.
11. ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Migullim (Corpo de Baile)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1964.
12. SANTIAGO, Silvano, *Uma Literatura nos Trópicos*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.
13. WILLEMART, Philippe. *O proto-texto: edição crítica e gênese do texto»* in: *Folhetim* 29/04/84.

LITERATURA INFANTIL: ENTRE O SELVAGEM E O DOMÉSTICO

Ivete Lara Camargos Walty

Trabalhando recentemente com o conceito de cultura, pude perceber pontos comuns entre a relação intercultural e as relações estabelecidas entre a criança e o adulto. A partir daí resolvi verificar a pertinência de tais associações, examinando a produção cultural para criança, especialmente a chamada literatura infantil.

Discute-se muito hoje a questão da identidade cultural para se fazer uma revisão do colonialismo salientando seus pontos negativos advindos do etnocentrismo. Ora, o que é o etnocentrismo senão «a crença de que, se os outros são diferentes de nós, eles devem ser inferiores»?.⁽¹⁾ O contacto entre os povos através dos tempos tem evidenciado esse pensamento, e é sob essa justificativa que ocorrem invasões geográficas, políticas, econômicas, culturais e sociais. A história universal é uma repetição de invasões concretizando o imperialismo nos mais diversos setores. Dos gregos e romanos no passado aos russos e americanos hoje, o que se vê é a opressão em nome da superioridade, do desenvolvimento, do progresso e até da paz. O mundo caminha sempre em busca de uniformização, procurando rejeitar, pelo extermínio ou pela assimilação, tudo aquilo que é diferente, que ameaça a paz do conhecido. Assim é que os índios foram «civilizados»; mortos ou anulados, eles não ameaçariam mais a superioridade européia. É a ordem da domesticidade sobrepondo-se à selvagem. Instaure-se, pois, a antropofagia ao inverso: devora-se aquele que é rotulado de canibal, em nome da não-violência.

A antropologia ressalta o valor do «outro» e busca estudar um povo na sua feição sem passá-lo pelo crivo do «mesmo», do conhecido, ou seja, do eu.⁽²⁾

Depois dessa introdução, poder-se-ia pensar que vou tratar da influência estrangeira na literatura infantil, do imperialismo cultural no Brasil hoje. Embora seja um assunto importante e relacionado com o presente estudo, tento ir além e analisar o imperialismo cultural nas relações entre o adulto e a criança, sobretudo na produção do adulto para a criança. Sim, porque a educação é uma forma de dominação cultural, é a preparação da criança para a uniformização, para a repetição em cadeia de valores a serem perseguidos; e a literatura infantil ocupa nesse processo um lugar especial.

O que somos nós pais, professores ou autores senão os colonizadores que, em nome da educação, cerceamos tudo aquilo que as crianças têm de diferente e que, por isso, nos ameaça? Não nos julgamos, mesmo que declaremos o contrário, os modelos a serem seguidos por aqueles a quem estamos ligados afetivamente? Não preparamos nossos filhos para o futuro, dando-lhes condições de «vencer na vida», «ser alguém», destacando-se pelo sucesso e pelo dinheiro?

Em nenhum momento paramos para pensar se há outras formas de ser feliz ou se, no mundo, como ele é, as pessoas são realmente felizes. Há normas, leis, convenções em que acreditamos e em que fazemos nossos filhos acreditarem, tornando-se como nós vítimas de um jogo ideológico.

É interessante observar que há e sempre houve pensadores interessados em demonstrar que a educação deve levar à reflexão e, conseqüentemente, à mudança. E, quanto mais o mundo «progride» científica e tecnicamente, mais a educação leva à repetição, à confirmação do mesmo.

Montaigne ⁽³⁾ já afirmava que instruir é formar a capacidade de julgar, de discernir, e é dele a tão moderna expressão «la tête bien faite», a cabeça bem feita, antes que bem cheia.

Séculos depois, Paulo Freire ⁽⁴⁾ discute a chamada educação bancária, em que se deposita o conhecimento na mente do aluno

para ficar bem guardado, além de realçar a importância de se reconhecer que ninguém educa ninguém, pois o processo educacional é feito de interações.

O que ocorre então? Se a educação se moderniza, munindo-se de recursos pedagógicos e técnicos, como se pode falar ainda em mesmice, em repetição? É que além das técnicas e recursos audio-visuais ou mesmo eletrônicos, há outros elementos mais importantes nesse processo, a que podemos chamar Poder e Ideologia. Tais elementos atuam independentes do progresso, ou até mesmo por causa dele.

Para ilustrar esse processo de assimilação e reprodução da ideologia dominante, encontrei justamente uma estória infantil, que me caiu nas mãos por acaso.

Era urso? ⁽⁵⁾ é uma estória traduzida e adaptada do inglês pelo escritor Esdras do Nascimento e nos conta as aventuras/desventuras de um urso que acorda, depois de um longo inverno, e se assusta pois, no lugar da floresta, havia uma grande fábrica e, embora fosse primavera, não havia flores, árvores nem pássaros, só fumaça. Cada vez mais surpreso, o urso se vê no pátio da fábrica, onde é repreendido pelo vigia que lhe diz:

«— Ei, você aí! Que está fazendo aqui no pátio? Vá trabalhar».

E ele responde:

«— Trabalhar? Eu? Por quê? Não sou operário. Sou apenas um urso».

O vigia soltou uma gargalhada e insistiu em que fosse trabalhar.

«— Olhe aqui! Ou você vai trabalhar agora mesmo, ou eu chamo o chefe. Troque de roupa, tome banho, faça a barba e vá trabalhar. Não quero gente suja aqui na fábrica».

«E levou o urso à sala do chefe», onde a cena se repetiu. O urso afirmava que era urso e o chefe o mandava trabalhar, depois de tomar banho e fazer a barba. Assim ele foi levado ao gabinete do gerente, à sala do diretor, do vice-presidente e tudo se repetiu.

Na suntuosa sala do presidente, cheia de secretárias, o urso acochado pela hierárquica fila, jurou que era urso, diante do que, paternalmente, o presidente sorriu:

«— Calma, meu filho. Você está muito nervoso. Não precisa esconder nada. Sei que você não é um urso. Faça a barba, tome banho, troque de roupa e vá trabalhar».

Quando o urso insiste em afirmar que é urso, o presidente fecha a cara e diz:

«— Deixe de bobagem. Você não é urso coisa nenhuma. E eu posso provar. Os ursos vivem nos circos e zoológicos, não vivem? Pois, então».

Então vão todos ao zoológico e lá, diante da jaula, consultam um urso sobre a identidade do outro que está do lado de fora. O animal enjaulado afirma: «se ele fosse urso estaria aqui dentro, com a gente». E um filhote grita:

«— Você precisa é de um banho. Troque de roupa e vá trabalhar, vagabundo!»

Em seguida vão todos para o circo e a cena se repete. Os animais no picadeiro dizem que aquele não é um urso, pois ele não vive ali com eles, e um ursinho, que estava aprendendo a fazer acrobacias na bicicleta, gritou:

«— Ele precisa deixar de ser bobo e parar com essa mania. Por que vocês não dão um banho nele?»

Diante da rejeição por sua própria espécie, o urso passa a trabalhar na fábrica durante vários meses. Quando chega o inverno e a fábrica se fecha, ele, que «não tinha casa, mulher, nem filhos, não sabia para onde ir». Quando se preparava para hibernar, pensou:

«— Eu não posso entrar nessa toca. Não sou um urso. Sou apenas um homem preguiçoso, que precisa tomar banho, fazer a barba e trocar de roupa».

Quando o frio aumentou e tudo virava gelo, o urso, depois de ter saudades da fábrica, entrou na toca, «deitou-se outra vez de costas, cochilou, dormiu e sonhou... que era um URSO».

Vimos, portanto, que a assimilação de valores atravessa todos os degraus da hierarquia social e atinge a própria espécie e, por último, o próprio urso, aqui a metáfora do ser humano, especialmente do operário e, porque não, de qualquer ser oprimido, dentre eles a criança.

É importante observar que o urso é o diferente, aquele que está fora da ordem instituída e, por isso, a ameaça. É preciso, pois, controlá-lo, como controlados estão aqueles que se encontram enjaulados no zoológico ou domesticados no circo. O circo e o zoológico são assim o lugar que a nossa sociedade reserva para o selvagem, para o diferente, concedendo-lhe o espaço do exotismo, do espetáculo para ser aplaudido sob controle.

Assim é a nossa criança, o receptor passivo de valores que a convencem de que é gente e não urso, de que é obediente, de que é trabalhadeira, de que é branca ou precisa ser, de que é bonita, etc, etc, etc.

Se antes ela era repreendida, não ficava na sala quando havia visitas; hoje, ela ocupa o centro das atenções, representa para ser aplaudida pelas visitas; ou está no zoológico ou no circo, presa ou aplaudida sob controle. Resta-lhe a oportunidade de dormir e sonhar que é criança.

E é aí que vale verificar o papel da literatura infantil como oportunidade do sonho, do diferente ou de reduplicação do real constituído. Logo não nos interessa discutir realismo ou fantasia na literatura para crianças, como se tem feito até agora. Não é discutindo se se deve falar de divórcio ou de fadas que atingiremos o cerne da questão. O problema é verificar, sob a capa de fantasia ou de realismo, que real está se formando na mente da criança com a ajuda do texto produzido para ela.

Vejamos, por exemplo, uma estória de Maria Thereza Cunha de Giácomo, *O burrinho verde*,⁽⁶⁾ metonímia de diversas estórias, entre elas *O patinho feio* e *Dumbo, o elefante voador*.

O burrinho é diferente de seus irmãos: Nevado, o branco e Chocolate, o marron; o que já lhe dificulta ter um nome próprio. Ele era «o grande desgosto na vida de D. Mimososa», sua mãe.

«Por um acaso que nunca se tinha visto no mundo, o caçulinha de D. Mimosa nascera com o pelo verde». E, «por causa de sua cor, ninguém lhe dava atenção».

Já cabe aqui a primeira questão: — A criança recusaria por si só a idéia de um burrinho verde? Ela que aceita que os animais falem, que as fadas existam assim como os gnomos, os anõezinhos, o saci e outros seres que nós já expulsamos de nossa realidade?

O burrinho é excluído do mundo dos outros companheiros que dizem: «— Burro verde não existe no mundo, logo você não existe. E por isso não podemos brincar com você»; além de dizer que só brincam com ele se seu pelo for pintado de branco.

O Burrinho Verde é alvo de risos ou de piedade e, assimilando a discriminação, «chorava em silêncio sua pouca sorte», derramando lágrimas verdes.

A mãe, a despeito do amor que dizia dedicar-lhe, esfregava-o com água e sabão na esperança de mudar-lhe a cor, que, ao contrário do que se esperava, se acentuava mais e mais.

Na ocasião de se procurar emprego, Chocolate e Nevado encontraram logo trabalho enquanto o Burrinho Verde era sempre rejeitado «porque estranharam aquela cor tão esquisita para um burrinho».

O burrinho desaparece e só volta para dar a boa notícia de que vai trabalhar em um circo.

Assim é que o diferente encontrou seu espaço, o circo, onde vai ser aplaudido juntamente com uma minúscula bailarina cor-de-rosa, outro exemplo de exotismo. Chegou o sucesso e com ele a aceitação do burrinho pelo grupo que antes o rejeitava.

O preconceito contra o diferente, no caso, marcado pela cor, é concretizado nessa estória e, como se vê, interiorizado pela própria «vítima». A única forma de se superar tal discriminação é o sucesso e a aceitação de se conservar no espaço que é reservado àquele que está fora dos padrões convencionais.

Observemos que, mesmo sem se falar em negros e brancos, o preconceito de cor foi detonado ou realimentado. Digo «detonado» porque a criança não rejeita o colega de cor diferente

enquanto não aprende a fazer isso estimulada pela sociedade. O adulto ensina à criança a rejeitar o outro ou até a si mesma, se é ela a diferente. Isso me faz lembrar o caso daquela menininha morena que, depois de ouvir elogios e mais elogios à irmãzinha loura de olhos azuis, pede à mãe para pintá-la de branco. E é isso que o negro faz em nossa sociedade quando tenta se branquear, adotando como modelo a aparência do branco, o comportamento do branco, a vida do branco, esquecendo-se de que a diferença não significa inferioridade.

Voltando às estórias infantis, a personagem diferente ou se torna como as outras e até superior a elas, como o cisne de *O patinho feio*, ou ocupa o espaço que lhe é reservado, o zoológico ou o circo, como Dumbo, o elefante de orelhas grandes como asas.

Em nenhum momento, verifica-se a revolta, o questionamento por parte da «vítima»; o que há é o conformismo ou a fuga até que se efetive a aceitação pela comunidade, que só aceita aqueles que são «lindos e bem educadinhos» como os outros burrinhos da estória.

Também ao Cavalo Amarelo, o Belo, personagem da estória do autor mineiro Libério Neves,⁽⁷⁾ foi reservado o espaço do circo. E ele que não se sujeitava às rédeas, porque queria ser livre como o vento, sujeitou-se ao espetáculo, orgulhoso de seu próprio sucesso. Só que sua estória não termina aí como a do Burrinho Verde, ele envelhece e perde a força, a agilidade e até mesmo o brilho da cor, responsável pelo seu sucesso, e, com ela, o respeito das pessoas. Passa a ser alvo de riso ou piedade. Ouvindo as palmas que não são mais para ele, caminha e vai morrer no centro do picadeiro. Sua morte é a fuga do fracasso advindo com a velhice. Ele se ilumina, sai voando pelo picadeiro e sobe pelos ares, «um cometa galopando no céu maior da fantasia».

Um novo elemento foi acrescentado nessa estória: a função da fantasia, a morte como oportunidade de transcendência. Os valores em jogo, porém, são os mesmos, o sucesso e o aplauso advindos do espetáculo vivido por aquele que é diferente.

Como na sociedade em que vivemos, o velho se sente inútil porque não produz mais e não tem o reconhecimento do grupo social de que faz parte. A morte ou a fantasia são também formas de evasão, de fuga, de escapismo.

Várias outras estórias mostram a exclusão daquele que foge ao modelo reconhecido como ideal, ora rejeitando-o, ora tratando-o como um ser exótico, digno de ser observado.

Maria Mazetti, em *Coisa de lata com choro de prata*,⁽⁸⁾ mostra a exclusão do Tartaruguinho Renato após ter bebido luarex, «uma coisa parecida com leite, mas que é luar derretido». Os bichinhos não quiseram brincar com ele, porque ele ficou branquinho, «parecido com tampa de alumínio»; e o papagaio Currupaco, o locutor da floresta, chamou todos para ver «uma coisa de lata que chora um chorinho de prata». Todos formaram fila para ver o Tartaruguinho Renato, que só foi reconhecido e aceito pela mãe. Mas mesmo esta se propõe buscar graxa marron de engraxar sapato para engraxar o seu filhinho. Renato passa a rir «riso de guiso» de alegria pela expectativa de voltar a ser como antes. Chega, então, Dona Lua que retira o luarex «e o tartaruguinho Renato virou ele de novo».

Mesmo com a magia de *O Cavalo Amarelo* ou *Coisa de lata com choro de prata*, há sempre o predomínio do mesmo e a recusa do diferente.

É interessante observar o lugar ocupado pela mãe nas diversas estórias, aquela que reconhece e aceita o filho de qualquer forma, mas sempre se apressa a favorecer sua uniformização, mudando-lhe a cor ou inserindo-o no seu espaço demarcado. O conceito de amor é, então, bem delimitado: ama-se sempre, mas não há a aceitação do filho como ele é, pois há assimilação do sentimento de inferioridade, quando se partilha a dor, a tristeza de ser excluído. E só se sente orgulho do filho quando vem o sucesso e o reconhecimento da comunidade.

Seria interessante verificar se há estórias em que não se dá a exclusão do diferente. Vejamos, por exemplo, a estória *Asa Curta* ⁽⁹⁾ de Gilberto Mansur.

Asa Curta, um velho e sábio pássaro, não sabia voar e se entristecia por isso. Ele sabia fazer muitas coisas, dançar, cantar.

«Mas do que adiantava fazer tudo isso e muito mais que ele sabia fazer e só não fazia porque senão os outros iam pensar que ele era um passarinho louco — de que adiantava fazer tudo isso, se ele não sabia fazer o que o mais novo e o mais analfabeto dos passarinhos de qualquer floresta ou de qualquer cidade era capaz de fazer? De que adiantava ser o passarinho mais famoso que já houve na terra dos passarinhos, se ele não sabia voar?».

Asa Curta era um douto pássaro, mas não se sentia feliz e escondia dos outros o seu segredo, só partilhado com sua amiga a Andorinha Veloz, que o consolava:

«— Mas você é o passarinho mais perfeito que todo mundo já viu, Asa Curta! Sabe fazer casa como o João de Barro, canta que nem Curió. E, depois, ainda é artista de dar inveja a toda gente».

É interessante observar que Asa Curta «era mesmo um artista, desses de ganhar prêmio em televisão: dava cambalhota como gente de circo, levantava galho de árvore com uma pata só, imitava voz de homem e de mulher, assoviava comendo alpiste...» Mas a integração não se dá pelo exotismo e ele carrega as marcas da exclusão: «era um passarinho assim: solteiro, muito velho, muito artista, muito invejado e muito infeliz».

Mas a estória tem final feliz e Asa Curta passa a se chamar Asa Comprida depois de ser nomeado Conselheiro Oficial dos pássaros. Vencendo a inveja e o ciúme de alguns, partilhando seu segredo, com o apoio dos amigos, ele conseguiu demonstrar que há outras maneiras de voar — «com o pensamento, com a inteligência, com a memória, com a imaginação».

Pôde-se perceber, portanto, que aqui a integração se deu não pela força ou pelo exotismo, mas pelo saber, pelo conhecimento adquirido nas experiências vividas e nos livros: o que nos leva a concluir que permanece a exclusão do diferente que precisa se impor de alguma forma para ser aceito pelo grupo. Em nenhuma das estórias lidas a personagem foi aceita independentemente de sua diferença, permanece a lógica de nossa sociedade, pautada pelo senso-comum, o bom senso. E é esse senso-

comum, esse bom-senso que as crianças absorvem e reproduzem, reproduzindo as normas sociais vigentes.

Mas não há porque invalidar tais produções culturais, seria muito simplista essa atitude porque redutora da complexidade da situação vivida pela criança. É importante considerar não apenas o texto mas todo o processo de leitura, envolvendo autor/texto/leitor/contexto. O texto é, pois, um lugar de interações de elementos diversos ligados ao momento da produção e do momento da recepção. Ele é resultado de uma leitura do mundo ⁽¹⁰⁾ e a origem de outras leituras mediadas por outros contextos. O importante é, pois, respeitar a criança enquanto leitor, enquanto o outro que é diferente, mas não é inferior.

A criança é um ser que questiona sempre, faz perguntas e mais perguntas e não está interessada em fornecer respostas é, portanto, o leitor por excelência. Se nós, «os colonizadores» — pais, professores, escritores, vítimas do mesmo processo, — conseguíssemos respeitar a capacidade dos «colonizados», não exterminando o que eles têm de mais peculiar, a capacidade de fazer perguntas, de criar, de perceber o mundo sob uma ótica diferente da nossa, estaríamos cooperando para a instauração de uma ordem com semelhanças e diferenças e, portanto, mais fecunda. O caminho, para isso, é a reflexão crítica, o pensar sobre o mundo em que vivemos, dando primazia à pergunta e não à resposta cristalizada, deixando a criança conviver com o adulto, o princípio do prazer conviver com o princípio da realidade, o não-senso conviver com o senso-comum.

O adulto tem como hábito desprezar a capacidade da criança e querer dirigi-la sempre. Certa feita, como professora de 5a. série do I grau, pedi aos alunos que escrevessem tudo que lhes viesse à cabeça, tudo o que pensassem; ao que o aluno retrucou: «— Mas como vou escrever? Mamãe disse que criança não pensa». Eis o urso que se acredita homem. É mais fácil conduzir um operário que um urso, é mais cômodo ser mãe de uma criança que acha que não pensa.

Um outro aspecto importante a se considerar é que, muitas vezes, a criança quer ser o excluído. Observe-se que não falo

da identificação catártica do excluído que se projeta no personagem liberando suas frustrações e seus anseios, o patinho feio que acredita que, mais cedo ou mais tarde, será um cisne formoso, ou o menino pobre que, por suas proezas, vai se casar com a princesa e tornar-se um poderoso rei. Falo da criança que quer sair da domesticidade e sonha que é urso. Meus filhos brincam de «menino da rua». «— Faz de conta que nós não temos mãe e vivemos na rua, com fome e sem brinquedos».

Podemos nos perguntar: — o que atrai as crianças protegidas na vida das outras? — o que as leva a querer, no sonho, a passar para o outro lado? Seria a mesma coisa que leva o aluno a detestar a escola e pedir de presente de natal poder abandonar o colégio?

A nossa escola reprova, rejeita, exclui e rotula todo aquele que não for capaz de assimilar e reproduzir o que ela se propõe a ensinar e não se preocupa em fazer florescer outros valores que cada indivíduo tem por desenvolver. É a relação colonizadora e cabe a nós questionar tal situação, buscando não matar o poeta que cada criança é, refletindo com elas e como elas:

— Por que o burrinho verde era rejeitado?

— Será que ele só deveria ser amado depois do sucesso no circo?

— Só as pessoas importantes dever ser respeitadas? — O que é ser importante?

Acho que é preciso aprender com Alice, a do país das maravilhas, a atravessar o espelho inserindo-se no mundo do não-senso, porque só o não-senso é capaz de questionar o senso-comum. É preciso aprender com Nhinhinha,⁽¹¹⁾ personagem de Guimarães Rosa, a fazer sem se preocupar com a transitividade do verbo, «estou fa-a-zendo...», pois a criança faz, cria como o poeta (o termo *poiesis*, significa fazer). É preciso aprender com Miguilim⁽¹²⁾ a ver o mundo através de óculos novos que ampliam os horizontes. Em suma é preciso querer mais aprender que ensinar, sem querer se investir em autoridade constituída, em conselheiro oficial da criançada.

Se a arte é o lugar reservado pela sociedade para o não-senso, como categoria estanque, pertinente ao circo e ao zoológico, o escritor, muitas vezes, se arvora em dono do espetáculo ou conselheiro oficial do grupo, trazendo a arte para reforçar o senso-comum, mesmo quando pensa estar alimentando a fantasia, o sonho.

Sonhar é preciso, mas pensar também é preciso e a arte pode fundir os dois, como a criança, trazendo o outro para o lado de cá, levando o mesmo, o eu para o lado de lá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KLINEBER, Otto. Cultura e culturas em um mundo em mutação. IN: **O Correio da Unesco**. Rio, Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura/Fund. Getúlio Vargas, 1982. Ano 10, nº 9.
2. Sobre esse assunto pode-se consultar o artigo acima citado, além de: VELHO, Gilberto. O conceito de cultura e o estado das sociedades complexas. IN: **Artefato: um jornal de cultura**. Rio, Conselho Estadual de Cultura, 1978. Ano I, nº 1.
3. MONTAIGNE, Michel de. De l'institution des enfants. Essai XXVI — livre I. IN: **Essais**. Paris, Gallimard, 1965, p. 183.
4. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. Ver também **A educação como prática da liberdade**, da mesma editora.
5. NASCIMENTO, Esdras do. **Era urso?** Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d. Baseado na história original de Frank Tashin — **The bear that wasn't**.
6. GIÁCOMO, Maria Thereza Cunha de. **O burrinho verde**. São Paulo, Melhoramentos, 1983.
7. NEVES, Silvério. **O Cavalo Amarelo**. Belo Horizonte, Vigília, 1983.
8. MAZETTI, Maria. **Coisa de lata com choro de prata**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1968.
9. MANSUR, Gilberto. **Asa Curta**. São Paulo, Vertente, 1977.
10. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler — em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez, 1982.
11. ROSA, Guimarães. **A menina de lá**. IN: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
12. ROSA, Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. Rio, José Olympio, 1979.

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

...the ... of ...

RL

revista literária

RESENHA

1948

1949

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 18º Concurso de Contos e de Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 483 trabalhos, sendo 27 conjuntos de contos — no total de 80 contos — e 80 conjuntos de poemas — no total de 403 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 107 alunos das unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais, assim distribuídos: Colégio Técnico 7; Escola de Arquitetura 4; Escola de Belas Artes 3; Escola de Engenharia 6: (Civil 3; Civil Sanitária 2 e Mecânica 1). Escola de Música 2; Faculdade de Ciências Econômicas 2. (Ciências Econômicas 1; Ciências Contábeis 1). Faculdade de Direito 8: (Graduação 7; Doutorado 1). Faculdade de Farmácia 2; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 20: (Psicologia 6; Filosofia 8; Comunicação Social 3; História 3; Mestrado em Filosofia 2). Faculdade de Letras 26; Faculdade de Medicina 10; Faculdade de Odontologia 2; Hospital das Clínicas 1: (Residente em Medicina Social 1). Instituto de Ciências Biológicas 5; Instituto de Ciências Exatas 6; Instituto de Geociências 1: (Geologia 1).

Em dezoito concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATISTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	198	255
1967	102	57	146	164
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
1983	107	80	403	483
TOTAL	2.236	1.604	6.238	7.842

A relação dos 483 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

18.º CONCURSO DE CONTOS E POEMAS - 1983**CONTOS**

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
01 —	Vingança Sonhos no Espelho — 3º lugar Imagem	Adriana Borges
02 —	Corpo Estranho Milagre Parágrafe — 2º lugar	Agapanto HP
03 —	Bílis Gerando Iris	Atilio
04 —	Mundo-Cão Auto-História Fantasmária	Bidi
05 —	Catarina e os Botões Bá Acalanto	Cacilda
06 —	Fé Cega O Pé de Flor Sentença	Chiquinha Gonzaga
07 —	Uma Estranha Coleção Foto Mania Peregrinos	Cristo Sem Bigodes
08 —	O Sortilégio da Violeta - M. Honrosa No Averso da Solidão A Bruxa da Meia-Noite	Dáfnis
09 —	Pão com Salame Olha que eu contol Aí, Né!	Eclipse Total
10 —	Girando Loucura Clarice	Eu

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
11	— Fugindo da Loucura Médicos e Métodos Esquecendo a Pretendente	George Espada
12	— O Olho Vazio Den Mand Der Ikke Mätte Do Uma Quarta-Feira Antiga - 1º lugar	Iauaretê
13	— As esposas mortas: Um George Stevens sobre um bancário aposentado pelo INPS - M. Honrosa Os mistérios de Meu Deus A Casamarela	José Brieiro
14	— O Despertar Entrevista	Juvenal Galeno
15	— Sem Palavras Sono é Pão Duas Histórias sem Banha	Líbia
16	— Berenice Olhos de João, Pés de Maria Coração de Helena	Luiza Helena Purcino
17	— A Fera Malvinda A Energia Elétrica	Marília Beatriz
18	— Nascer ou Não... Eis a Questão O Gato que Ria Utopia	Meg
19	— Crisálida Motim «A Muito Branca Margarida Morta na Praça»	Molime
20	— Haja Pulmões O Shoppinfilico O Ataque de Riso	Oz
21	— O Jogador O Desencontro Calau	Paulo Carlos Bueno

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
22 —	Os Castiçais A Viagem A Mala	Pégaso
23 —	O que você sente por mim? O Morador Tarde de Autógrafos	Perereca
24 —	Lembranças A Volta Para Sempre	Runi
25 —	Um disco mais ou menos voador O Vale da Imortalidade Uma caçada diferente	Vejotacê
26 —	Nas margens do caderno - M. H. A raça Manuscrito encontrado com o cadáver ou As Garras	Vou Lançar um Missil. O alvo é um avião da Korean Air Lines
27 —	Uma viagem Primavera A Fantasia	Z Mares

P O E M A S

01 —	Avenida Brasil Revés Pulo da Gata XII Cantos (O Som, A Fúria, A Vida Real)	Abreu
02 —	A Poesia Algumas Certezas Do Primário a Geopolítica Uma Música O Prefeito de Budapest	Adolfo Magno
03 —	Turbilhão Inês, Inexistente Sônia, Insônia Diversos Fim de Tarde	Albatroz

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
04 —	Ninhada de escorpiões... Dói demais o braço... Um Pijama para dois - M. H. Inventário Segunda, 7	Alvares
05 —	Conversas Estações e Interiores Fim de tarde, esse voo Solidão Via Sacra	Ana Rosa
06 —	Casa com Luz Trêmula... Phantasia «A» (inicial) Phantasia «Erri» Phantasia «Êmi» (a ingenuidade, essa santa) Phantasia «A» (final — O Trem de Montes Claros) Xis da questão: (o poeta disse ao ofício, o poeta tem este vício)	Arma
07 —	Acolhida Arco e Flecha Certeza Jacto Uma Casa Símile	Aro
08 —	Aviso a um pacato cidadão Uma Estorinha à toa Poema do exílio Poema de Segunda-Feira - 2º lugar A Ana espalhou retratos pela casa inteira...	Augusto Franco
09 —	Palavras Tapete Persa Perguntas Insônia Menires Murmúrios	Byron

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
10 —	Geração Estilhaçada Solidão Amor Nunca Mais Desatino	Cacá
11 —	1964 (Me reduzo a ver os personagens de TV) Movimento Das Margens Rotação Momento em que se acendem as luzes num subúrbio	Cadu
12 —	Se Estrela Rose Rosa Sete Chaves Caminhante	Carlos Maciel
13 —	O Profeta de hoje Previsão Numa Tarde Apesar de você, eu vivo Relaxe	Charles Boreo
14 —	Rua Guaycurus Lugar Dizer-se Crime da Mala Família	Cirilo
15 —	Vamos passear? Adeus... Latente Prá Qué? Eterna Ressaca	Cigano
16 —	Vida, A Canção Lembranças Reencontro Em minhas mãos, teus olhos Morte no Caminho	Dinho

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
17	— Sonhorizonte Poeminas Aqueles Olhos Negros Chorar das Minas	Ébano do Eldorado
18	— Vila Sevira — Maria Fumaça Infantíllssimo Desejo Filho Vila Sevira — a estamperia	Eclipse Total
19	— E Ela pensava:... O gato Os pivetes na rua:... Quando sinto o mundo...	Fenamara
20	— Guerreiras Encontro O Palco Promessa Arremate para uma Paixão	Ferdinanda
21	— Limites A Sabedoria A Última Oportunidade Verdade Tudo, Nada	Fifa
22	— Matemática Vital Será Arte? Oposição Feira de Fantasias Consciência Oculta	Fofoca
23	— Retrospectiva Outubro Noturno nº 0 - Menção Honrosa Sandramara Poema de 2 de Novembro	Gorda-e-Nova
24	— Clube Princesa Isabel Rosa de Ouro Abandonar-se - Menção Honrosa Balanço Duo... Sem tinta, carvão ou pó...	Gregório

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
25	— Rabiscos Amigo Pinho Suicida Parado	Ira
26	— Perfil de Minas Vestibular Onipresença Carta ao (plano) Piloto Sonho	Jaka
27	— 4 Estações de Um Enigma: — Criação — Primavera — Verão — Outono — Inverno	Jeremias
28	— Os Verbos e a Vida Necessidade Eterna Esperança Amar A Roda	João
29	— Ser-Fragmentado-Ser No Ar o Pássaro Amor-Vida Momento-Eterno-Momento Todo esse mundo doce	João Antônio
30	— Cinco Estudos sobre a Genealogia das coisas: — Genealogia da Cor — Genealogia do Objeto — Genealogia do Homem — Genealogia da Morte — Conclusão	J. B. Criall
31	— Poementre Trechos - «da tuberculose galopante de um romântico pós-moderno» Estado de sítio O lugar dos bichos Assim dura-me longa madrugada...	José Brieiro

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
32	— Sonhei com você Amor Atávico Insônia Momento Monólogo Mineiro	Juvenal Galeno
33	— Rotina Lágrimas Aquário Definição Um Poema Cumplicadu	Karina Rodrigues
34	— Vento Noturno Tereza Revés Lamento Menina da Beira D'Água	Lecro Vaia
35	— Drogas Homens Sombras Noturnas Contestação Depois	Lela
36	— Abismo Contraste (Sem Título) Busquemos Interiores	Licar Teixeira
37	— Modernismo Festa Junina Recado Autodestruição Sinal Fechado	Lino Costa
38	— Canto no Encontro Rua Chuva Fina Se a Carapuça Serviu Abotoa Chama Vitae	Lucas

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
39	— Amanhã Cedo Eterno Dó Maluco Eu Águas Sonhado	Lucca Boliere
40	— Mirante Querença Pedra Cavaco Sob o Juízo dos Olhos Casa Nossa	Luiza Helena Purcino
41	— Sol Clímax Psicodélico Na Teia Meu Prato Predileto Reflexos	Lyz
42	— Correria Paixão Salgada O Ladrão Dilema Baile	Mac Donald
43	— Inspiração Murmúrio Acalentado Lamento O Norte de Minas Verdade	Mahatma
44	— Nascente Jazigo dos Bens Sucedidos Casos Esquecidos Poente Enigma	Marcus Apigara
45	— Cabeças de Vento Sentimentos Perdidos Soneto ao Averso In-Fecundo Ultimátum	Mariá

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
46 —	Assim Angústia Viandante Desenamorado Conceito de Vozes	Mathias Novo Mundo
47 —	Elegia de Inverno Cantata Das Tuas Mãos Solidão À Sombra da Castanheira	Matusalém
48 —	Pirulito Descanso Caminhando III Caminhando II Caminhando I	Maurinha
49 —	Projecto que Sobreviveu Súplica Traste Humano O Louco e o Bêbado A Bela e a Fera	Meg
50 —	Conceito Estorinha Matreira - 3º lugar Querências Testemunho Gestação	Melina
51 —	Solidão Viagem 20 Anos De Mãos Limpas Poesia	Meroveu D'Alcântara
52 —	Sereno Azul Multidão Vazia Por Entre Caminhos Florir Amor Ciclo Silêncio	Mimo do PSEU

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
53 —	Exéquias do Amor Dona Adelaide «Conto — Dimim» Presente Imagem & Semelhança	Molime
54 —	Grito Nº 3 O Tamanho do Mundo Psiu! Um Título para um Pequeno Poema	Nadolivre
55 —	Zero Natal Amanhecendo Ópio Poeminha Qualquer	Navago
56 —	O Canto do Homem Sol (Culto dos Orixás, Revolucion e Cristianismo) Diário de Espírito Paisagem Exílio Menino Velho	Nicarágua
57 —	O Educandário do Poeta... Um dia a Grama... Ave Maria... Súbito Uma Aranha... Eu Queria Sempre Não Estar Doente... O Educandário do Poeta...	Nicolay Ed.
58 —	O Fio da Meada O Plano Futuramor Terra Vôo	Oz
59 —	Translação-in (versão) Fazenda Out-door Contra-revolução Nos mares das Índias...	Pão de Queijo

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
60	— Temores Mononylon-6-0 A Viúva Negra Canção da Liberdade Folhas Secas	Pau Pereira
61	— Piegas Quae Sera Tamem Autropofagia Consulta Verão Album de Família	Pseudônimo
62	— Mergulho Giramundo Poetinha Amanteigada Nascendo	Qualquer Eu
63	— A terra da estrada redescoberta... Essa rede embala... O teu brilho é de pedra negra e prata... Sol da selva, da cimalha... Um regato...	Ricardo
64	— Vago pelo Tempo Errante, Descrente das Profecias Esses momentos de crise passarão para a história A juventude é nossa bandeira Minas Gerais... Minas Gerais... Minas Gerais Mistificado	Robslo's
65	— A Cada Momento Flor do Corpo Inspiração Tempo de ser Adulto Obscuro Desejo	Rubinho
66	— Exortação Vestes-Sentinela «Fogo-Fátuo» Visão do Mundo «Flor Selvagem»	Sheherazade

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
67 —	Amor Cactus O Homem dos Sapatos Vulcabrás Tais Palavras Amarelo e Roxo	Sofia
68 —	Sina de Cismar Prece Moradia Iniciação do Poema O mecanismo do Tempo	Souza Franco
69 —	Dia Do Vento ao Eu Paz Libertinagem Inocente	Suase
70 —	Herança Evocação Chão de Parto Sobre Miriam	Tantor
71 —	Os Sentidos: — Audição — Olfato — Paladar — Tato — Visão - 1º lugar	Tareco Dipô Vivenda
72 —	Noturna Embriaguês Arribação Me-Dir(S)ão Filha Cotidiano do Amor	Tatá
73 —	Historieta Recontada Narcisos Poesia Thiago Água	Thiago P.

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
74	Histórias: — Segundo o Mágico de Oz — As Folhas Amarelas — Quando Bébi bateu as botas — En un lugar de la Mancha — A manhã e o Ocaso	Três
75	Sábado de um Brasil 22 de Outubro de 1983 O pedido Semente Branco (e pretexto)...	Triangular
76	Viver um desamor... Amarga Mariana... Descobrimento do Brasil! Avaliação... Atenção...	Vênus
77	Pano de Fundo Quando Tudo deve dormir No Trono da Rainha, a Mulher Uma Garota Orgulhosa O Descanso do Guerreiro	Virgilius
78	Feiúra para todos Minha mudez, papai Crise Esperança Casa Doente	Xerife Ricardo
79	Encaixe Faça de Conta Possessivos Uns Dez Mandamentos Quadrado	Z Mares
80	Favela Amanhecer O Homem A Mulher Crianças	Zezim

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- Anjo Tardio**, de Romério Rômulo. Edição do Autor, Ouro Preto, 1979
- Um sertão diferente**, de Alaôr Eduardo Scisínio, Achlamé, Rio, 1983
- Buenos Dias, Mr. Ludwig**, de Raimundo C. Caruso, Belja-folr, Curitiba
- O pêndulo do relógio**, de Charles Kiefer, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1984
- Gesto cortado**, de J. N. Bedran. Edições do Autor, Belo Horizonte, MG. 1984
- Real e sonial**, de Tadeu Azevedo, (ed. sem referência), 1983
- Ei, você**, de Paulo Poeta, Módulo Stúdio, Rio, 1981
- O Catolé**, n°s 61, 63 e 64, Fortaleza, 1984
- Chuvisco**, de Maria de Lourdes Reis, Brasília, 1980
- A gente é notícia**, n°s 6 e 7, Itaberaba, 1984
- The centennial Rewiew**, do College of Arts and Letters, Michigan, EUA, n°s 2, Spring, 3, Summer-1982; n° 4, Fall-1983; n° 1, Winter-1984
- A Troca Carioca**, boletim de divulgação do Clube Carioca de Trova, n°s 4 e 5, Rio, 1984
- Azeitonas sem empadas**, de Eno Teodoro Wanke, Edições Plaquette, Rio, 1984
- Dicionário de Cacófatos**, de Eno Teodoro Wanke. Edições Plaquette, Rio, 1984
- Literatura de cordel**, n° 1690 (Mário Linário Leal — sua vida e suas obras, sua mensagem de fé) de Rodolfo Coelho Cavalcanti, 1984
- Correio esporista**, n° 2, Campo Grande, RJ, 1984
- O momento**, Corumbá, MS, 1984

- Trapos de manga**, de Enos Teodoro Wanke, Edições Plaquette, Rio, 1984
- A explosão atônita**, de Enos Teodoro Wanke, Edições Plaquette, Rio, 1984
- Jerusalém**, n°s 29, 30, 31, São Paulo, 1984
- Diário da Manhã**, Corumbé, 1984
- Jornal da Taturana**, SP, maio-junho-84
- Recherches études comparatistes ibero-françaises de la Sorbonne nouvelle**, n° 4, Paris, 1982
- Estridentismo/estridentistas**, de Stefan Baciu, Honolulu, 1983
- Mele**, Carta Internacional de Poesia, XVII/64, Honolulu, 1983
- Cuadernos Hispanoamericanos**, Revista Mensal de Cultura Hispânica, Instituto de Cooperação Iberoamericana, n°s. 372, junho/81; 396, junho/83; 397, julho/83 e 398, agosto/83; Madrid-Espanha
- Dimensão**, Revista de Poesia, n°s. 4, 5-82; 8-84; Uberaba, MG
- Instante de paixão**, de Edelcio Smargiassi, Comunicação, BH-MG, 1983
- Colóquio/Letras**, da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa-Portugal, n° 74, julho-83
- The Yale Review**, da Universidade de Minnesota, Minneapolis, EUA, n°s 4, Summer, 1981; 1, Autumn, 1982; 1, Autumn, 1983; 4, Summer, 1983.
- Nuevo Hispanismo**, da Universidade Internacional Menéndez Pelayo, n° 1, Madrid, Espanha, Inverno, 1982
- Courrier du Centre International d'études poétique**, n°s 156-157, Poésies du Brésil, Bruxelas, Bélgica, 1983
- Boletín de la Academia de Ciencias Políticas y Sociales**, n° 89, Caracas, Venezuela, 1982
- Revista de Poesia e Crítica**, n° 8, Brasília, SP, Rio, 1982
- Études portugaises et brésiliennes**, do Centro de Estudos Hispânicos, Hispano-americanos e Luso-brasileiros da Universidade de Haute Bretagne, n°s XVII e XIX, 1982, Rennes, França.
- Clarín y sus editores, 1884-1893**, do Centro de Estudos Hispânicos, Hispano-americanos e Luso-brasileiros da Universidade de Hautes Bretagne, 1981
- Revista Literália**, n° especial, Carangola, julho/1982

- Recanto**, publicação Canto Livre de Arte, nº 5, Belo Horizonte, MG, março-1983
- Ejá**, pron. pess., de Cláudio Nunes Morais (1978-1982), abril-82
- Boletim da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas — SEAF**, nº 1, Belo Horizonte-MG, 1982
- Sin Nombre**, vol. X, nºs 3 e 4, San Juan, Puerto Rico
- Olhos, peixes, navegantes**, de Geraldo Dias da Luz, Editora do Escritor, São Paulo-SP
- Alma Demente**, de Maryland Faillace, Santos-83
- 2º Festival de Poesia dt Embu**, setembro-1983
- A Menopausa das Pitangas**, de Eno Teodoro Wanke, Livrote nº 25, Edições Plaquette, RJ, Janeiro-1984
- As Redondinhas Redondas, Trovas**, de Eno Teodoro Wanke, Edição da Febet, Rio de Janeiro, dezembro-1983
- Sumário Actual de Revistas**, nºs. 25, janeiro, fevereiro-1977 e 26, março, abril-1977, nº 38 julho-dezembro-1979 do Instituto de Cultura Hispânica, Biblioteca Hispânica, Madrid, Espanha
- Stromata**, da Faculdade de Filosofia e Teologia, Universidade de Salvador, São Miguel, Argentina, Ano XXXIX — julho-dezembro-1983, nºs 1-2 3-4
- Humanidades**, da Universidade de San Carlos de Guatelama, Vol. VI, 1968, setembro 1969, Fascículos 1-8 e 1970-1979, Fascículos 9-18
- Sumário Actual de Revistas**, da Biblioteca Hispânica del Instituto de Cooperacion Iberoamericana, Madrid, Espanha; nºs 35-36 — setembro-dezembro-78; 37 — janeiro-junho-79
- Impressões da Aurora**, poemas de Wesley Proest, fotografias de João Evangelista. Impressão Gráfica Arte Livre, out-1983, Belo Horizonte, MG
- Franciscanum**, Revista das Ciências do Espírito, da Universidade de São Boaventura, Bogotá, Colômbia, maio-agosto-1983

CARTAS

Algumas críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG

«Publicação interessante e de boa qualidade, sem compromisso com consumismo ou ideologias, mais uma prova de que trabalhar em silêncio, dá bons resultados».

Gisleyne C. Campestrin, São Paulo — SP

«Material, às vezes excelente, que me faz pensar na página «Tribuna das Letras» da velha «Tribuna da Imprensa», onde costumavam colaborar Vitto Santos, Dalton Trevisan, Assis Brasil, Harry Louis, Lélia Coelho Frota, Arino Peres, Paulo Hecher Filho, Paulo Gomide, José Artur Rios, Hermano Alves. Wander Pirolli, Osman Luis».

Stefan Baclu, Universidade do Hawai, Manoa

«No que diz respeito à reestruturação da RL, penso que seria preferível manter a linha que vem sendo seguida até então, por se tratar de diretrizes muito bem elaboradas e já tradicionais em nosso meio».

Maria do Carmo Lanna Figueiredo — BH, MG

«Acho também que a Revista deveria conter, em proporções iguais por número, ficção, poesia e ensaio, bem como outro tipo de material comum a revistas literárias, tais como: comentários, resenha de livros, informes sobre literatura, entrevistas com figuras significativas no meio literário, etc. Sua função primordial deveria ser a divulgação de trabalho do corpo discente da UFMG entre o mesmo corpo discente e entre os corpos discentes de outras Universidades nacionais e estrangeiras».

Leticia Malard. Belo Horizonte, MG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



IMPrensa UNIVERSITARIA

Caixa Postal 1.621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT
5712 S. UNIVERSITY AVE.
CHICAGO, ILL. 60637

PHYSICS 351

PROFESSOR ROBERT A. SERBER

1998

PHYSICS 351: QUANTUM MECHANICS

